

AMN

УПРОДЪЛЪ ГЛЪВЪНЪТО



SEPULCRO

KATE MOSSE

Parte III •

Parte IX •

Parte IV •

Parte V •



SEPULTURA

Si par une nuit lourde et sombre

Et des sorci

Ères faméliques,

Les ébats des vieillards lubriques

Et les complots des noirs filous

Em constantes comoções,

Hás de ouvir lobos uivar,

Das bruxas o praguejar,

A alma do outro é uma floresta sombria
em que convém caminhar com
precaução.

Carta de 1891

Esta história começa numa cidade de ossos. Nas vielas dos mortos. Nas silenciosas alamedas, passeios e becos do Cemitério de Montmartre, em Paris, lugar habitado por túmulos e anjos de pedra, e pelos fantasmas errantes dos que foram esquecidos antes mesmo de

parca, de véus escuros e fraques, botas
polidas e guarda-chuvas extravagantes,
para proteger da chuva atípica de março.

Léonie estava parada ao lado da
sepultura aberta, junto do irmão e da
mãe, cujo halo morto obscurecido atrás do

Fora levar as últimas homenagens à amada de seu irmão, uma mulher que jamais conhecera em vida. Para apoiar o irmão em seu luto.

Os olhos de Léonie fixaram-se no caixão que baixava à terra úmida em que vivem

repouso sobre o cabo de prata da bengala de mogno. Mãos capazes de envolver uma cintura, puxar uma amante para perto, acariciar um rosto pálido.

Ele observava, com uma expressão de grande intensidade no rosto. As pupilas

Léonie deixou cair a flor recém-colhida
no Parque Monceau naquela manhã,
uma rosa da saudade. O botão desceu
espiralando, desceu pelo ar gelado, um
lampejo de branco a escapar lentamente
dos dedos enluvados de preto.

meses anteriores de perseguição e tragédia, eles pudessem deixar tudo para trás.

Pudessem sair das sombras e recomeçar a viver.

moveu dentro do sepulcro de pedra.
Esquecido desde muito nas aleias de
vegetação alta e emaranhada da
Herdade do Cade, algo despertou.

Para um observador distraído, não
pareceria mais do que um truque de luz

parisiense, mas com um baralho de cartas.

O Livro de Imagens do Diabo.

PARTE I

PARIS

Onde está ele?

O crepúsculo envolvia a Place de
l'Opéra numa se-dosa luz azul.

Léonie franziu a testa. Aquilo era mesmo

uma plateia elegante de noite de estreia,
um público sofisticado que estava ali
para ver e ser visto.

E nada de Anatole.

em que um nervoso rei francês buscava
uma rota segura e direta para sua
diversão noturna. Os lampiões piscavam
à luz crepuscular e quadrados de luz
aconchegante derrama-vam-se das
janelas iluminadas dos cafés e dos

Outro ônibus puxado por cavalos passou entre Léonie e a magnífica fachada do Palais Garnier, a caminho do Boulevard Haussmann, com o condutor assobiando no andar superior enquanto perfurava os

çamento. Seriam de Saint-Gervais ou de outra igreja próxima?

Léonie encolheu de leve os ombros, os olhos num lampejo de frustração, depois euforia

Dentro do teatro lírico, os lustres de cristal reluziam magnificamente. Tudo era luz e elegância, uma ocasião que não se podia perder.

menina que agora tinha a sorte de ser dotada dos traços refinados e da coloração nostálgica que eram tidos em alta conta por monsieur Moreau e seus amigos pré-rafaelitas.

das travessas e caído sobre seus ombros nus. Seus deslumbrantes olhos verdes, emoldurados por longos cílios castanho-avermelhados, faiscavam de raiva e ousadia.

Confinada no espartilho, sua respiração ficou entrecortada, enquanto o coração batia como um metrônomo acelerado.

Mesmo assim, Léonie não afrouxou o passo. Mais adiante, viu funcionar os

mente tragado pelos tapetes felpudos e
por fileira após fileira de assentos
forrados de veludo vermelho.

As conhecidas escapadas de sopros e
metais, escalas, arpeios e fragmentos da

Os lugares eram na primeira fila, dois dos melhores do teatro, cortesia do amigo compositor de Anatole e vizinho de ambos, Achille Debussy. Ao passar, Léonie viu, à esquerda e à direita, fileiras de cartolas pretas, arranjos de plumas

expectativa de distúrbios futuros.

Sentiu um leve arrepio na nuca. A plateia estava em guarda, como podia perceber nos olhares esquivos e nas expressões desconfiadas em quase

poltrona. Levou algum tempo para se
ajeitar e olhou para os vizinhos. À
esquerda estavam uma matrona cheia
de joias e seu marido idoso, cujos olhos
lacrimosos quase desapareciam sob as
grossas sobrancelhas brancas. As mãos

Ocorreu a Léonie que era estranho todos usarem luvas de couro, que deviam ser incomodamente quentes.

Depois, um deles virou a cabeça e a encarou. Ela enrubescceu e, fixando os

desculpas para o irmão, o mais provável
era que fosse uma questão de
impontualidade.

*Como tem acontecido muitas vezes,
ultimamente*

muitos dos amigos e conhecidos e se
atirava no trabalho.

*Mas hoje ele me prometeu que não se
atrasaria.*

nervosismo, não estar sentada tão perto deles.

O maestro fez uma profunda mesura e se voltou para o palco.

Wagner encheram os vastos espaços do
Palais Garnier.

A poltrona a seu lado continuou vazia.

dizendo.

Manteve os olhos resolutamente fixos no poço da orquestra e procurou ignorar cada novo assobio ou murmúrio. Mas, à medida que prosseguia a abertura, uma

à apresentação de qualquer compositor que não seja francês. Patriotas musicais, é o que dizem ser. Em princípio, tenho certa simpatia, mas não é essa a maneira de proceder.

de pé, numa cacofonia de assobios, vaias e palmas lentas. Uma onda de reprovação varreu as fileiras da plateia e da galeria, enfrentada por outras explosões de protestos. Depois, incitado pelos manifestantes, veio um refrão que

apresentação fosse perturbada, ao mesmo tempo ela não pôde negar que aquilo era excitante. Estava testemunhando o tipo de acontecimento do qual, em circunstâncias normais, apenas teria notícia nas páginas de / e

Mas o clima do protesto começou a mudar.

O elenco, pálido e inseguro sob a maquiagem cêni-ca pesada, continuou a cantar. Na verdade, não manifestou

poço.

A vida real entrou correndo. Instalou-se um pandemônio, no palco e fora dele. O barulho aumentou ainda mais. Então, um segundo projétil zuniu por sobre as

estômago deu um nó. Aquilo era repulsivo e apavorante, não TINHA nada de aventureco. Ela ficou nauseada.

De repente, o quarteto à sua esquerda levantou-se de um salto, como se fosse

costas de um dos manifestantes.

— Aqui não é a hora nem o lugar.
Sentem-se!

— Isso mesmo — concordou seu

bengala, mas foi rudemente empurrado para trás e caiu.

O maestro tentou manter a orquestra no compasso, mas os músicos lançavam olhares amedrontados ao redor e o ritmo

A gritaria intensificou-se.

O êxodo começou pelos camarotes
particulares.

Num alvoroço de plumas, ouro e sedas.

espetáculo. Outros projéteis foram arremessados no palco. Garrafas, pedras e tijolos, frutas podres. A orquestra desocupou o poço, arrebatando as preciosas partituras, arcos e estoios de instrumentos, e

Léonie notou-lhe o olhar desvairado,
enquanto ele agitava os braços e tentava
imprimir alguma ordem ao caos
crescente.

Muito pouco, tarde demais

Horrorizada, já então apavorada, ela lançou olhares aflitos pelo auditório, mas estava presa, encurralada pela turba às suas costas e lados e pela violência à frente. Agarrou o espaldar das poltronas, na esperança de que poderia fugir.

— *À bas! À l'attaque!*

Como cruzados sitiando um castelo, os manifestantes avançaram, brandindo pedaços de pau e porretes. Aqui e ali, o

Os nacionalistas avançaram para o palco. Com precisão militar, marcharam de todos os setores do auditório, saltando poltronas e gradis, invadindo o fosso da orquestra e subindo no tablado.

Por fim, compôs-se uma força de resistência. Uma coorte de jovens idealistas e veteranos de antigas campanhas conseguiu juntar-se na plateia e saiu em perseguição aos nacionalistas no palco. A porta da

em volta do pescoço, tentou derrubá-lo, mas foi ele quem se viu no chão. Solto um grito de dor quando uma bota com ponteira de aço atingiu-o na barriga.

— *Vive la France! À bas!*

penderam frouxos, retorcidos, imóveis.
Os olhos permaneceram abertos.

Você tem que recuar. Chegue para trás.

Mas, àquela altura, o mundo parecia

caindo pesadamente de lado. Ergueu os olhos para o agressor, viu a faca e levantou a mão para se proteger, enquanto a lâmina descia. Metal cravado na carne. Ele gritou quando a faca foi puxada e fincada de novo, entrando

leve demais. Entre ela e a saída havia uma massa humana, e a essa altura o corredor central estava bloqueado por almofadas vermelhas. Sob o palco, os jatos de gás lançavam uma chuva de faíscas sobre as partituras.

Ninguém lhe deu atenção. Agora o chão
estava forrado de programas
abandonados, toucados de plumas,
lornhões e binóculos de teatro, como
ossos ressequidos num antigo sepulcro,

Esticou o braço e segurou o cotovelo da mulher.

Sob o tecido engomado, descobriu-se agarrando um braço fino e ossudo.

favor! —gritou Léonie. Qualquer coisa para mantê-la de pé. — Estamos quase na porta. Quase em segurança.

Por fim, avistou a conhecida libré de um funcionário do teatro e gritou um pedido

— Não! — gritou. — Não!

Não se deixaria encurralar lá dentro,
com o fogo, a turba e as barricadas. Saiu
debatendo-se às cegas, fixada apenas
no ar

— Anatole! — exclamou, atirando-lhe os braços no pescoço. — Onde você estava? Como pôde fazer isso? — indagou, transformando o abraço num ataque e esmurcando o peito do irmão

— Eu sei, *petite* — disse ele, baixinho, passando a mão no cabelo despenteado da irmã —, mas os soldados já estão lá fora. Precisamos sair, para não correr o risco de sermos apanhados na luta.

vendo a determinação voltar aos olhos
da irmã. — Agora, depressa!

Anatole usou a altura e a força para abrir
caminho pela massa de corpos que
fugiam do auditório

barulho de vidro quebrado.

— Por aqui, Léonie!

Se ela havia considerado impossíveis às
cenas no interior do Grande Salle, nas

Anatole não respondeu, puxando-a pela multidão em frente à fachada barroca do Palais Garnier. Chegou à esquina e dobrou à direita na rue Scribe, saindo da linha direta de fogo. Os dois foram arrastados pela massa humana, com os

sapatilhas e teve súbita consciência de
bolas masculinas batendo em seus
tornozelos, pisote-ando a bainha
rasgada e arrastada de seu vestido.
Lutou para manter o equilíbrio. Uma
saraivada de balas irrompeu às costas

— *Des canons! Ils tirent!*

— *Non, non, c'est des pétards.*

Mesmo sendo petardos, não canhões
disparando. Léonie gritou e apertou com

se encontrarem numa rua sossegada,
bem longe da luta, das explosões e dos
canos das armas. Léonie tinha as pernas
bambas de cansaço e a pele
enrubescida e úmida de suor e orvalho.

Tirou as luvas manchadas, sujas de fuligem das ruas de Paris, e deixou-as caírem na calçada.

Anatole correu os dedos pelo cabelo negro e espesso que lhe caía sobre a

perguntou ao irmão, como se os eventos da hora anterior não tivessem acontecido.

Anatole fitou-a, incrédulo, depois começou a rir, primeiro baixinho, então

extraordinária —comentou. —
Realmente extraordinária!

Léonie deu um sorriso pesaroso,
contrastando seu estado desalinhado
com a elegância de Anatóle. Olhou para

Excelente! Jantar?

Você deve estar com fome, imagino.

— Esfaimada.



De braço dado, os dois entraram no
Chez Voisin.

Foram acolhidos por uma conversa
baixa e discreta. Marguerite sentiu
Georges estufar o peito e erguer um

Georges levou a mão ao pescoço e puxou o colarinho branco e duro, afrouxando a gravata preta. Digno e rigorosamente apropriado, o paletó do fraque fora habilmente talhado para disfarçar o fato de que, aos 60 anos, o

ornado de contas. As mangas eram bufantes, o que chamava ainda mais a atenção para a cintura fina e a saia rodada. O decote era alto e não deixava aparecer mais do que uma leve sugestão da cútis, embora em

um corpo tão benfeito, aliada à
inexistência de uma aliança no dedo, o-
fendia-lhes o senso de justiça e decoro.
Seria correto desfi-lar-se um romance
desse tipo num lugar como o Voisin?

— Monsieur, é um grande prazer tornar a recebê-lo. Havíamos presumido que talvez o senhor tivesse sido designado para um cargo no exterior.

Georges pareceu completamente

homens trocaram gentilezas, falando do tempo e da situação atual na Argélia.

Havia boatos de um protesto antiprussiano. Marguerite deixou seus pensamentos vagarem. Contemplou a

pa-

ra dentro, achou-o encantador, assim
como uma indicação do grau de
segurança que havia encontrado na
proteção de Du Pont

come-

çar? — perguntou o sommelier.

Georges olhou para Marguerite:

general, mas sem convicção em seu protesto.

Ela tirou o pé da sapatilha e o pousou de leve no dele. Através da meia finíssima, apalpou a hainha das cal-

à beber o que quer que Georges
pusesse à sua frente.

— Você é muito inteligente, Georges —
disse, e, depois de uma pausa, olhou ao
redor. — E conseguir uma mesa para

estava disposta a fingir que não. Durante os sofridos meses da Comuna, o restaurante havia assistido a algumas das mais violentas alterações entre os *communards* e as forças do governo.

os prussianos marcharam sobre Paris.

— Sim — murmurou ela, perguntando a si mesma, e não era a primeira vez, que idade lhe atribuiria o general, para achar que devia lhe dar uma aula de história

Marguerite deu um sorriso encorajador:

— Sim, Georges.

— E o que você acha que o Voisin
ofereceu no seu cardápio naquela noite?

— Ah, sim — concordou Marguerite, e também riu, embora sua lembrança do verão de 1871 fosse um pouco diferente. Semanas de fome, na tentativa de lutar e de anoiar o marido rebelado, idealista

até descobrir que ele fora julgado e condenado. Seu nome fora divulgado numa lista colada na parede de um prédio municipal: deportação para a colônia francesa de Nova Caledônia, no Pacífico

habilidade e o engenho do chef do
Voisin que ele tenha conseguido
preparar um prato desses, não é?

É realmente maravilhoso estar sentada
aqui, onde se escreveu a história. — Fez

a despeito da irritação que lhe turvou os olhos. Marguerite virou-se e viu um cavalheiro alto e aristocrático, com uma farta cabeleira negra e a testa larga. Ele a fitou com suas pupilas nítidas e miúdas, negras em olhos de um azul

a conseguir o que queria. Marguerite olhou de relance para o anel de ouro com sinete em sua mão esquerda, à procura de pistas sobre sua identidade. O homem segurava uma cartola de seda, junto com as luvas brancas e um

— Senhor — interrompeu o homem,
acenando pa-

ra Du Pont como desculpas. — Permite-
me?

esta noite, e tinha a esperança de encontrar seu filho em casa. Mas... — e encolheu os ombros.

Marguerite havia conhecido muitos homens. Sempre escolhera a melhor

medo.

Ambos foram agradáveis. Ambos a
assustaram. Os olhos do homem se
espremeram, como se ele pudesse ler
seus pensamentos, e a cabeça moveu-

fixo.

— Muito bem — disse, por fim. — Mais uma vez, minhas desculpas por me haver intrometido. Se puder ter a gentileza de dizer a seu filho que estou à

formal e se retirou. O garçom aproximou-se para reencher as taças. Du Pont explodiu:

— O maior de todos os canalhas insolentes e impertinentes! — rugiu.

desconfiado.

— Eu já lhe disse que não — respondeu
ela, calmamente.

— O sujeito sabia o meu nome —

— Em nome de Deus, o que está fazendo?

Marguerite levantou os cílios longos, depois tornou a baixar os olhos para a chama e a observou até ela gotejar e co-

— Você realmente não sabe onde está
aquele seu rapaz?

— É claro que sei — fez ela, sorrindo
como se lhe revelasse um segredo
iocosos — mas é sempre bom usar de

— E creio que depois ele pretendia levá-la para jantar.

— Num daqueles lugares boêmios
pavorosos, como Le Café de la Place

um homem? E aquele sujeito
completamente insolente, o Debussy,
que mora no seu prédio? Gente dessa
laia. Deviam ser chicoteados, todos eles.

— O Achille é compositor, querido —

— Esse champanhe está realmente uma delícia, Georges — comentou, mudando de assunto. Estendeu o braço na mesa e segurou os dedos dele, depois lhe virou a mão e cravou as unhas na carne macia

Bar Romain, de frente para a rua. Ela devolveu o paletó ao irmão e foi lavar as mãos e o rosto e ajeitar o cabelo no pequeno toalete anexo. O

vestido, embora devesse necessitar das

seguidas por um vinho tinto, para
acompanhar um jantar simples de
costeletas de carneiro e purê de batata
cremoso.

— Depois comeremos um suflê de pera

— Então, por quê?

— Chauvinismo, puro e simples.

Anatole afastou a cadeira da mesa,
esticou as pernas compridas e magras e

Inclinou-se para o bolso do paletó, tirou uma caixa de Vestas de cera e riscou um dos fósforos. — “Um belo pôr do sol, confundido com um maravilhoso amanhecer”: foi esse o último pronunciamento de Achille sobre

despertava mais notoriedade do que sua fama profissional crescente. A dama preferida nessa ocasião era Gabrielle Dupont, de 24 anos.

— Dessa vez é sério — confidenciou

si a maioria dos seus infortúnios. Ele se desentende muito depressa com as pessoas que poderiam apoiá-lo. Tem a língua afiada demais, ofende com muita facilidade. Na verdade, faz o impossível para ser mal-humorado, grosseiro e

— Ah, mas o propósito é exatamente esse. Diz o Debussy que devemos acabar com a ideia de tom. Ele está procurando iluminar com sua música as ligações entre o mundo material e o

ultrapassam o do pensamento
consciente e explícito.

Léonie sorriu. Admirava a lealdade do
irmão ao amigo, mas sabia que ele
estava repetindo na íntegra o que ouvira

Os olhos de Léonie faiscaram de raiva:

— Anatole, você deu sua palavra à *maman*. Ele encolheu os ombros:

Fupei, mas não pude resistir. O proco

— Mas...

— Mas coisa nenhuma — disse ele, em tom firme.

A homicida Léonia virou-lhe as costas

Léonie sustentou o olhar furioso por mais um instante, depois cedeu:

— Vou cobrar isso de você, preste atenção — e deu um suspiro. Anatole desenhava uma cruz no peito com o

Você me perdoa?

Léonie sorriu:

— Já está esquecido.

Não aflita, em nenhum sentido.

O relógio sobre o console da lareira
soou a hora.

— Mas, ao mesmo tempo, Anatole

Os olhos de Léonie se estreitaram:

— Anatole?

— Eu tinha um compromisso com um cliente de fora da cidade. Era para ele

os garçons para tirar a mesa, tornando impossível qualquer diálogo adicional.

— Hora de levá-la para casa —
anunciou Anatole, segurando-a pelo
cotovelo e ajudando-a a se levantar.

Léonie sentiu um sobressalto de pânico.

— O que direi à mamãe?

— Ela já se terá recolhido.

O chicote estalou. Os lampiões bateram nas laterais do fiacre quando os cavalos partiram, num tilintar de arreios e ferraduras sobre as pedras do calçamento. Léonie abaixou o vidro e pôs o rosto fora da janela. Anatole

A última imagem vislumbrada por ela, antes que o fiacre dobrasse a esquina, foi a do irmão atirando a ponta acesa do cigarro na sarjeta. Depois, ele virou de costas e tornou a entrar no Bar Romain.

Tirou as sapatilhas manchadas e as meias de seda, massageando os dedos doloridos e pensando nas evasivas de Anatole. Se não havia nada vergonhoso em seus atos, por que ele não quisera lhe contar o motivo de seu atraso na

estavam fechadas, mas as cortinas de chintz amarelo, que pendiam do teto ao chão, haviam permanecido abertas.

Ela pôs a lamparina na mesa e olhou para a rua deserta. Percebeu sentir-se

Fechou os olhos, mas os incidentes
isolados continuaram a inundá-la,
nítidos, como que captados pelo clique
do obturador de uma câmera fotográfica.
O cheiro fétido das bombas caseiras,

Léonie sorriu. Achille ao piano outra vez.
Olhou para o relógio da lareira.

Mais de meia-noite.

Acolheu de bom grado o conhecimento

Sem aviso prévio, outra lembrança a invadiu. A manhã do funeral. Naquele dia, como agora, Achille martelando o piano sem parar, as notas pretas e brancas infiltrando-se pelo piso, até

semana ausente, sem explicação. Quando Léonie tinha enfim reunido coragem para lhe perguntar onde estivera, ele lhe dissera apenas para não se preocupar. Ela havia imaginado que o irmão passava as noites nas

ressurgir nas árvores do Boulevard
Malesherbes, e quando as alamedas do
Parque Monceau tinham voltado a se
encher de brotos cor-de-rosa, brancos e
lilases, é que os ataques à honra de
Anatole haviam cessado, subitamente. A

Estamos em setembro, não em março.
Mas continuou com um aperto no peito.
Sabia que o irmão havia mentido. E,
assim, manteve sua vigília à janela,
deixando a música de Achille lá embaixo
embalá-la num cochilo superficial.

madeira. Havia um bico de gás
queimando em cada patamar, e ele
desceu um lanço, depois outro e mais
outro, até chegar ao corredor que dava
para a rua.

Panoramas. Não viu ninguém, não ouviu ninguém.

As ideias fervilhavam em sua cabeça. Será que o plano funcionaria? Ele conseguiria sair de Paris sem ser notado

Respirou fundo, sentindo o ar fresco de setembro infiltrar-se em seus pulmões, mesclado com os vapores, a fumaça e a fuligem da cidade. A culpa que ele sentira por ter falhado com Léonie tinha

incessantes. Assim que eles saíssem de Paris, não mais haveria necessidade de tramas, de inventar idas imaginárias a mesas de *rouge et noir*, antros de ópio ou casas de má fama, para encobrir seu verdadeiro paradeiro.

suas costas. Anatole apertou mais o paletó em torno do corpo e lamentou a falta de um cachecol. Atravessou a rue Saint-Marc, ainda perdido em pensamentos — refletindo sobre os dias, as semanas que viriam, e não sobre o

enveredou pela Passagem dos
Panoramas, achando que, se
conseguisse cortar caminho até o
Boulevard Montmartre, onde os cafés
estariam abrindo as portas e era
provável que houvesse algum trânsito

Anatole sentiu uma ponta de medo. Pôs a mão no bolso, à procura de algo com que se defender, mas não encontrou nada que pudesse servir de arma.

Apartou o passo, resistindo ao impulso

lenço preto que lhe escondia quase todo o rosto. O homem soltou um grunhido, mas, no mesmo instante, Anatole sentiu alguém prender-lhe os braços por trás, o que o deixou vulnerável. O primeiro murro, desferido contra o estômago,

para trás, acertando-lhe a canela com
força. Por um instante, a força que o
continha afrouxou-se, apenas o bastante
para que ele agarrasse a gola aberta da
camisa do homem e, segurando firme,
jogasse o cambaleando contra as

depois tropeçar e arriar no chão. Um chute violento das botas de ponteira de aço, pegando suas pernas por trás, o fez esparramar-se no chão. Ele cobriu a cabeça com as mãos e juntou os joelhos no queixo, na vã tentativa de se proteger

— *Une leçon.*

Depois veio a sensação de mãos
apalpando-lhe o corpo maltratado, dedos
enfiando-se no bolso do colete, um
puxão forte, e o cobelão do seu pai

metal no chão, quando o velho vigia se abaixou para examiná-lo.

— *Monsieur, qu'est-ce qui s'est passe ici?*

para que o vigia o ajudasse a ficar de pé.
A dor desceu-lhe pelas costas e pelas
pernas.

Ele levou um momento para se
equilibrar, depois endireitou o corpo

— Acho que só levaram meu relógio —
respondeu.

Suas palavras pareceram vir de muito
longe, enquanto a realidade se infiltrava
em sua mente e criava raízes. Não tinha

— Mas não é preciso mencionar isto a ninguém, certo, meu velho? E agora, será que consegue me arranjar um fiacre?

O velhote levou a mão ao chapéu:

Anatole. Achille tocando acalantos noite adentro. Olhou para o relógio Sèvres no console da lareira. Cinco e quinze.

Gelada até os ossos e meio nauseada, foi até o vestíbulo e andou pelo corredor

e desamarrou as anáguas. A baina de renda do vestido estava cinzenta, imunda e rasgada em vários pontos. A criada teria uma trabalhadeira para consertá-la. Com dedos desajeitados, desatou o espartilho e soltou os

inteiramente inalterada. Enquanto escovava o cabelo, examinou seu reflexo no espelho, em busca de sinais da noitada no rosto. Decepção: não havia nenhum.

preso no coque habitual, e ela usava
Uma leve camada de pó nas faces e no
pescoço. Estava sentada de costas para
a janela, mas, à implacável luz da
manhã, as linhas finíssimas da idade em
torno dos olhos e da boca eram

— *Bon matin, maman* — disse e se virou para cumprimentar o irmão.

Seus olhos se arregalaram ao vê-lo: o olho esquerdo fechado pela inchaço, uma das mãos envolta numa atadu-ra

Léonie o fitou, perplexa.

— Está até na primeira página do *Figaro*
— disse Marguerite, batendo no jornal
com as unhas imaculadas.

Vários mortos! E explosões! No Palais Garnier, imaginem só! Paris tornou-se intolerável. É uma cidade sem lei. Eu realmente não aguento.

— Não há nada para você aguentar

de manteiga e geleia de damasco.

Por algum tempo, o café da manhã prosseguiu em silêncio. Léonie continuou a lançar olhares inquisitivos ao irmão, que os ignorou. A empregada

antes que um dos filhos pudesse protestar.

No instante em que ela se retirou, Léonie investiu contra o irmão.

mo da história é que fui escoltado para
fora do recinto.

Não tinha andado mais de quinhentos
metros quando fui atacado por um par de

ano, isso me faz pensar que talvez seja prudente eu sumir por uns tempos, uma semana, talvez... Sair de Paris, só até a poeira baixar.

Léonie fez uma expressão desolada

de café, à qual acrescentou três
colheradas de açúcar.

Anatole tocou-lhe o braço:

— Você me ajuda?

balconista.

— Desculpe, *maman* — retrucou Léonie
—, mas é que o Anatole e eu estávamos
preocupados, achando que... talvez você
tivesse recebido uma notícia ruim

— Obrigada, *chéri*, mas não. Fiquei surpresa, apenas isso. Léonie deu um suspiro.

— De-quem-é-a-carta? — repetiu, mal-

Marguerite, embora Léonie percebesse que a reprimenda não vinha do fundo do coração. —

Mas, sim, na verdade, é ele mesmo

nunca teria retornado à casa em que havia crescido, nos arredores de Rennes-les-Bains, fossem quais fossem a estação do ano ou as circunstâncias. Marguerite e seu meio-irmão tinham-se desentendido

Só no fim da vida é que vovô Lascombe voltara a se casar, embora tivesse continuado a levar basicamente a mesma vida dissoluta. Havia despachado a meiga esposa e a filha

Marguerite fugira imediatamente para o norte, para Paris, onde, em fevereiro de 1865, havia conhecido e desposado Leo Vernier, um idealista radical. Como Jules era defensor do *ancien régime*, não

praticamente arrancando a carta das
mãos da mãe. — Quando?

— *Chérie*, por favor.

Léonie não lhe deu atenção.

— Isso dificilmente seria o tipo de coisa
que alguém poria no papel. Léonie
cruzou os braços.

— Bem, é um absurdo imaginar que eu

— Bem, com certeza recusarei o convite
— acabou dizendo Léonie. Marguerite
olhou para o filho, do outro lado da
mesa.

— Anatole, o que você recomendaria?

— Talvez uma mudança de cenário a fizesse recobrar o ânimo. Além disso, o clima de Paris anda intolerável. Tempestuoso e úmido num dia, e, no dia seguinte, temperaturas que não envergonhariam o deserto argelino.

do Cade a não ser com antipatia.

— Isso foi há muito tempo — retrucou Marguerite, em voz baixa. — Talvez as coisas estejam diferentes.

— Tenho certeza de que eu poderia me liberar por alguns dias.

— Mas, mamãe... — objetou Léonie. O irmão continuou falando:

raciocínio do irmão.

— Ah — disse.

— Você poderia liberar-se por uma ou duas semanas. Anatole? — insistiu

para não deixar óbvio que ela e o irmão estavam em conluio. O fato de sua mãe não ligar para a Herdade do Cade não significava que ela não gostaria de lá. Deu uma olhada de esgue-lha para o belo rosto machucado de Anatóle. Havia

confirmar as datas que ela sugeriu. —
Anatole sorriu e levantou a xícara de
café: — *À l'avenir* — brindou. Léonie
retribuiu o brinde, rindo: — Ao futuro! E à
Herdade do Cade.

PARTE II

PARIS

Os fundos cinzentos das casas e as cidadezinhas passaram zunindo na quase escuridão, agora mais frequentes. O vagão estava quase vazio. Duas executivas francesas, de blusas brancas bem passadas e terninhos cinza

Os olhos de Meredith vagaram para a brochura do hotel em papel brilhante, sobre a mesa de plástico, embora ela já a houvesse lido de ponta a ponta várias vezes.

original, que foi parcialmente destruída por um incêndio em 1897. Administrado como hotel desde a década de 1950, foi reaberto após uma grande reforma em 2004, sob nova direção, e hoje é reconhecido como um dos melhores

transparente, junto com o recibo que confirmava sua reserva, e guardou tudo de volta na bolsa.

Esticou os braços longos e magros acima da cabe-

Quando o trem tinha finalmente
começado a andar, ela havia passado
quase toda a primeira parte da viagem
meio aturdida, olhando pela janela para
a verde zona rural inglesa.

ou duas cidades maiores, com montes de escória recobertos de grama pelo tempo. Depois, o aeroporto Charles de Gaulle e os subúrbios, *la banlieue*, com os monótonos e deprimentes espigões de aluguel tabelado que se erguiam

O adiantamento não fora grande coisa, mas, considerando-se que ela não tinha fama no campo da crítica musical, tinha sido bastante bom. Suficiente para transformar em realidade seu sonho de ir à Europa. Ela estava decidida a escrever

Após dez anos custeando os próprios estudos, até concluir a universidade, Meredith havia contraído muitas dívidas e o dinheiro andava apertado. Mas, com o que tinha recebido pelas aulas de

A razão oficial desse desvio era que ela precisava verificar uma informação sobre a primeira mulher de Debussy, Lilly, antes de retornar a Paris. Se fosse apenas uma questão de seguir as pistas

piano.

Fitou os rostos já conhecidos, como já fizera inúmeras vezes, depois voltou a atenção para a folha. Escrita à mão num impresso amarelo de notação musical

interessante. Tudo acontecera fazia muito tempo; as histórias se haviam desbotado. Por outro lado, imaginava que não poderia ficar pior do que estava nesse momento, sem saber praticamente nada sobre o passado da família e

Meredith juntou as fotos e a música com seus outros papéis e tornou a guardar tudo na bolsa. Tirou do pulso um elástico verde, atou o cabelo preto num rabo de cavalo, alisou a franja e entrou no corredor

Vestiu a jaqueta.

— Boa viagem, rapazes — disse,
sorrindo, e se dirigiu à porta.

Uma onda sonora a atingiu no segundo

estação e entrou na fila de táxis. O homem à sua frente gritava ao celular e sacudia um Gitane preso na junção entre dois dedos. Espirais branco-azuladas de fumaça, com aroma de baunilha, subiam pelo ar noturno, desenhando sua

Debussy.

O motorista pôs a sacola grande na mala, bateu a porta de Meredith e entrou no táxi. Ela foi jogada para trás no assento quando o carro acelerou com

música. Ela já tinha um rascunho inicial da biografia e estava bastante satisfeita com o jeito que o texto vinha assumindo. Agora, o que precisava era dar vida a essas mulheres no papel, introduzir um pouco mais de cor, um clima oitocentista

esperado encontrar em Paris. *Nem parece francês.*

Todo feito de retas e vidros; sofisticado, minimalista. O saguão era cheio de enormes poltronas meio quadradas

cristal refletiam-se no espelho, sob luzes azuis de neon. Tilintar de gelo e retinir de copos.

Meredith tirou da carteira um cartão de crédito diferente do que havia usado na

O quarto era bem pequeno, mas limpo e elegante, todo decorado em marrom, creme e branco. A camareira havia acendido o abajur ao lado da cama. Meredith passou a mão nos lençóis. Roupa de cama de boa qualidade, con-

ções. Uma loja de departamentos na esquina oposta, com as venezianas fechadas. Cafés e bares, uma confeitaria e uma delicatessen, todos abertos, e música escoando para as calçadas. Postes de luz em tom laranja, neon, tudo

agressivamente minimalista em sua cerâmica branca. Tomou uma chuveirada rápida, embrulhou-se num roupão de toalha e, calçada com meias grossas de lã, serviu um copo de vinho tinto do minibar e se sentou para verificar

começava a se inquietar. Tinha enviado uns dois lembretes e fora assegurada de que estava tudo sob controle. Sua situação financeira não era muito ruim, ainda não, pelo menos. Ela contava com os cartões de crédito e sempre poderia

no travesseiro junto dela.

CAPÍTULO 10

SÁBADO, 27 DE OUTUBRO

frente, para tomar café. Fileiras de mesas redondas com tampo imitando mármore, mas bonitas, tinham sido dispostas na calçada para captar o melhor do sol matutino.

vestidas bebericavam um *café noisette*
em minúsculas xícaras brancas.
Meredith pediu o *petit-déjeuner complet*

— suco de frutas, uma baguete com
manteiga e geleia, pães doces e *café au*

Tiraria algumas fotos e veria aonde conseguiria chegar. Se a coisa se revelasse uma perda de tempo, repensaria o assunto, mas esse parei ia ser um modo sensato de se orga-nizar.

arrondissement, onde o compositor fora sepultado. Ela respirou fundo. Sentia-se perfeitamente à vontade em Paris, na cidade de Debussy. Tudo tinha sido tão louco antes da partida, que ela mal conseguia acreditar que estava

apartamento do poeta simbolista
Stéphane Mallarmé, no qual Debussy
havia frequentado os famosos saraus
das tardes de terça-feira. Depois da
Primeira Guerra Mundial, como muitas
ruas francesas de nomes alemães, essa

relacionamento também terminar.

Em termos de espaços e planejamento, Paris era bastante cômoda. Tudo ficava a distâncias que podiam ser percorridas a pé, com a ajuda do fato de Debussy ter

para refazer as dobras do mapa nos lugares certos. Terminou o café, sacudiu do suéter os farelos amanteigados de croissant e lambeu os dedos, um por um, resistindo à tentação de pedir mais alguma coisa. Apesar da aparência

Velásquez, em direção ao Parque Monceau. Depois do trânsito estrondoso da avenida principal, a imponente rua sem saída pareceu estranhamente silenciosa. Plátanos de casca com diversas tonalidades, salpicada de

verde, sentindo a imediata facilidade de
imaginar Lilly ou Gaby, ou até o próprio
Debussy, de mãos dadas com a filha,
passeando pelas alamedas genero-

sas. Longos vestidos brancos de verão

torno do pescoço, transportavam
crianças animadas de um lado para
outro pelas trilhas de cascalho.

Meredith tirou inúmeras fotografias. Afora
as roupas e os telefones celulares, o

cruzamento movimentado e entrou no
17Q *arrondissement*.

O bairro parecia insípido, depois da
elegância fin de

óleo.

Por um momento, ela pensou em tocar a campainha para ver se conseguiria convencer alguém a deixá-la entrar para dar uma olhada. Afinal, era ali que

pungente — embora terrível — de toda a história.

Levantou a mão para o interfone prateado, mas se conteve. Acreditava no espírito dos lugares. Era adenta da ideia

de seis andares e uma loja de artigos de segunda mão na esquina. K não havia ninguém. O lugar todo tinha um ar de abandono. Ao pensar nas elegantes estátuas do Parque Monceau que celebravam escritores, pintores e

Seguiu adiante para a rue de Londres,
onde Gaby e Debussy tinham alugado
seu primeiro apartamento, em janeiro de
1892, movida pelo desejo de
experimental alguma coisa, uma
nostalgia, uma sensação de

fotografado. Apenas uma ausência.

Meredith olhou em volta e viu um pequeno restaurante do outro lado da calçada, Le Petit Chablisien. Precisava comer. Mais do que tudo, precisava de

— *Pour manger?*

Meredith fez que sim e foi conduzida a uma mesa de canto para uma pessoa. Toalhas de papel, facas e garfos ordinários de metal, uma garrafa de água

domingueira.

Uma foto de um dos antigos bondes da
rue d'Amsterdam, outra, moderna, da
famosa escultura dos relógios em frente
à entrada da estação Saint-Lazare

caía curto sobre a testa e, com o bigode incipiente, sua imagem era imediatamente reconhecível. Meredith pre-

tendia usar essa foto para ilustrar o verso

Meredith percorreu os outros endereços da lista e, ao voltar ao hotel, às seis horas, tinha visitado todos os lugares em que Debussy havia residido em Paris. Tomou banho e trocou de roupa

— Meredith!

A voz embargada da mãe lhe trouxe
lágrimas aos olhos. De repente, ela se
sentiu muito longe de casa e muito
sozinha

— Ainda não estou pensando nele. Há coisas demais para fazer aqui em Paris. Cuidarei disso quando chegar a Rennes-les-Bains, depois do fim de semana.

passado distante? E se ela própria começasse a manifestar os mesmos sinais?

— Não estou preocupada — retrucou, em tom meio brusco, sentindo-se

Desde 1989, Paris tinha um novo teatro lírico, feito de concreto — a Ópera da Bastilha —, e, por isso, agora o Palais Garnier era usado primordialmente para os espetáculos de balé. Mas, na época de Debussy, o exuberante e

completamente louco: carros, motonetas, caminhões, ônibus e bicicletas vindos de todos os ângulos. Com a vida nas mãos, ela se esquivou das faixas de rolamento até chegar à ilha em que ficava o Palais Garnier.

demais, estridente demais para deixar
que os ecos do passado se infiltrassem.

Sentiu alívio ao descobrir que, por haver
um concerto beneficente mais tarde, o
teatro estava aberto, apesar de ser

auditório estavam abertas e, assim, ela se esgueirou para o interior. Queria ver o famoso lustre de seis toneladas e o teto de Chagal.

Lá adiante, um quarteto ensaiava

de se colocar diante da plateia. O
retoque da afinação, com ínfimos ajustes
nas cordas e no arco, os salpicos po-
rosos de breu grudados no poliéster
preto da saia comprida com que ela
tocava na orquestra

depressa e era esforçada. Aos 9 anos, havia tocado num baile de escola municipal no Estúdio da Companhia de Bale Milwaukee, em Walker's Point. Pouco depois, também começara a estudar piano. A música não tinha

preciso para fazer carreira. Assim,
candida-tara-se a uma vaga na
Universidade da Carolina do Norte para
se formar em inglês, e fora aceita.
Embrulhara o violino em sua capa de
seda vermelha e o guardara no estojo

havia achado que tinha cometido um erro.

Nos dois anos anteriores, porém, ao descobrir as mais íntimas ligações com sua família de origem, começara a

Debussy. Tudo o que havia conseguido
fora despertar seus próprios fantasmas.

Do lado de fora, o sol estava quente.

Tentando livrar-se do estado de humor

refeições com desconto ou de
liquidações de roupas de grife; um
malabarista fazendo um diabolô subir e
descer por um cordel suspenso entre
duas varetas, jogando-o para cima a
uma altura incrível e apanhando-o com

ele havia parado de tocar. Saiu do caminho e consultou a lista de ligações não atendidas. Era um número da França, que ela só reconheceu vagamente. Já ia apertando a tecla para fazer o chamado quando alguém lhe

— repetiu, dessa vez em inglês, e bateu no panfleto que pusera na mão de Meredith: — O retrato na frente.

Meredith olhou para a brochura. Ela anunciava leituras de tarô, quiromancia

meio parecida com ela.

— Na verdade, não vejo semelhança —
retrucou, enrubescendo um pouco com a
mentira. — De qualquer modo, vou
embora da cidade amanhã, por isso

Meredith abriu a boca e tornou a fechá-la. Não fazia sentido entrar numa discussão. Era mais fácil levar o panfleto e jogá-lo no lixo depois. Com um sorriso amarelo, enfiou-o no bolso interno da jaqueta de brim.

sério, você devia ir.

CAPÍTULO 12

Meredith esqueceu-se por completo do
panfleto enfiado no bolso interno da

frente e o comeu no quarto, enquanto continuava a trabalhar. Às onze, havia terminado.

Inteiramente em dia.

sabia sobre sua família de origem.

Hotel Pfister, Milwaukee, dezembro de
2000. O

Pfister era o lugar a que eles iam em

portas de vidro. Meredith descera sozinha para o cale do saguão, para esperar Bill e Mary. Acomodara-se no canto de um sofá macio e pedira no bar sua primeira taça de vinho permitida por lei: um *chardonnay* Sonoma Cutter, a

“Fale comigo! Por que você não fala
comigo?” Como a mulher de *A Terra
Devastada*, de Eliot. Outros hóspedes,
seus colegas de bar, tomavam cerveja
Miller, e havia dois rapazes com garrafas
de outras marcas: Sprecher Amber e

em nada

— os dois queriam coisas diferentes — e Meredith não ficara arrasada. Mas o sexo tinha sido ótimo e a relação fora divertida enquanto havia durado

Sua mãe biológica, Jeanette, tinha engravidado numa festa de estacionamento, em volta das traseiras de caminhonetes, no final do curso médio, e só se dera conta disso quando já era tarde demais para fazer alguma

a menina. Apesar de ter conservado seu sobrenome e de continuar a chamar Mary pelo prenome cristão, como sempre tinha feito, Meredith finalmente se sentira livre para pensar nela como sua mãe

Meredith sabia ser sua avó materna,
Louisa Martin, sentada diante de um
piano de cauda. Mary explicou que
Louisa tinha sido uma pianista de certo
renome. A peça musical contida no
envelope fora sua marca registrada. Ela

suposto. A descoberta de que sempre
houvera algo mais, escondido sob a
superfície, tinha modificado essa
história. Naquele fim de semana nevado
em dezembro de 2000, o mundo de
Meredith se transformara. As fotos e a

Amanhã, não. Hoje.

Quando acordou de manhã, o
nervosismo noturno se evaporara.
Meredith estava ansiosa por sair da
cidade

sempre, antes de sair para visitai alguns dos pontos turísticos habituais.

Entrou e saiu da sombra da conhecida colunata da rue de Rivoli, esquivando-se de enxames de estudantes carregados

Pensou em ir até o rio e dar uma volta num Bateau Mouche. Pensou em visitar a Shakespeare & Co., a lendária livraria da margem esquerda, que era quase um templo para os norte-americanos em visita a Paris. Mas não conseguiu juntar

boa olhada na placa esmaltada da rua.

Ergueu as sobrancelhas. Sem querer, tinha ido parar na rue de la Chaussée d'Antin. Correu os olhos de um lado para outro. Na época de Debussy, o mal-

Meredith conferiu os números da rua.

Seu entusiasmo desabou no mesmo instante. Ela estava exatamente onde precisaria estar — só que não ha-

quase invisível da rua. Nela havia uma
tabuleta colorida, pintada a mão.

SORTILÈGE. LEITURAS DE TARÔ.

Embaixo, em letras menores: “Fala-se

Meredith deu um passo à frente e olhou para dentro. Havia um pequeno vestibulo de paredes roxas, decorado com estrelas e luas prateadas e com símbolos astrológicos. Mobiles de cristal e vidros, ele não saberia ao certo

renunciar à responsabilidade pela
própria vida.

Recuou da porta, impaciente consigo
mesma. Por que ainda estava parada
ali? Devia ir embora. Tirar o panfleto da

uma segunda porta, que mal se deixava entrever por uma cortina de contas de madeira amarela. Uma porta azul-celeste.

Quantas cores!

ali, cem anos antes? *É uma pesquisa, na verdade.*

Por um momento, tudo ficou na balança.
Foi como se o próprio edifício prendesse
a respiração. Esperando, observando.

CAPÍTULO 13

HERDADE DO CADE

— *Oui, A bbé, et merci à vous pour votre gentillesse. À tout à l'heure. Faites s*

era incômodo ele andar fazendo perguntas pela cidade sobre o acidente do pai. Revolvendo coisas. Chegara até a procurar o escritório do legista, para indagar sobre a causa da morte na certidão de óbito. Como o agente

les-Bains, os boatos se espalha-riam.
Não há fumaça sem fogo. Julian
confiava em que, terminado o funeral, o
sobrinho deixaria a Herdade do Cade e
voltaria para a Inglaterra.

Toda a região era cheia de mistérios e lendas: rumores sobre tesouros enterrados, conspirações, histórias fantasiosas sobre sociedades secretas — qualquer coisa, desde os templários e os cátaros, retrocedendo até os

historiadores e arqueólogos especulavam que o lendário tesouro pilhado pelos visigodos no saque de Roma tinha sido levado para o sudoeste da França. Nesse ponto, os indícios se esgotavam. No entanto, quanto mais

Expirada a licença para as escavações, ele havia continuado ilegalmente. Como um jogador, estava viciado, convencido de que era apenas uma questão de tempo.

um antigo símbolo do tarô, semelhante a um oito deitado de lado. O símbolo do infinito.

— Está pronto?

— Encontro você num instante —
respondeu. —

Dois minutos.

CAPÍTULO 14

pendurado um espelho antiquado, com uma pomposa moldura dourada. Ela deu uma olhada em seu reflexo, depois se virou e bateu na segunda porta, bem em frente.

com desenhos de linhas, barras, triângulos e zigue-zagues em roxo, azul e prateado. Uma única janela, bem em frente à porta, era coberta por uma cortina de gaze lilás transparente. Através dela Meredith pôde ver os

Ouviu uma porta bater em algum outro lugar do prédio e, em seguida, passos. Sentiu-se ruborizar. Envergonhou-se de estar ali sem ser chamada e já ia saindo quando uma mulher apareceu atrás de

A mulher sorriu.

— Tudo bem.

— Você é inglesa? Ela tornou a sorrir.

— É natural ficar nervosa. Quase todos ficam, na primeira vez — disse

Laura.

Meredith tirou o panfleto do bolso e o

— A semelhança — comentou Laura, olhando pa-

ra a figura de La Justice. — Ela disse que você era a imagem perfeita dela.

— Sim — respondeu Meredith, ainda empoleirada na borda da cadeira.
Mensagem clara — não pretendo me demorar.

— Certo. Presumindo que você tenha

interesse geral?

— Como eu disse, é uma pesquisa.
Estou trabalhando numa biografia. Nesta
rua, exatamente neste local, aliás, havia
uma livraria famosa que é muito falada

— Certo. Alguns clientes têm preferência por um certo tipo de leitura. Têm um problema particular que querem examinar... pode ser o trabalho, um relacionamento, uma decisão importante

de uma lateral da mesa:

— Reconheço que no começo é confuso, mas é melhor você mesma escolher. Basta ver se gosta da sensa-

branco.

— Este, sob muitos aspectos, é o
baralho clássico

— disse Laura. — Chama-se Tarô de

— Certo.

Meredith olhou para a fileira de baralhos e apontou para um que era um pouco menor do que os outros. As cartas tinham um bonito verso verde-escuro

sabe quem foi o pintor nem quem
encomendou as cartas, para começar.
Praticamente tudo o que sabemos é que
ele se originou no sudoeste da França,
ali pelo finalzinho da década de 1890.

— Há alguma coisa...?

— Não, não é nada — apressou-se a dizer. — Achei que o nome era conhecido, só isso. Desculpe, eu a

— Arcanos maiores, arcanos menores?
— indagou, sorridente. — Desculpe, mas
realmente não entendo nada disso.
Posso lhe fazer umas perguntas, antes
de prosseguirmos?

baralho de tarô. Cada um tem uma
imagem alegórica e um conjunto de
sentidos narrativos claros.

Meredith deu uma olhada na imagem da
.Justica no panfleto

correspondem aos naipes dos baralhos comuns de jogo: ouros, copas, paus e espadas.

— Certo.

— As cartas de figuras dos quatro naipes são ilustradas. O estilo de pintura sugere que datam do fim do século XVI. Certamente são anteriores a Waite. Mas os arcanos maiores são diferentes.

— De fragmentos de cartas preservadas, ou, possivelmente, de ilustrações do baralho original em algum livro. Como eu disse, não sou especialista.

Meredith tornou a olhar para as cartas

— É claro, mas eles são bem parecidos, especialmente as cores. Laura bateu numa das cartas e continuou:

— Essa é outra modificação singular do

— E isso é incomum?

— Muitos baralhos vinculam as cartas VI e XV, mas não costumam associar a II também.

O rosto dela é igual ao meu.

Olhou para Laura, do outro lado da mesa, com um impulso repentino de lhe dizer alguma coisa sobre a busca

trono, cercado pelo que pareciam ser moedas de ouro é o naipe da terra, da realidade física, do tesouro.

Meredith examinou as imagens com intensa concentração, como se gravasse

podem ser alteradas nem combatidas.
Dispostas dessa maneira, fica claro que
essas três fileiras representam os três
níveis diferentes de desenvolvimento: o
consciente, o inconsciente e a
consciência superior

um lampejo de reconhecimento. Depois,
desapareceu.

— A vantagem de usarmos essa
disposição dos arcanos maiores é que
ela não apenas mostra a trajetória do

relações entre uma carta e outra.

Meredith escutava apenas em parte.
Algo que Laura tinha acabado de dizer a
intrigava. Pensou por um instante até
compreender

modo — e hesitou. — Não me lembro de ter mencionado nada a esse respeito, só isso.

Laura deu um sorrisinho.

dela. Esquisito, não é? Laura sorriu.

— Como disse a minha filha, não existem coincidências. Meredith riu, embora não achasse engraçado.

dúvida — e também a esperança —
refletidas em seus olhos.

— Vamos começar? — perguntou Laura.

Mesmo sabendo que aquilo ia

— Está bem — concordou.

Laura tirou os outros três baralhos da mesa e o panfleto também.

— Na época em que o Tarô Bousquet foi impresso, no fim do século XIX, a interpretação das cartas ainda era misteriosa, dominada por cabalas e elites — prosseguiu Laura, e deu um sorriso. — Hoje as coisas são diferentes.

exemplo, que quando sai uma maioria de arcanos maiores, ao se porem as cartas, isso indica que a situação está fora do controle da pessoa, ao passo que uma maioria de arcanos menores sugere que o destino dela está nas

fechar os olhos ajuda.

Havia uma brisa leve entrando pela janela aberta, um alívio depois da umidade anterior. Meredith pegou as cartas e começou a embaralhá-las. Aos

Por um momento, sentiu-se flutuando no ar, sem peso. A mesa, as duas cadeiras, as cores, ela mesma, tudo visto de uma perspectiva diferente.

Muito bem. Quando estiver pronto

do centro primeiro, depois a de cima,
depois a de baixo.

Sentiu Laura esperando que terminasse.

— Muito bem. a primeira carta que você

Moça de Espadas é uma figura poderosa, uma pensadora, uma pessoa forte. Ao mesmo tempo, é alguém que talvez não tenha uma ligação plena com os outros.

alguma coisa. Atrás dela, um pico montanhoso e irregular recortava-se contra um céu azul intenso, pontilhado de nuvens brancas.

— É uma carta ativa — disse Laura —

— O Dez de Copas. Copas é o naipe da água, da emoção. Essa também é uma carta positiva. Dez é o número da conclusão. Marca o fim de um ciclo e o começo de outro. Sugere que você está num limiar, que está pronto para seguir

— Ponha essa abaixo e à direita do significador —instruiu Laura. — Essa indica possíveis obstáculos em seu caminho. Coisas, circunstâncias e até pessoas que podem impedi-la de seguir adiante, ou de introduzir mudanças, ou

— Depende. Como o nome sugere, o Mago pode estar do seu lado, mas ele, ou ela, pode não estar. Muitas vezes, trata-se de alguém que funciona como um poderoso catalisador de

— Há alguém na sua vida que lhe
pareça capaz de exercer esse papel?

— Ninguém em quem eu consiga pensar
— disse Meredith, abanando a cabeça.

cabeça.

Tirou outra carta. Dessa vez, sua reação foi bem diferente. Ela sentiu uma onda de emoção, de calor. Era a imagem de uma jovem parada ao lado de um leão

Force. Número VIII. Olhos muito verdes,
muito vividos.

E, quanto mais olhava, mais tinha
certeza de ter visto aquela imagem — ou
um similar real — numa fotografia, num

pelo consulente, que influenciou a decisão de buscar uma interpretação. É um motivador poderoso. Algo que guia o consulente. Meredith protestou de imediato:

— Há alguma situação ou pessoa em particular a quem você possa associar esta carta?

— Não que eu me lembre, mas... _Sim?

geral, neste ponto, já estão claros para mim os acontecimentos que pertencem ao passado, ao presente e ao futuro — e fez outra pausa. Mas aqui, por alguma razão, A linha do tempo é confusa. A sequência parece saltar para a frente e

se encaixarão, se seguirmos em frente.

Meredith não soube como reagir. Queria que Laura fosse mais explícita, mas não conseguiu pensar em que perguntas faria para obter as respostas de que

arrepiarem. Olhou de relance para

Laura, mas ela não fez nada que revelasse estar prestando atenção especial ao padrão que emergia.

sim, tudo isso faz sentido. — Fez uma
pausa. — Mas... o sentido se altera
quando a carta está de cabeça para
baixo, como aqui?

— Quando invertida, ela indica demora

necessariamente ruim. Talvez seja a coisa certa para você fazer neste momento.

Meredith intuiu que Laura aguardava e observava até ela se dar por satisfeita

E, embora continuasse tentando dizer a si mesma que aquilo tudo era um absurdo, desejou não tê-la tirado.

— La Tour — leu em voz alta. — Não é uma carta boa?

— Interpretada positivamente, é uma carta de libertação: é quando o edifício de nossas ilusões, limitações e fronteiras desmorona, deixando-nos livres para começar de novo. É um lampejo de inspiração, se você quiser. Não é

profissionais. Do mesmo modo, pode ser uma discrepância entre o que as pessoas esperam de você e o que você pode dar, o que talvez leve a algum tipo de mal-entendido.

.

Como você disse, pode significar inúmeras coisas.

Hesitou, nervosa quanto ao que poderia vir em seguida, e puxou outra carta

— É incomum, com certeza — acabou dizendo.

Meredith estudou as cartas na mesa.
Não eram só as oitavas ligando os

— Mas isso já lhe aconteceu antes? —
indagou Meredith, pouco disposta a
deixar Laura safar-se da dificuldade. —
Sério mesmo? Todas as cartas de um
número, saindo assim? — insistiu. Deu
uma olhada para a mesa.

claramente escolhendo as palavras com cuidado. — Há histórias paralelas aqui. De um lado, há indícios claros da culminação iminente de um grande projeto, seja no trabalho, seja na sua vida pessoal, ou, possivelmente, em

é algo que você está prestes a descobrir,
ou a desvendar.

Os olhos de Meredith se estreitaram.
Durante tudo aquilo, ela dissera
repetidamente a si mesma que era só

— Eu sei.

E só uma diversão inocente.

Mas alguma coisa na intensidade de
Laura, na expressão de ordem

Súbito, só teve vontade de acabar com aquilo. Tirar a última carta, ouvir o que Laura tivesse a dizer e sair dali.

— Desde que você se lembre disso — insistiu Laura

Em seguida, puxou a carta e a virou.

Um som escapou-lhe dos lábios. Do outro lado da mesa, percebeu o punho de Laura se fechando.

— Eu sou de Libra. Meu aniversário é no dia 8 de outubro.

Laura continuou sem reação, como se também essa informação não a surpreendesse.

apropriada da situação.

Meredith sorriu.

— Mas ela está invertida — disse,
admirada com sua própria calma. Isso

— Não só por ter sido a última a sair —
hesitou. — E não só por haver essa
óbvia semelhança física — e tornou a
parar.

Meredith a olhou

Meredith correu os olhos pelas dez cartas postas na mesa. As palavras de Laura giravam em sua cabeça.

*Tem a ver com investigar possibilidades,
descobrir motivações e desejos*

com Laura —, achei que havia
compreendido. Como se em algum
lugar, abaixo da superfície, tudo fizesse
sentido.

E agora?

Elaborar as coisas sozinhas. Meredith a olhou e tornou a olhar, certa de ter ouvido mal.

— O que disse?

deve comprar um baralho para si. Que
deve sempre esperar que o baralho certo
lhe seja dado de presente.

Meredith abanou a cabeça.

insistiu Laura. Fez uma pausa. — E acho
que, no fundo, você sabe disso.

Meredith sentiu-se oprimida pela sala.
As paredes coloridas, a toalha
estampada na mesa, as estrelas e

Não queria ter nada a ver com o baralho, mas, diante da determinação de Laura, achou que nunca sairia daquela sala se não o aceitasse.

Aceitou o. Depois, com mais uma

Saint-Gervais baterem uma hora foi que se deu conta de estar prestes a perder o voo para Toulouse.

Tratou de se recompor. Fez sinal para um táxi e, gritando para o motorista que

semana para mais duas noites, tornou a entrar no táxi e partiu pela cidade em direção ao aeroporto de Orly.

Chegou com uma antecedência de apenas 15 minutos

a sessão a Laura. Sentiu-se inundar por uma onda de vergonha. Calculando ter passado pelo menos uma hora lá, talvez mais perto de duas, fez uma anotação mental para enviar o dinheiro e um extra pela corria, assim que chegasse a

Bergamasque de Debussy nos fones de ouvido e escreveu até ficar com o bra-

ço doendo, enchendo de anotações e desenhos benfeitos as pequenas páginas pautadas, uma após outra. As



PARTE III

Rennes-les-Bains

Settembre del 1994

e comprar passagens de trem para o dia seguinte, deixando Marguerite encarregada de levar Léonie para comprar os artigos de que pudesse necessitar durante seu mês no interior. Primeiro elas foram à La Maison Léoty

Léonie estava animada, mas também meio irritadiça

— um estado de espírito que atribuiu aos acontecimentos da noite anterior. Não tivera oportunidade de conversar com

guarda-costas de tez escura, dedicava
SC a pular amarelinha. *La Marelle* tinha
sido uma das brincadeiras favoritas de
Léonie na infância, e ela e Marguerite
pararam para observar as meninas
jogarem a pedra no quadrado e pularem

— Deve haver uma razão — insistiu
Léonie. A mãe suspirou.

— Meu meio-irmão era um homem
estranho e solitário — disse, por fim. —
Não desejava a companhia de uma irmã

— *Maman?*

— Isso foi há muito tempo — retrucou ela, com firmeza. — Tudo deve ter mudado.

Algo semelhante também parecia ter afetado Anatole, que se mostrava inquieto. Franzia a boca e tinha uma expressão apreensiva, parado à janela da sala de estar, vigilante, lançando olhares nervosos para um lado e outro.

estivermos fora de Paris, trocarei isto por uma roupa menos formal.

Léonie enrubesceu, sentindo se idiota por não ter percebido. — É claro.

surpreendeu e, por sua vez, também a deixou lacrimosa. Por isso, seus últimos minutos na rue de Berlin foram mais emocionados do que a jovem tinha previsto.

— O Du Pont cuidará dela.

— Você se enganou? O trem expresso não sai da estação Montparnasse, em vez da Saint-Lazare? — perguntou-lhe a irmã pouco depois, superada a vontade

um segundo fiacre. Fez uma grande encenação de conversar com o cocheiro, mas Léonie notou que ele transpirava, apesar do tempo úmido e frio. As bochechas estavam rubras e das têmporas escorriam gotas de suor.

mais alguma coisa, mas ele permaneceu calado.

— A mamãe sabe dos seus...
compromissos no Chez Frascati? —
perguntou, por fim.

— Sem mais perguntas?

Ela deu um sorriso sem jeito.

— Vou tentar.

— Você não sabe onde pôs o relógio?

— Ele foi levado durante o assalto —
veio a resposta, em tom desatento.

Sequiram pela plataforma até encontrar

cordilheira de Corbières.

Anatole comprou um jornal e se afundou atrás dele. Léonie observou as pessoas que passavam. Cartolas e fraques, senhoras com amplas saias rodadas

O trem começou a ganhar velocidade ao se afastar da plataforma. Léonie recostou-se no assento, vendo Paris desaparecer em meio a ondas de fumaça branca.

tempo nas montanhas.

Pouco depois das seis da tarde, na sexta-feira, haviam desembarcado em Marselha. No dia seguinte, haviam prossequido pelo litoral até Carcassonne

Os trilhos acompanharam a curva do rio
Aude em direção ao sul, passando por
seu vale prateado rumo aos Pireneus.
No começo, seguiram ao lado da
estrada. A terra era plana e desabitada.

silvestres. As cápsulas verdes e espinhosas das castanheiras pendiam de seus galhos carregados. Ao longe, silhuetas douradas e polidas de cobre, único indício de que o outono aguardava nos bastidores.

cidade importante, chamada Limoux. Depois, a zona rural tornou-se mais íngreme, pedregosa e implacável, à medida que as planícies deram lugar aos maquis dos Hautes Corbières. O

cas em torno da célebre torre metálica
de monsieur Eiffel, dos grandes
bulevares do barão Haussmann e até do
teatro de ópera de monsieur Garnier
empalideceram na comparação, a ponto
de se tornarem insignificantes. Essa era

ela sentiu as pálpebras se fecharem.

Foi acordada num sobressalto pelo
guinchar dos freios.

Arregalou os olhos e, por um instante,

sobressaltada, e bateu no joelho do irmão.

— Anatole, n *ous sommes-là. Lève-toi.*
Já podia ouvir as portas se abrindo e batendo com força nas laterais verdes do

da camisa arregaçadas até os cotovelos.

Ela levantou o braço.

— *Porteur, s'il vous plaît* — chamou.

— Eu insisto.

Léonie antipatizou instantaneamente
com ele. O

espiada nas iniciais gravadas no couro,
ao pôr o *portmanteau* de Anatole no
chão de terra.

Totalmente frustrada com a inércia do
irmão, ela o sacudiu com força pelo

deixou o baú pessoal de Anatole cair com um baque na plataforma. Em seguida, ele tornou a entrar para buscar a caixa de costura laqueada.

Tome cuidado — disse-lhe, em tom

e, num só movimento ágil, pegou o chapéu, as luvas e a bengala.

— Vamos indo? — disse, com displicência, oferecendo a mão a Léonie. Só então pareceu notar que seus

chapéu. — Vão ficar hospedados em
Couiza? Porque, se forem, terei muito
prazer em...

O apito tornou a soar.

Herdade do Cade, o senhor a conhece?

Léonie encarou o irmão, perplexa.
Depois de insistir com ela na
necessidade de discrição, ali estava
Anatole, apenas três dias depois de sair

visitas e um aperto de mãos, enquanto o vapor inundava a plataforma. Anatole recuou da borda.

— Pareceu-me um sujeito bastante agradável. Os olhos de Léonie faiscaram

Léonie deu um suspiro.

— Estou aborrecida e com calor. Foi maçante não ter com quem conversar. E você me deixou inteiramente à mercê daquele homem desagradável

A plena intensidade do sol atingiu-os no instante em que saíram da sombra do prédio da estação. Nuvens marrons de arenito e poeira foram sopradas em seu rosto, agitadas pelo vento rodopiante.

cera de polimento e xarope contra tosse,
mas aquele não era um mundo que
conhecesse.

O átrio da estação ferroviária dava
diretamente para uma ruazinha

praticamente parado.

— Parece haver um restaurante
passável na Avenue de Limoux — disse
Anatole, reaparecendo a seu lado com
um exemplar de um jornal local. / *a*

espaldar reto e assento de palhinha, distribuía-se do lado de fora, à sombra de um grande toldo que tomava toda a frente do restaurante. Gerânios em vasos de terracota e árvores ornamentais, em grandes jardineiras de madeira com aros

deixou a atenção vagar. Fileiras de plátanos de casca variegada, as árvores das marchas napoleônicas, sombreavam a rua. Ela ficou surpresa ao ver que não apenas a Avenue de Limoux, mas também as outras ruas em volta tinham

água, um copo grande de cerveja gelada para Anatole e um *pichet* do *vin de table* local.

Ela foi seguida logo depois pela comida: um almoço composto por pão, ovos

senhor mais velho, em trajes formais de banqueiro ou advogado, cartola preta alta, terno escuro, colarinho engomado e gravata, apesar do calor. E, defronte dele, um homem mais jovem, de cabelo cor de palha e bigode hirsuto.

Gabignaud confirmou com a cabeça.

— Isso mesmo. Três anos. Nossas termas de Rennes-les-Bains não são apenas as mais antigas da região, como também temos a sorte de dispor de

estabelecimentos similares por toda parte. Tive a honra de passar algumas semanas estudando com o Dr. Privat, em Lamalou-les-Bains.

— Não estou familiarizada com

— Gabignaud, você está sendo
inconveniente! O

jovem médico ficou rubro.

— Perdoe-me, mademoiselle Vernier

esquecer que tais assuntos não são...

— O senhor está visitando Rennes-les-Bains por causa das termas? — indagou Fromilhague, com uma cortesia contrafeita

obviamente também notando a
hesitação na fala de Gabignaud. —
Jules Lascombe era meio-irmão de
nossa mãe. Ainda não tivemos o prazer
de conhecer nossa tia.

A atenção de Léonie aguçou-se.

— Má reputação?

Mas Anatole havia passado para outra
pergunta:

— Não tive essa honra, não. Ele tinha seu próprio médico em Toulouse. Fazia muitos anos que andava com a saúde precária, embora seu declínio tenha sido mais súbito do que se esperava, acarretado pelo frio terrível do começo

os dois haviam comido, para verificar a conta, e im-possibilitando a continuação da conversa entre as duas mesas.

Anatole deixou uma gorjeta generosa.
Fromilhaque jogou uma nota na mesa e

— Lamalou é conhecida como o lugar dos avanços mais recentes e pioneiros no tratamento da sífilis, e portanto da ataxia. Quanto a sua conduta, imagino que Gabignaud necessite da proteção do advogado. Numa cidade tão

apenas isso.

Léonie abanou a cabeça.

— Não, não, foi mais do que isso —
objetou. —

guardanapo na mesa, empurrou a cadeira e se levantou.

— *A lors, on y va.* Temos algum tempo livre. Vamos travar conhecimento com os encantos modestos de Couiza

partido, deixando para trás os detritos, os restos de mais um dia.

O apartamento da família Vernier, na rue de Berlin, estava em silêncio, sob a luz azulada do fim de tarde. Os móveis

quase sem perfume. Havia um outro odor quase indiscernível, um cheiro acre que não fazia parte do lugar. Um toque de feira, de tabaco turco, e um aroma ainda mais estranho, num local tão distante da costa: o cheiro de mar

pescoço por um laço de seda amarela, caía sobre os ombros de alvura perfeita. O tecido pendia em dobras requintadas sobre o assento estofado amarelo e os braços forrados da cadeira, como que arrumado para a pintura de uma

o homem de cinza, com a voz fria.

Marguerite o olhou. Lembrou-se da onda
de atra-

ção que a invadira na presença dele e o

certo. Muitas vezes, passa dias fora, sem uma palavra.

— O seu filho, sim. Mas a sua filha não entra e sai desacompanhada a seu bel-prazer. Tem horários regulares

disse Marguerite, esforçando-se para manter a voz calma. — Ele estará aqui a qualquer momento para me buscar, e...

As palavras se perderam em seu grito, quando o laçao a agarrou pelo cabelo e

arrumadeira e à cozinheira, eu as vi sair.
Elas também acham que você já partiu
com Du Pont.

O medo faiscou nos olhos da Sra.
Vernier, ao perceber como o homem

— interrompeu Constant. Deu uma olhadela no relógio do console e acrescentou: — Daqui a umas cinco horas e pouco. Portanto, como vê, não precisamos apressar-nos.

Constant riu.

— Ah, se fosse simples assim. Além disso, a sua situação financeira é, digamos, delicada. E, por mais que eu saiba quanto seu amante pode ser

çou a se debater. Tentou soltar os braços, mas só conseguiu apertar mais os nós que a prendiam. O arame a cortou, perfurando a pele de seus pulsos descobertos. O sangue começou a pingar gota a gota no tapete azul.

Marguerite começou a sufocar, debatendo-se e se agitando sob o punho cada vez mais cerrado, esticando desesperadamente o pescoço para cima e para longe daquela tenaz. A expressão no olhar do conde, mescla de prazer e

O laçao se retirou.

— Agora — prosseguiu, como se estivesse em meio a uma conversa perfeitamente normal. — Onde está seu

sangue. Ela a abriu e cuspiu no colo.

Estremeceu ao sentir o puxão da seda no pescoço e a as-pereza da luva de couro desatando o laço amarelo. A respiração de Constant acelerou-se e

estou certo de que poderia aprender a
abrir uma exceção.

Afastou a seda dos ombros dela.

Marquerite acalmou-se, desaparecendo

desejo. Marguerite havia tirado proveito disso. Explorara sua aparência, seu encanto, para que a filha nunca tivesse que levar a vida que ela vivera.

— Onde está o Vernier?

foi em como proteger os filhos.

Em como não traí-los com esse homem.
Tinha que lhe dizer alguma coisa.

— Rouen — mentiu, por entre os lábios

Ao contrário dos veículos que Léonie havia notado em Carcassonne, com bancos de couro preto e capotas amadas, muito parecidos com os landaus que subiam e desciam a

Os outros passageiros incluíam um marido idoso e sua esposa muito mais jovem, de Toulouse. Duas irmãs de idade avançada, com jeito de passarinho, pipilavam entre si em voz baixa sob os chapéus.

conduzirá a carroça, se não nos
cuidarmos!

Assim que todos se acomodaram, o
cocheiro subiu na boleia. Empoleirou-se
sobre a coleção misturada de malas e

encostas densa-mente arborizadas,
feitas de abetos, azinheiras, aveleiras,
castanheiras e faias. No alto de uma
colina à esquerda, Léonie vislumbrou a
silhueta de um castelo em ruínas.

direita, bem acima da estrada, mal pôde
discernir uma minúscula aldeia montesa,
cintilando sob o calor forte da tarde, não
mais que um punhado de moradias
agarradas à encosta íngreme da
montanha.

— Dito isso, o *curé* trabalha muito por seus paroquianos.

— É um homem interessante.

Anatole chegou mais perto para ouvir.

— Em termos práticos, ou apenas de natureza espiritual?

— Ambos. Por exemplo, a igreja de Sainte-Marie-Madeleine não passava de uma ruína quando ele chegou

interesse arqueológico vieram à luz, o que, é claro, despertou enorme interesse em seu tio.

— Como o quê?

Gabignaud enrubesceu de prazer.

— É um passatempo, mademoiselle
Vernier, nada mais.

Anatole tirou o cigarro. O médico

onie não se importou muito com essa
barreira ao diálogo.

Seus pensamentos corriam em
disparada, porque, em algum ponto do
atoleiro da fala de Gabignaud, ela

Dois postos avan-

çados arruinados, que se revelaram
formações rochosas naturais e não
sombras de castelos, pairavam acima do
vale como sentinelas gigantescas

mais escuros dos abetos e carvalhos. Acima da copa das árvores, o contorno espantoso das cristas e dos picos, as antigas silhuetas de menires, dólmene e esculturas naturais. A antiga história da região exposta às claras, como as

CAPÍTULO 23

RENNES-LES-BAINS

Os cascos dos cavalos ressoaram numa ponte baixa e os animais reduziram a

A direita, ela era limitada pela grande muralha cinzenta da própria montanha. A esquerda havia uma coleção de casas, pensões e hotéis. Nas paredes ficavam pesados lampi-

e três enfermeiras, cada qual
empurrando uma *chaise roulante*.

Um grupo de meninas com laços de fita,
babados e anáguas brancas passeava
com a governanta

do verão.

Num pequeno café com toldos listrados,
um grupo de senhoras bem-vestidas e
enluvadas e seus acompanhantes
refrescavam-se com uma bebida. Na

comum.

Maître Fromilhague levantou o chapéu e desapareceu. Gabignaud apertou a mão de Anatole e lhe ofereceu seu cartão, dizendo quanto esperava que houvesse

de copeira apareceu sem fôlego na
esquina à esquerda da praça.

Era rechonchuda e bonita, com olhos
negros profundos e uma boca sugestiva.
Mechas de cabelo escuro e farto es-

mesura.

— *Sénher Vernier? Madomaisèla.*
Madama me mandou buscá-los e levá-
los à Herdade do Cade. Pediu para eu
apresentar suas desculpas, mas houve

Marieta?

— Eu não saberia dizer. Quebrou uma roda.

— Bem, a que distancia fica a Herdade

— O quê? — exclamou Léonie, indignada, deixando a voz escapar antes que pudesse se conter. — Mas você detesta andar! — e tocou as próprias costelas, para lembrar ao irmão os ferimentos que ele havia sofrido. —

Anatole jogou a cabeça para trás e riu.

— Bem-vinda a Rennes-les-Bains —
disse, pegando a mão da irmã. —
Venha, *petite*. Caso contrário, ficaremos
para trás!

direção à encosta arborizada. Léonie e Anatole a seguiram em silêncio, em fila indiana, guardando o fôlego para a subida.

Continuaram subindo pela inclinação

pôde avistar, muito abaixo, mas ainda
perto, os telhados inclinados de Rennes-
les-Bains, em vermelho e cinza.
Conseguiu até identificar os hotéis e a
praça central onde haviam
desembarcado. A água cintilava e

mãe em falar da Herdade e da infância
passada nela. E

então as palavras do Dr. Gabignaud
ecoaram em seus ouvidos.

com nêsgas de sol que se infiltravam e se refletiam no vetusto dossel de folhas. Sabugueiros, arbustos, sebes formais e canteiros antes elegantes mostravam-se malcuidados e sem cor. A propriedade tinha um ar de majestoso abandono

retorcida.

Se tivesse deparado com aquele lugar por acaso, Léonie o teria julgado abandonado, tamanha era a impressão de desleixo. Virou-se para a direita e viu

— Deve haver um outro acesso à casa, presumo —disse Anatole.

— *Oc, sénher* — respondeu Marieta. — A entrada principal fica no lado norte da propriedade. O falecido senhor mandou

enquanto Mărieta vasculhava o bolso do avental para pegar uma grande chave de bronze. Houve um forte estalido quando a tranca se abriu e, em seguida, a criada empurrou o lado direito do portão. Depois que todos passaram, ela tornou o

de musgo nem ervas daninhas, e
ladeada por uma avenida de
châtaigniers com os galhos carregados
de frutos.

Finalmente, Léonie vislumbrou pela

ferro.

O edifício inteiro era coberto de hera verde e vermelha flamejante, que brilhava como se as próprias folhas tivessem sido lustradas

duas enormes jardineiras que sustentavam cerejeiras ornamentais.

Léonie subiu a escada, seguindo a criada e Anatole para um vestíbulo espaçoso e elegante. O piso era um xa-

bruma e cenas pastorais clássicas.

Havia uma grande escadaria e, à esquerda dela, notou Léonie, uma miniatura de piano de cauda, com uma tênue camada de poeira sobre a tampa

superfície lisa de um lago ornamental.

— Por aqui, *madomaisèla*, *sénher*.

Marieta os levou ao canto mais afastado do terraço, a um trecho de sombra criada

como um leque.

— Ela nos fez dar a volta inteira —
comentou.

— Como disse?

para nos receber. É tudo muito peculiar.

— Esses jardins são primorosos.

— Aqui, sim, mas lá nos fundos, toda a propriedade parece negligenciada.

monsieur Denarnaud, na estação ferroviária... você viu a expressão no rosto dele quando lhe disse para onde vínhamos? E o pobre Dr. Gabignaud. O modo como aquele desagradável *maître* Fromilhague o repreendeu e o proibiu de

— E a tranca do portão estava enferrujada — obs-tinou-se Léonie. — Faz um bom tempo que ninguém passa por aquele portão. Estou lhe dizendo, Anatole, é muito estranho.

deslumbrante. O cabelo louro e farto estava preso no alto da cabeça, sem uma mecha fora do lugar. E o mais impressionante de tudo eram os olhos, de um cinza pálido da cor da adúlria.

estendendo os dedos longos e finos. —
E Anatole?

Com uma meia reverência, Anatole
pegou a mão de Isolde e a levou aos
lábios.

recompensa, as tribulações da viagem já são uma lembrança distante.

Isolde inclinou a cabeça diante do elogio e se voltou para Léonie.

— Não há nada a perdoar. Agora,
sentem-se. Primeiro um chá, *à*
l'anglaise, e depois Marieta lhes
mostrará seus quartos.

Sentaram-se. Imediatamente, um bule de

ingleses e alemães pesados que são tão populares hoje em dia.

Isolde ofereceu a Léonie um prato de porcelana branca com rodela grande de limão amarelo e disse:

ano, por causa do tempo inclemente,
caso contrário, com certeza teria vindo
prestar suas últimas homenagens ao tio
Jules.

Isolde sorriu e se voltou para Anatole:

Liberais, no Champ de Mars, à sombra
da magnífica torre de monsieur Eiffel.

— Nos salões de esgrima também?
Anatole pareceu intrigado.

— Alguns cortes e hematomas, não foi nada — respondeu ele, com um olhar furioso para a irmã.

— A notícia dos tumultos não chegou

— repetiu Isolde, como se quisesse convencer-se.

— Exatamente. Nada mais. Falta de sorte.

fingir uma afeição pela Herdade do
Cade que sua mãe não sentia, e falou
sem pensar:

— A senhora pretende fazer desta aqui a
sua casa, ou vai voltar para Toulouse?

nem um pouco ofendida — disse Isolde.
— Mas, na verdade, fui criada em Paris.

Léonie aproximou-se mais, ignorando incisivamente o irmão. Sentia-se cada vez mais intrigada, querendo saber

responsabilidades de anfitriã.

— Tenho certeza de que as pessoas se solidarizam com sua situação —
retrucou ele.

suntuoso, mas seria uma oportunidade de apresentá-los a eles e eles a vocês.

— Seria esplêndido — respondeu Léonie de imediato e, esquecendo todo o resto, começou a fazer perguntas à tia

compota de amoras e cerejas, e a um jarro de creme de leite com uma colher de prata de cabo comprido ao lado.

— E o que é isso? — indagou Léonie, apontando para um prato de bombons

fez Léonie se indagar se, como
acontecera com sua mãe, Isolde se
sentiria uma espécie de hóspede
indesejada, e não a legítima castelã da
Herdade do Cade.

comercial.

— O Anatole está no conselho editorial de uma revista para colecionadores, de edições antigas, coisas assim

coisas eram muito melhores nos tempos
do imperador.

Prefiro ler!

— Léonie é uma *lectrice assidue* —

digamos — e tornou a hesitar.

Léonie fitou-a com interesse, porém ela não disse mais nada sobre quais seriam esses temas.

estava a seu lado na mesa.

Marieta apareceu imediatamente.

— O Pascal já voltou com a bagagem?

campainha e pedir qualquer coisa de que precisarem. Adquiri o hábito de tomar uma bebida às nove horas, na sala de visitas. Se quiserem me acompanhar ficarei encantada.

de busca procurá-lo em sua primeira noite.

Por um momento, ninguém falou. Depois, para espanto de Léonie, em vez de obietar a esse cerceamento de sua

Depois de se despedir do irmão e da tia, Léonie seguiu Marieta pela escada e pelo corredor do primeiro andar, que se estendia por todo o comprimento da casa. A criada parou para lhe indicar a localização do toalete e, adjacente a ele,

Léonie correu os olhos com prazer pelo quarto que seria sua casa nas quatro semanas seguintes. Era um cômodo bem mobiliado, bonito e confortável, com vista para os jardins do lado sul da propriedade. A janela estava aberta e lá

pequeno armário com pés em forma de garra, sobre o qual havia uma vela num castiçal de bronze, um copo e um jarro d'água, coberto por um guardanapo branco bordado, para afastar as moscas. Sua caixa de costura também fora

Tudo fora desembalado.

Na grande cômoda ao lado do guarda-roupa, ela encontrou sua roupa íntima e outras peças menores de vestuário, além

verteu a água quente da jarra na bacia.
Lavou o rosto e as mãos, depois molhou
as axilas e a depressão entre os seios.
Ao terminar, tirou a camisola azul de
caxemira do gancho pesado de bronze
em que fora pendurada, atrás da porta.

— Anatole — murmurou, receosa de que o irmão pudesse ter resolvido, afinal, ignorar o pedido de Isolde de que ficasse em casa.

E torceu para que o tivesse feito

se acreditasse estar sendo seguido.

Uma ilusão de óptica?

A figura desapareceu nas sombras.
Léonie imaginou ter ouvido o dobre de

cerrou as cortinas. Era quase certo que a figura tivesse sido um dos jardineiros, talvez embriagado, ou algum garoto se atrevendo a fazer dos jardins um atalho ilícito, mas houvera algo de incômodo naquele espetáculo, algo de ameaçador

trêmulas.

— O que houve? — perguntou ele,
quando a irmã

abriu a porta. — Você me parece muito

— Eu... — começou Léonie, mas pensou melhor.

— Deixe para lá. Não tem importância.

devagar, entregou-lhe a pequena monografia e voltou para a poltrona, dizendo:

— *V oilà. Diables et esprits maléfiques et phantômes de la montagne.* Léonie não

— Não faço a menor ideia. Parece um horror, mas tem jeito de ser o seu tipo de coisa! Achei-o apanhando poeira na biblioteca. O autor é alguém que a Isolde pretende convidar para o jantar de sábado, um certo monsieur Audrie.

fortuito de gentileza para com sua irmã?

— Alguns irmãos, sim, com certeza. Mas
você?

Anatole levantou as mãos, em sinal de

— Você não acha estranho não haver jantar esta noite? Anatole levantou as sobrancelhas.

— Você está com fome?

pegou o travesseiro onde ele havia
caído e subiu na cama. Encolheu as
pernas, acomo-

dou-se confortavelmente e abriu o livro.
O relógio no console da lareira bateu

A temperatura despencou. O ar havia esfriado.

Prédios e gente, bondes e landaus pareceram assomar das sombras, surgindo e tornando a sumir como

os trilhos dos bondes assobiavam.

Às sete e meia, a neblina deu lugar à chuva. Fria e cinzenta como lima-lha de ferro, ela caiu devagar, a princípio, depois mais forte e mais rápida. Criados

caído sobre lateral do divã, com os
dedos tocando no tapete, como uma
jovem sonhadora num barco, durante o
verão. Um toque levíssimo. Somente o
matiz de azul nos lábios, a mancha
arroxeadada que parecia um colarinho sob

dela tudo o que conseguiria.

A não ser pelo tique-taque do relógio no
console da lareira, tudo era silêncio.

A não ser pelo círculo de luz projetado

ele havia frequentado; uma lista de débitos, cuidadosamente anotados em duas colunas e riscados quando a dívida era quitada; uma referência a um breve flerte com os ocultistas nos meses frios do início do ano, mais como comprador

havia amado. Ele ainda não conseguia nem mesmo pensar no nome dela, muito menos dizê-lo. Em 31 de outubro do ano anterior, ela lhe dissera que o relacionamento precisava terminar. Antes disso, na verdade, a ligação entre

Depois daquela noite, a mulher desaparecera de Paris. Durante novembro e dezembro, Constant tinha pensado nela ininterruptamente. Era simples. Amava-a e, em troca, ela o

alcance de um cavalheiro de hábitos
urbanos e bolsos cheios. Salões de
jogos, clubes noturnos e láudano, para
contrabalançar as doses cada vez
maiores de mercúrio que ele era
obrigado a tomar, para aliviar os

sem ela.

Mas, no fim de janeiro, tudo havia mudado. Quando o gelo do Sena começava a derreter, chegara a seus ouvidos o boato de que ela não apenas

Descobrir o nome do rival tinha sido simples. O fato de ela e Vernier serem amantes era a primeira ideia que lhe vinha à cabeça todas as manhãs, quando o sol despontava. E a última que o deixava, quando a lua vinha acolher a

acólitos e adeptos do mag-netismo, que
fervilhavam sob a fachada respeitável de
Paris, todos obsequiosamente
desconfiados e com um medo constante
de serem traídos. Intrigas sórdidas,
sussurros dúbios, a publicação anônima

com as visões de seu corpo extinto no
chão, um Sísifo moderno esmagado por
sua própria pedra, ou amarrado como
Prometeu, enquanto ela se agachava
sobre seu peito e lhe arrancava o fígado.

aquele comentário entreouvido por
acaso, o vislumbre de uma cabeleira
loura sob um chapéu azul no Boulevard
Hausmann, murmúrios em Montmartre
a respeito de um caixão enterrado seis
meses antes, sem ocupante algum

Letras grandes, confiantes — uma
palavra solitária.

“FIM”.

Sentiu-se inundar por uma raiva fria. As

prestes a chegar... — murmurou c se
afastou para a janela.

Agora cōnscio do tempo que passava,
Constant apanhou a folha de papel
pardo em que o diário estivera

com precisão sob a mesa. Foi até o console e abriu a tampa de vidro do mostrador do relógio de Sèvres. Empurrou os ponteiros para adiante, até marcarem oito e meia. Depois, bateu com as costas duras do relógio na borda

sua volta estavam tingidas de vermelho e uma mancha borrada de sangue lhe manchava o peito, como o desabrochar exagerado de uma flor de estufa.

Constant derramou um pouco de

— Sim, monsieur — disse o criado, cuja máscara caiu momentaneamente. — A senhora... Ela está morta?

Constant não respondeu.

O homem retorceu os dedos, nervoso, reconhecendo a expressão nos olhos do patrão.

— Perdão, monsieur, mas madame Vernier não disse que o filho e a filha

sorriso frio. — Ela nos levará ao Vernier
e sua prostituta.



Um pesadelo com demônios e espíritos,
fantasmas e criaturas com garras, e
antigas ruínas em que as aranhas teciam
suas teias. Os olhos vazios dos
fantasmas

mandou perguntar se a senhorita precisa de alguma coisa.

Com alívio, Léonie reconheceu a voz de Marieta.

senhorita gostaria de se encontrar com eles.

— Que horas são?

— Quase nove e meia. *Muito tarde.*

Isolde usava um vestido simples azul-turquesa, de gola alta e mangas até os cotovelos, debruado de contas francesas de cristal negro. Estava deslumbrante.

— Lamento tê-los feito esperar —

que chamamos de *blanquette de Limoux*, que não é champanhe, e sim um vinho local muito parecido. É mais doce e mais leve, sacia mais a sede. Confesso que agora tenho certa predile-

melhor, a área atualmente ocupada pela casa e pelo terreno, está no cerne de inúmeras superstições e lendas locais há muito tempo. Fantasma, demônios, espíritos que perambulam durante a noite. As mais comuns são histórias

nele, nuvens de gás sulfuroso elevam-se da água e provo-cam tempestades ferozes. E há uma outra história que remonta ao verão de 1840, que foi particularmente seco. Na ânsia desesperada de chuva, um moleiro da

livro em suas mãos.

Léonie fez uma careta.

— Pode zombar, mas há sempre uma dose de ver-

A imagem repentina dos três homens juntos, debruçados sobre os livros, passou pela cabeça de Léonie e a deixou intrigada, perguntando a si mesma se Isolde se haveria ressentido de ser excluída com tanta frequência.

palavra certa. Quase reverente. Não
estou inteiramente segura do que quero
dizer. Ele tinha grande respeito pela
idade e pelos conhecimentos de
monsieur Baillard, mas também se
assombrava um pouco com a erudição

acerca de suas experiências passadas e tem interesses muito amplos. Além do folclore e dos costumes locais, também é especialista na heresia dos albigenses acrescentou, com um risinho. — Aliás, uma vez o Jules comentou que quase os

— E vou colocá-la ao lado de monsieur Baillard no sábado, para que você possa perguntar-lhe tudo o que quiser sobre demônios, superstições e mitos das montanhas.

escuridão do lado de fora, que parecia ter uma presença viva e pulsante. Era apenas o vento assobiando pelos cantos da construção, mas, para ela, foi como se a própria noite murmurasse, invocando os antigos espíritos da

Léonie olhou para o *blanquette* em sua taça e bebeu até a última gota.

O relógio bateu a meia hora.

Isolde anunciou sua intenção de redigir

companhia uns dos outros. Ela pensou nas aventuras que poderia ter e em como exploraria a casa e, se o clima o permitisse, o terreno da propriedade.

.lá tinha colocado a mão no corrimão da

mi, dó, ré. Uma linha melódica simples ecoou brevemente no silêncio do saguão, depois se extinguiu. Tristonha, evocativa, agradável de ouvir.

Léonie correu as costas dos dedos pelas



PARTE IV

Rennes-les-Bains

Octobre de 2007

O trânsito da hora do rush no anel
perimetral foi uma loucura, algo como o
Grand Theft A uto, só que sem as armas.
Meredith segurou o volante com força,
nervosa com os veículos que se

para rodar pelo interior, passando por Mirepoix e Limoux. Em Couiza, pegou a esquerda em direção a Arques e, após uns dez minutos de estrada sinuosa, virou à direita. Ali pelas seis horas, com uma mescla de expectativa e

na entrada que dizia JARDIN DE PAUL

COURRENT, e uma placa no muro com
os dizeres LE

PONT DE FER. De repente. meteu o pé

Meredith esperou e, quando mais uns dois motoristas também saíram dos carros, fez o mesmo, no exato momento em que o sujeito do Peugeot dava meia-volta e retornava para o seu. Cinquenta e tantas anos, mais grisalho nos

perguntou-lhe, quando ele se aproximou.

— Arvore caída — respondeu o homem,
abrupta-

mente, sem prestar atenção.

pôs a mão na porta.

— Há algum outro caminho?

Dessa vez, pelo menos ele a olhou.
Gélidos olhos azuis, muito diretos.

por que sentia tanta raiva dele.

Alguns outros motoristas fizeram a volta em manobras desajeitadas na rua estreita e retornaram na direção de onde tinham vindo. Meredith hesitou. Por mais

Pegou a bolsa do outro lado do banco — a ideia de ter o laptop furtado era impensável — e checkou a mala do carro, onde estava a sacola de viagem, para ver se estava trancada. Deixado o carro

Lilly Debussy tinha sido, pelo menos em parte, uma desculpa para ir até lá, ela havia alimentado boas esperanças a respeito do spa. Registros antigos e fotografias que remontavam à virada do século, à época em que Rennes les

ter raciocinado direito, afastou-se e voltou para a rua.

Uma trilha para pedestres descia à direita dos prédios do balneário — a Allée des Bains de la Reine. Meredith

estacionamento dos tempos de
secundário, na manhã do dia seguinte,
quando o terreno ficava enlameado e
cortado por marcas de pneus. A trilha era
ladeada por bancos de metal tortos e de
ar desolado; havia uma pérgula de metal

bancos, de blusa branca e saia preta, o rosto protegido por um chapéu de aba larga, sonhando com Debussy e Paris.

Tentou imaginar o soldado cor de sépia caminhando pela beira do rio, talvez de

bolsa um laptop valioso e uma máquina
fotográfica.

E está escurecendo.

Mas sentiu que alguma coisa a puxava.

sensação de uma paisagem mais duradoura, menos influenciada por pessoas e modismos.

A projeção íngreme e irregular da encosta parecia brotar diretamente do

Um carro passou na ponte de pedra lá
no alto e, por um breve momento, seus
faróis lançaram um fecho de luz na
muralha cinzenta de pedra, no ponto
onde as montanhas entravam
diretamente na cidade

sentindo o ar úmido aprisionado sob o arco de pedra sussurrar em sua pele. Ali a água corria mais depressa, afunilando-se pelo canal estreito. Flocos brancos de espuma borrifavam as paredes de tijolos, nos pontos em que o rio rolava sobre

escorregadia, mas Meredith se
esgueirou aos poucos, um tantinho mais
para dentro, um pouquinho mais, mais
ainda, até que o crepúsculo cor de
ametista tornou-se apenas um leve
brilho e ela não conseguiu mais

lugar secreto. Ali ela podia evocar mais facilmente o passado. Baixando os olhos para o rio, era fácil imaginar meninos de calções até os joelhos e pés descalços, meninas de cabelo encaracolado, preso com fitas de cetim, brincando de

É só o meu reflexo.

Dizendo a si mesma para não ser tão impressionável, tornou a olhar para o agitado espelho d'água.

perdeu o equilíbrio, agitando as mãos para trás até encontrar a segurança da parede às suas costas. Obrigou-se a olhar de novo.

Nada

bolsa do ombro, desabou num pedaço
seco de grama e encolheu as pernas,
pondo os joelhos junto ao queixo.
Acima, na estrada, mais dois facho-
s de luz, à passagem de outro carro que saía
da cidade.

das solas do tênis, apanhou a bolsa pesada e refez o percurso pela ponte de pedestres até a trilha.

Ainda estava trêmula, mas, pior do que isso, com raiva de si mesma por ter

como sempre.

O de sempre, o de sempre.

Sentiu-se inundar por uma onda de saudade. Pela primeira vez desde a

Fazia apenas 15 minutos que tinha saído do car-

ro. Arriou os ombros. Era improvável que a estrada já estivesse desobstruída.

passagem em arco que descia da rua no
alto para o vale do rio, levando
diretamente à trilha à beira da água. As
luzes dos postes de rua haviam se
acendido, e ela pôde discernir uma
senhora de maio florido e touca de

próspero balneário. Cabines de banho sobre rodas, senhoras e cavalheiros em antiquados trajes de banho, entrando nas águas quentes terapêuticas, criados e enfermeiras postados atrás deles nessa mesma margem do rio

CAPÍTULO 29

Como Meredith suspeitara, a estrada ainda estava bloqueada. O carro de aluguel continuava onde ela o havia deixado, atrás do Peugeot azul. Mais

e uma trilha rural para um vilarejo
vizinho, Rennes-le-Château.

Não estava chovendo, mas o ar havia
ficado úmido.

delas estava ocupado, ambas com grupos de ingleses. Numa das mesas, os homens falavam de futebol e de Steve Reich, enquanto as mulheres — uma de cabelo preto com um corte curtinho da moda, outra de cabelo loiro

emoldurasse a cena para uma fotografia. Meredith sorriu ao passar por eles, lembrando-se de seus alunos. A moça notou e retribuiu o sorriso.

No outro extremo da praça, ela notou um

até depois do anoitecer, exceto em dias santificados e nos casamentos e funerais, mas, quando Meredith experimentou a maçaneta, encontrou a porta trancada, apesar de haver luzes lá dentro

Michigan com os bolsos carregados de pedras. Será que o sacrifício valia a pena?

Aproximou-se e leu até o fim a lista de nomes em ordem alfabética, sabendo

Uma coisa chamou-lhe a atenção. Havia um BOUSQUET no memorial. Como as cartas de tarô, guardadas em sua sacola na mala do carro. Seria a mesma família? Era mais uma coisa para

pesquisa; e segunda e terceira: escreva tudo. Nunca se sabe, a não ser depois, o que pode se revelar importante.

Abaixo do crucifixo havia uma inscrição com as célebres palavras do imperador

deles, uma vez só, seria pouco.

*Gerações de homens: pais, irmãos,
filhos, quantas vidas.*

Sob o crepúsculo sombrio. percorreu

FAMÍLIA LASCOMBE-BOUSQUET.

Abaixou-se e, sob os últimos resquícios de luz solar, leu sobre os casamentos e nascimentos que haviam unido as famílias Lascombe e Bousquet em vida

fizera aceitar e da coincidência do sobrenome Bousquet, porém de algo mais. Algo relacionado com a data, algo que ela vira, mas ao qual não tinha prestado atenção suficiente na ocasião.

Tomada por uma descarga de adrenalina, Meredith refez às pressas seu trajeto por entre os túmulos, zigzagueando e verificando as inscrições, e constatou estar certa. Sua memória não lhe estava pregando

uma onda de vozes mais altas, e a porta novamente se fechando com estrondo.

Refez seu percurso até o pórtico. Agora as mesas de armar de madeira estavam sendo usadas. Uma fora coalhada de

Percebeu que o funeral estava prestes a começar, embora já fosse tarde. Não querendo ser flagrada, voltou depressa para a Place des Deux Rennes, agora com bastante movimento. Por ela

comparecido.

— Sabe o que está acontecendo? —
perguntou à garçonete.

— *Funérailles, madame. Un bien-aimé.*

procurando algo para dizer.

— Uma pessoa conhecida. Muito
respeitada — retrucou a mulher, em
inglês.

talvez perto dos 30 anos, de cabeleira escura. Seu rosto estava pálido e os maxilares, trincados, como se ele fizesse força para se controlar.

A seu lado havia um homem mais velho

mãos à frente do corpo, enquanto a massa vagarosa de pessoas desaparecia no corredor.

A porta da igreja fechou-se com estrondo. O sino parou de tocar

percebeu. A fotografia do jovem soldado, seu ancestral, fora tirada ali, exatamente no ponto emoldurado pelos prédios que levavam à Ponte Velha, entre uma fileira de plátanos e a encosta arborizada que se vislumbrava pelos intervalos entre as

Com um entusiasmo renovado pela tarefa que se havia estabelecido, ela retornou ao carro. Fazia menos de uma hora que chegara e já tinha descoberto uma coisa.

casa ou um galpão de animais, avultava
diante dela no escuro. Meredith abaixou
a trava com o cotovelo e ouviu o
mecanismo fazer um clique
tranquilizador, fechando bem a porta.

Em dois momentos, ela pensou haver
alguém andando ao longo da estrada,
iluminado por trás por seus faróis, mas,
ao chegar perto, descobriu tratar-se
apenas de uma placa ou um santuário à

Apertou o pé no freio. Havia alguém parado bem no meio da estrada. Uma mulher de capa vermelha e comprida, com o capuz cobrindo a cabeça. Meredith deu um grito e viu seu próprio rosto refletido no para-brisas branco de

tambores, vindo de algum lugar,
martelando, golpeando seus sentidos.
Ela levou um momento para se dar conta
de que era apenas o som de seu próprio
sangue pulsando nos ouvidos.

embaixo das rodas.

Não havia nada. Sem saber o que pensar, Meredith olhou ao redor, incrédula, primeiro para a esquerda, depois para a direita, então para trás, na

mão pela carroceria, mas encontrou a intacta.

Tornou a entrar no carro. Estava certa de ter visto alguém. Encarando-a, bem no meio da escuridão. Não havia imaginado

cabeça. Para despertar um pouco.

Ficou aliviada ao ver a placa do hotel.
Saiu da estrada para Sougraine e seguiu
uma pista sinuosa de mão única, que
subia por uma encosta íngreme

recinto fechado.

Os pneus estalaram no cascalho quando o carro avançou lentamente por uma longa alameda ladeada por castanheiras enfileiradas como

janelas redondas bem no alto, nas antigas instalações da criadagem: uma casa de proporções perfeitas, o que era admirável, considerando-se que parte da *maison de maître* original fora destruída pelo fogo. Tudo parecia completamente

vermelho e, nas paredes, um delicado papel de tom creme, com flores amarelas e verdes. À esquerda da porta principal, em frente às altas janelas de guilhotina, um par de sofás bem acolchoados, de almofadas gorduchas, um de cada lado

primeira vista mais napoleônicos que vindos da Primeira Guerra Mundial, damas de mangas bufantes e saias amplas, retratos de família, cenas de Rennes-les-Bains nos tempos de outrora. Meredith sorriu.

Meredith preencheu o formulário e forneceu os detalhes de seu cartão de crédito, o terceiro que usava nesse dia. Recebeu um mapa do hotel e dos jardins, outro da área circundante e uma chave antiquada de bronze, com uma

recepcionista.

— Eu disse que o seu quarto fica no primeiro andar. O elevador é bem em frente à portaria — continuou a mulher, apontando para uma placa discreta —

— Não, eu me arrango, obrigada.

Com uma última olhadela pelo saguão deserto, Meredith subiu a escada para o majestoso patamar do primeiro andar. Lá

Seu quarto ficava praticamente no fim do corredor.

Com o lampejo de antecipação que sempre experimentava ao entrar pela primeira vez num novo hotel, atrapalhou-

quarto e brochuras com a história do lugar. Numa pequena prateleira acima do *bureau*, uma seleção de livros antigos. Meredith correu os olhos pelas lombadas — os romances policiais e os clássicos de praxe, um guia de uma

som de portas de carro batendo, embora houvesse um terraço abaixo com mesas de madeira, cadeiras e calefato-res.

Desfez as malas, dessa vez como convém, em vez de deixar tudo na

— Oi. Aqui é a Srta. Martin, no Quarto Amarelo.

Preciso verificar minha correspondência, mas estou com dificuldade para entrar na internet. Você poderia me fornecer a

entrar em contato quando houvesse mais alguma coisa para contar. Depois, verificou sua conta bancária e constatou com alívio que o dinheiro da editora finalmente fora depositado.

pelo folheto do hotel.

Em seguida, digitou LASCOMBE no
serviço de busca.

Isso revelou algumas informações novas

havam recebido de herança, por ocasião da morte dele, a Herdade do Cade.

Meredith foi descendo a página até encontrar o que estava procurando. Deu

*Não se conhece a identidade do pintor
que criou as cartas dos arcanos maiores,
contemporâneas do primeiro baralho
impresso.*

Na escrivaninha, o telefone tocou

interrompido às seis horas.

Ficou dividida. Não queria parar, não nesse momento, justamente quando começava a chegar a algum lugar — ainda que saber se aquilo tinha alguma

guntou Julian Lawrence. — Que diabo
está havendo comigo? — gritou Hal. —
O que quer dizer com o que está
havendo comigo? Afora o fato de eu ter
acabado de enterrar meu pai? Afora

caminho de um jantar formal. Elegantes em seus ternos pretos e sapatos bem engraxados. Somente a expressão no rosto de ambos e os punhos fechados de Hal indicavam o ódio que sentiam um pelo outro.

suave.

— Compreendo que você esteja transtornado. Todos compreendem. É perfeitamente natural. Mas sair fazendo acusações insanas a torto e a direito não

que fez a mão do tio soltar-se. —

Está?

Os olhos de Julian Lawrence toldaram-se. Acabou-se o olhar de compaixão, de

falaremos disso.

Hal passou por ele.

— Não há mais nada para conversar.
Você sabe o que eu penso. Nada que

— Você não faz ideia — respondeu e apoiou as mãos na escrivaninha que os separava. — Algum recado?

— Apenas um — disse ela, entregando-

sítio arqueológico de Quillan era fechado ao público e, até aquele momento, ainda não fora liberado nenhum inventário.

— A que horas isso chegou, Eloise?

Embora estivesse acabada, não
adiantava se recolher naquele momento.
Não haveria a menor possibilidade de
dormir, pois tinha coisas demais na
cabeça.

murmurante vinha do corredor que levava ao bar do terraço. Meredith não era grande fã de bares, mas, como não queria ir direto para o quarto e sentir a tentação de se deitar, essa lhe pareceu a melhor opção.

Dois casais, um grupo de familiares e vários homens sozinhos.

Não havia nenhuma mesa desocupada, e por isso Meredith sentou-se numa banqueta do bar. Depois a chave e o

Begude —disse outra voz.

Surpresa com o sotaque britânico e com o fato de alguém lhe dirigir a palavra, Meredith virou-se e viu um sujeito sentado no bar, umas duas banquetas

como quem verificasse se ela estava ouvindo, depois tornou a contemplar o fundo de sua taça de vinho tinto. *Que olhos azuis.*

Com um sobressalto, Meredith se deu

Ela lhe mostrou a etiqueta na chave e tornou a dar uma olhada no sujeito do bar.

— Obrigada pela recomendação.

magnífico vinho amarelo-escuro.
Discretamente, estendeu-lhe também a
nota e uma caneta.

Intensamente consciente de que Hal a
observava, ela bebeu um gole. Logo

americana.

No instante em que as palavras lhe saíram da boca, ele pôs os dois cotovelos no bar e passou os dedos pelo cabelo desalinhado. Meredith se

— O meu pai... — ele se interrompeu, com uma expressão desesperada no rosto. — Meu tio é o dono disto aqui — concluiu. Meredith depreendeu ter sido o enterro do pai dele que tinha visto, o que

As pausas entre as falas eram sempre longas demais, e o fio de seu pensamento se desarticulava.

— As duas coisas. Sou escritora.

Hal deu um suspiro, e foi fácil perceber sua raiva pelo modo como cerrou os punhos.

— Ele e meu pai o compraram juntos em 2003

semanas — explicou, engolindo o choro.
— O enterro foi hoje.

Em seu alívio por ouvir a informação às
claras, Meredith segurou a mão de Hal,
antes de se dar conta de fazê-lo

Meredith balançou a cabeça, pensando em qual teria sido o problema. Hal se manteve calado.

— Você mora aqui? — perguntou-lhe, tentando retomar a conversa. Ele fez que

Meredith fez uma pequena pausa.

— Quais são seus planos agora? Hal encolheu os ombros.

— Vai ficar em Londres?

Ela riu.

— É tênue. Em agosto de 1900,
Debussy escreveu uma carta para um
amigo, dizendo que ia mandar sua

— Era, sim. Particularmente entre os parisienses. E

também fazia sucesso, em parte, por não se especializar em tratar de apenas um tipo de problema. Alguns lugares eram

se sentia defensiva. Como se, de repente, seu verdadeiro motivo para estar em Rennes-les-Bains ficasse dolorosamente transparente. — Mas seria um grande material original de pesquisa, algo que ninguém mais

forma in-coerente, mas, apanhada em sua própria história, não conseguiu parar. Chegou mais perto e prosseguiu:

— A meu ver, a Lilly esteve presente nos anos cru-ciais que levaram à primeira

um hábito terrível presumir que todos sentirão o mesmo interesse que eu.

— Acho ótimo existir alguma coisa pela qual a pessoa se apaixone — retrucou ele, em voz baixa. Alertada pela

mas tendo o benefício da visão retrospectiva.

— Um trabalho detetivesco.

Meredith lançou-lhe um olhar penetrante.

um punhado de resenhas críticas para
La Revue Blanche. É só dizer qual é o
texto, eu já o li.

A culpa tomou conta quando ela
percebeu que continuava a fazer a

seus pensamentos deprimidos. Faltaram-lhe forças para levar a conversa adiante. Era hora de dar a noite por encerrada.

Levantou-se da banquetta e recolheu

você estiver por aqui amanhã, quem sabe possamos dar uma saída. Ou nos encontrarmos para tomar uma bebida, o que acha?

Meredith piscou os olhos, surpresa

que a fez se decidir. Além disso, afora o tempo passado com Laura, quando ela pusera as cartas do tarô — o que não poderia propriamente contar —, fazia semanas que Meredith não mantinha com ninguém uma conversa cara a cara

conheço a região tão bem assim, mas
faz uns cinco anos que venho aqui, de
tempos em tempos.

— Talvez seja muito maçante. Hal deu
de ombros

ajudar.

A expressão de Hal toldou-se:

— Eles são uns inúteis — disse, em tom selvagem.

encontre alguma coisa útil no museu de
Rennes-le-Château. Só estive lá uma
vez, mas me lembro de que ele dava
uma boa ideia de como devia ser a vida
por aqui naquela época.

Ela balançou a cabeça.

— Até amanhã.

CAPÍTULO 33

mergulhando o quarto num negrume suave. Passou algum tempo olhando para o teto, até ficar com os membros pesados e começar a resvalar para o sono.

volta, mais real do que nunca. Rechaçou as lembranças da infância, substituindo-as pelas imagens do tarô que tinha levado na memória o dia inteiro. Le Mat e La Justice. O Diabo de olhos azuis e os Amantes desamparados.

Ouviu a porta de um carro bater e sapatos triturando o cascalho, o pio de uma coruja partindo para a caçada, o vibrar e chocalhar ocasional dos canos de água quente.

Não, cantando não. Tocando piano. E muito perto.

Ela ergueu o corpo e sentou-se. O quarto estava frio. A mesma friagem penetrante que sentira embaixo da ponte. A

tomada pela certeza esmagado-ra de
que havia alguém parado aos pés da
cama, observando. Um par de olhos
brilhando na escuridão. Filetes de suor
frio deslizaram por seu colo e
escorreram pelo vão entre seus seios

pórtã do banheiro, refletindo a luz.

Ninguém.

Meredith recostou-se na cabeceira de mogno, tomada de alívio. No criado-

movimentar-se, fazer alguma coisa física.

Não apenas ficar deitada. Pegou no minibar uma garrafa de água mineral, foi até a janela e olhou para os jardins

seguir em frente.

Mas, agora que estava ali e via como o lugar era pequeno, sentia-se menos segura. Toda a ideia de levantar a origem de sua família biológica nesse

fantasmas, os demônios da noite. O rosto na água, a figura na estrada, as imagens intimidantes das cartas.

Dessa vez, ao se deitar para dormir, o quarto estava tranquilo. Nada de olhos a

PARTE V

Herdade do Cade

O Quarto Amarelo era bonito à luz da manhã. Ela continuou deitada por algum tempo, ouvindo os raros sons que rompiam o silêncio profundo do campo. O canto matinal dos pássaros, o vento

— Obrigada, Marieta. Eu me arranjo.

— Muito bem, *madomaisèla*.

Léonie afastou as cobertas e baixou os
pés para o tapete, procurando os

estampado e descobriu uma travessa de
pães de trigo, com a crosta dourada
ainda morna, e um prato de manteiga
batida e cremosa. Havia três tipos
diferentes de geleia, em pratos
individuais de porcelana, e uma tigela de

estantes empoeiradas e as lombadas polidas. Se alguém a questionasse — embora não houvesse razão para isso acontecer, já que Isolde lhes pedira que tratassem a casa como se fosse deles — teria a desculpa de estar devolvendo

um pequeno corredor espremido entre a sala de estar e a porta do estúdio. Na verdade, Léonie ficou surpresa por Anatole haver topado com ele.

Houvera pouco tempo para explorações

Léonie presumiu que houvessem
pertencido a seu tio Jules.

Girou a maçaneta da porta da biblioteca
e entrou.

tinteiro e pena, ao lado de um bloco encadernado em couro e um mata-borrão novo

Léonie resolveu iniciar a exploração pelo canto mais distante da porta. Correu

Na estante seguinte, descobriu uma primeira edição da *Viagem à Roda do Meu Quarto*, de Maistre. Estava surrada e cheia de orelhas, ao contrário do prístino exemplar que Anatole tinha em casa. Em outro nicho, encontrou uma

tuadas as traduções de monsieur Poe
feitas por Baudelaire.

Nada de madame Radcliffe nem de
monsieur Le Fanu.

chegar à letra “B”. Não havia nenhum espaço visivelmente vazio. Intrigada, espremeu o livro estreito no local em que lhe pareceu que deveria ficar. Concluída essa tarefa, virou-se em direção à porta.

Parou no penúltimo degrau. Usando os joelhos para se equilibrar, espiou o interior da vitrine. Estava escuro lá dentro, mas, com as mãos em concha sobre o vidro, para proteger os olhos da

Ela já ia descendo quando teve a
atenção despertada por um volume
grande e simples, encadernado em
couro preto, menos espalhafatoso e
ostensivo que os demais. exibido de

O corpo de uma mulher, identificada como madame Marguerite Vernier, fora encontrado pouco depois das nove horas da noite de domingo, 20 de setembro. A notícia fora transmitida por

*Assassinato de Carmem! Herói de
guerra detido! Briga de amantes leva a
facada mortal!*

— O que significa tudo isso? — trovejou
Labouche

homens tem a língua frouxa?

O inspetor Thouron exhibia todas as
marcas de um homem que tinha visto o
dia raiar sem experimentar o luxo de sua
cama. Tinha sombras escuras e

— Ninguém quer falar. Um de meus *gendarmes en-tre* ouviu uma conversa entre dois daqueles abutres, sugerindo que pelo menos duas redações de jornais receberam um comunicado, aproximadamente às sete horas da noite

ele e Marguerite Vernier eram amantes?

— Não nega, embora tenha solicitado a garantia de que seremos discretos nesse assunto.

— O Du Pont ainda está de posse desse bilhete?

Thouron deu um suspiro.

Em respeito à reputação da senhora

— E o que disse o sujeito quanto isso?

— Ficou abalado com a informação, mas manteve a compostura. Não foi ele, ou assim declarou. Aferrou-se à história de que chegou e a encontrou morta, com

— Ele tem a chave.

— Algum outro membro da família?

Thouron vasculhou uma das pilhas mal equilibradas de papel na escrivaninha.

— Eles foram informados do assassinato da mãe?

Thouron deu outro suspiro.

— Infelizmente, não. Não conseguimos

familiar?

— Pode ser por várias razões, senhor. O pai, Leo Vernier, foi *communard*. Foi preso e levado a julgamento, condenado à deportação. Morreu nas galés.

Anônima, presumo? Thouron assentiu com a cabeça.

— O *La Croix* parece ter tido o Vernier particularmente na mira. Por exemplo, eles publicaram uma acusa-

são para as pessoas envolvidas. Depois, no dia 12 de fevereiro, ele foi implicado num escândalo envolvendo o furto de um manuscrito raro da Bibliothèque de l'Arsenal.

— Nunca ouvi falar.

— Não se conseguiu vincular nada ao Vernier, e o assunto revelou o esquema de segurança bastante precário da biblioteca, de modo que a história toda

ele disse que não. Não tivemos
alternativa senão abandonar o assunto.

Laboughe calou-se por um momento,
assimilando as informações.

noir e de carteados.

— Alguma perspectiva de herança?
Thouron abanou a cabeça.

— Como *communard* condenado, os

conhecimento desses arranjos, eu não me disporia a especular.

Laboughe mudou de posição, fazendo a cadeira ranger e reclamar. Thouron aguardou pacientemente enquanto seu

desagrado.

— Uma interrupção?

— É possível, senhor. Os laudos se perderam. Foram furtados, segundo a

— Ora, Thouron. Caluniar um homem está longe de ser o papel de uma pessoa honrada, mas daí para o assassinato?

— Exato, *monsieur le Préfet*, e em

assunto em pauta, mas o próprio Vernier foi vítima de uma agressão na Passagem dos Panoramas, nas primeiras horas do dia 17 de setembro, quinta-feira passada.

Por sua vez, eles nos informaram do incidente, sabendo do nosso interesse por esse cavaleiro. Ao ser interrogado, o vigia noturno da Passagem admitiu ter sabido da agressão, tê-lo testemunhado

— Mas, nesse caso, Thouron, por que é a Marguerite Vernier que está deitada numa laje, e não o próprio Vernier? Não faz sentido.

Lahougue recostou-se na cadeira

parece ser a explicação mais provável.
O general esteve lá. Só temos a palavra
dele para afirmar que encontrou
Marguerite Vernier morta ao chegar.
Havia duas taças de champanhe, mas
havia também um copo de uísque

— Continue.

— Além disso, o momento escolhido,
digamos, com o filho e a filha fora da
cidade e o apartamento fechado por um

não ter que levar um herói do exército
aos tribunais, Thouron, especialmente
alguém tão condecorado e ilustre quanto
Du Pont

— disse e lhe deu uma olhadela. — Não

— Nossa prioridade deve ser localizar o Vernier e informá-lo do assassinato da mãe. Se antes ele não se dispunha a falar com a polícia sobre os vários incidentes em que foi envolvido neste último ano, talvez essa tragédia o faça

nove horas da manhã.

— Alguém os viu depois de entrarem na Saint-Lazare?

— Não, senhor. Os trens que saem da

avisos por toda a Île-de-France, e estamos verificando as listas de passageiros das embarcações do canal da Mancha, para a eventualidade de eles pretenderem fazer uma viagem mais longa.

Deslocou-se devagar pelo cômodo,
batendo com a bengala no chão, até
chegar à porta.

— E... inspetor?

HERDADE DO CADE

Havia uma chavezinha de metal na fechadura da vitrine. Estava dura e não queria se mexer, mas Léonie a chacoalhou até que ela acabou girando

Na primeira página repetiam-se o nome de seu tio, Jules Lascombe, e o título, *Les Tarots*, dessa vez com um subtítulo logo abaixo: *Au delà du voile et l'art musicale de tirer les cartes*. Mais abaixo

ombros recurvados e vulgares, braços compridos e garras em lugar das mãos. A cabeça era grande demais, distorcida, sugerindo uma espécie de paródia grotesca da forma humana.

nenhuma informação quanto à
proveniência ou origem da gravura.
Apenas uma única palavra, um nome,
escrito abaixo em letra de forma:
ASMODEU.

*N as lajes areadas do interior do
sepulcro ficava o quadrado,
anteriormente pintado de preto por
minhas próprias mãos, naquele dia, e
que nesse momento parecia emitir uma*

*retirou da atmosfera o ar saudável.
Também o vento afirmou sua presença,
pois a que mais eu poderia atribuir às
notas que começaram a murmurar dentro
da câmara de pedra, como o som de um
piano distante?*

presentes. Eles transitaram rente a meus ombros e meu pescoço, roçaram em minha testa, cercaram-me sem jamais me tocar, porém sempre chegando mais e mais perto. Pareceu-me que voavam e se deslocavam no ar, de modo que

*ção a ele, ao que, no mesmo instante,
desceu sobre mim um vento fortíssimo,
que me empurrou para trás, gritando e
urrando uma melodia assustadora, se é
que lhe posso dar esse nome, a qual me*

alguma.

*Cobri a cabeça com os braços para me
proteger. O suor brotava de minha testa.
Meu coração começou a perder o ritmo e
me dei conta de uma debilidade*

*simples pressão. N um balbucio
desvairado, continuei a recitar os nomes
das cartas: Bobo, Torre, Força, Justiça,
Juízo. Estaria eu invocando os espíritos
das cartas, já então manifestos para me
ajudar, ou seriam eles que estavam*

*lufada de ar. A pressão sobre meu
coração fragilizado aliviou-se, Prostrei-
me no chão, quase desfalecido, mas
ainda cômescio de que as notas — as
mesmas quatro notas — se extinguíam,
e de que os sussurros e suspiros dos*

desapareceram.

Léonie soltou um assobio baixo. Virou a página.

Não havia mais nada.

em sua família, sem que isso jámais
tivesse sido mencionado.

No entanto...

Parou para pensar. Na introdução, seu

ambos os lados da lareira e pelos cantos empoeirados atrás das mesas e cortinas. Ainda haveria espíritos dentro da propriedade? Pensou na figura que vira atravessar o jardim na noite anterior.

dava nome à herdade: cade.

E será que ele ainda existe?

Léonie apoiou o queixo na mão. Seu lado prático assumiu o controle. Deveria

*Se o sepulcro ainda existir, eu o
encontrarei.*

Um barulho no corredor, do lado de fora,
chamou-lhe a atenção.

fosse deles. E, embora o livro estivesse fechado numa vitrine, Léonie tinha certeza de que isso era uma proteção contra os estragos advindos da poeira, do tempo e da luz solar, não tendo o sentido de uma proibição. Se assim não

Seus olhos espremeram-se de desdém.
“Assassinato de Carmem.” Era ofensivo,
depois de toda a ajuda que ele lhes
dera, os homens da imprensa serem tão
previsíveis.

o haver acusado do assassinato lhes despertara o interesse e os fizera lançar suas redes literárias um pouco mais longe.

Agora — graças, em boa parte, aos

presença no apartamento na noite do assassinato.

Convinha muito a Constant que os jornalistas fossem preguiçosos. Bastava apresentar-lhes uma história bem

tinham ido.

Ele lançou um olhar desinteressado pela janela enquanto o Expresso de Marselha seguia ruidosamente para o sul,

No fim, acabara por deslindar o confuso emaranhado que Vernier tentara construir em torno de sua partida. Os vizinhos, incentivados por um ou dois tostões, haviam alegado não saber nada

manhã de sexta-feira e o segundo fiacre
que os levara de lá à estação
Montparnasse, coisa que Constant
estava certo de que, até esse momento,
os *gendarmes* do 8º *arrondissement* não
haviã descoberto

instalaria, como uma aranha no centro da teia, esperando a presa ficar a seu alcance.

Mais cedo ou mais tarde, as pessoas falariam. Sempre falavam. Murmúrios

Olho por olho.

Sua expressão endureceu-se ao imaginá-la sorrindo para Vernier, tal como um dia lhe sorrira. Em sua mente torturada, num círculo lampeja, passou a

Mais um souvenir. Em perfeito acordo
com seu estado de espírito.



projeto de explorar a Herdade em busca do sepulcro. Mas essa expedição poderia esperar. A ida à cidade com Anatole não esperaria.

— Por favor, leve meus cumprimentos a

misturada de retalhos de tecido, dedais,
alfinetes e agulheiros.

Não havia sinal de Anatole quando
chegou ao saguão.

de madeira. Perto deles estava um carrinho de mão, cheio de folhas de outono que o ancinho recolhera, vermelhas como vinho. O homem mais velho usava paletó marrom curto e boina, com um lenço vermelho no

— Vem temporal aí.

Com ar de dúvida, Léonie contemplou o céu perfeitamente azul, pontilhado de ilhas flutuantes de nuvens.

— O que o senhor quer dizer? —
retrucou em tom ríspido. O jardineiro se
benzeu.

— O Diabo anda por aqui. Toda vez que
sai do lago Barrenc, traz tempestades

O Diabo vem cobrar o que lhe devem.

— Ordem natural? — Léonie ouviu-se murmurar.

Ora, o que o senhor quer dizer?

Anatole lhe acenava do terraço. — A
sege chegou! — gritou ele.

— Fique com a alma fechada,
madomaisèla — aconselhou o
jardineiro entre dentes. — Quando

lera nessa manhã. Léonie abriu a boca para fazer outra pergunta, mas o velho já re-pusera a boina na cabeça e voltara a seu trabalho de escavação. Ela hesitou por mais um instante, depois arregaçou a saia e subiu correndo os degraus que

— Pronto — disse. — Perfeitamente respeitável!

Anatole abanou a cabeça, em parte frustrado, em parte achando graça. Atravessaram juntos a casa e subiram

carruagem partiu num solavanco,
descendo a alameda.

— T *ante* Isolde não quis nos
acompanhar? — perguntou ela,
elevando a voz para se fazer ouvir acima

razoavel-mente livre de detritos, de modo que eles ganharam terreno com rapidez. Os cavalos usavam antolhos e mantiveram o passo firme, embora os lampiões sacudissem em seus suportes e batassem nos laterais do cage durante

— Foi como se os trovões estivessem presos no vale entre as montanhas. E estivessem zangados.

Anatole sorriu.

cocheiro na boleia:

— O senhor conhece um lugar chamado
Lac de Barrenc? — perguntou, elevando
a voz para se fazer ouvir acima do
estrépito das rodas

caminhada, não mais, ficam o lago do Diabo e a montanha Chifruda.

Léonie estava falando do que temia apenas para dominar o medo, e sabia disso. Mesmo assim, virou-se para

Gran'Rue em direção ao
estabelecimento hidrotermal. Pararam
por alguns minutos num pequeno cale
na calçada, onde Léonie tomou uma
xícara de café forte e doce, e Anatole,
uma taça de absinto temperado com

de mantimentos de Isolde, a serem entregues na Herdade do Cade no sábado, e a deixou fazer as encomendas.

Léonie divertiu-se muito

sacadas dos fundos do Hotel de La Reine. Mais que visto da rua, o estabelecimento dominava a paisagem, com sua imponência e sua importância, seus prédios modernos, piscinas e enormes janelas de vidro. Uma

Bains de La Reine, uma pérgula de ferro batido, em formato de coroa, proporcionava sombra e proteção dos raios solares. Em frente a um pequeno quiosque móvel, com uma meia-porta dobrável que dava para a rua, uma

deliciosa e bebeu primeiro o seu copo,
depois a sobra deixada pelo irmão,
cuspindo um ou outro carocinho no
lenço.

A rive droite — a margem direita, oposta

alameda particular coberta. Uma fila de enfermeiras e criados aguardava pacientemente na margem, com toalhas dobradas nos braços, à espera que seus tutelados emergissem.

esconde-esconde entre os prédios,
sussurrando pelas ruelas e fazendo os
toldos balançarem. Léonie olhou em
volta para as folhas que rodopiavam ao
vento, douradas, acobreadas e
arroxeadas, e para as réstias delicadas

Anatole fez o pedido a ser dividido entre os dois: *pâté de la maison*, um prato de tomates e uma *bûche* de queijo de cabra local, com molho de amêndoas e mel, acompanhados por um jarro de vinho rosé das montanhas.

— O que quer dizer com isso?

— Apenas que havia livros mais do que suficientes para mantê-lo ocupado por algum tempo, e que fiquei surpresa, aliás, por você ter conseguido localizar o

começar —disse ela, fixando os olhos no irmão para observar como reagiria. — E também os livros de ocultismo. Alguns me pareceram edições raras.

Anatole não respondeu de imediato, e

mencionado, bem, isso é...

Anatole continuou a fumar seu cigarro.

— Bem? — indagou ela.

impressão que teve. Acho a *tante* Isolde muito agradável — declarou, elevando um pouco a voz, para impedir que ele a interrompesse. — Não é a nossa tia, e sim o caráter do lugar, que é inquietante, especialmente quando combinado à

por algum motivo, não conseguiu se deter.

— E você é a especialista nessas publicações —disse ele, em tom cético. Léonie retraiu-se diante da frieza do

alguma coisa estranha na Herdade,
admita você ou não — e fez uma pausa.
— Na verdade, chego até a me
perguntar se você realmente foi à
biblioteca.

alguma estranheza, decerto se pode atribuí-la ao fato de que ela mesma se sente uma estranha aqui, vivendo em meio a criados muito antigos, que provavelmente se ressentem de que uma pessoa de fora assuma o lugar de

livro interessante que lhe fizesse
companhia ontem à noite, para você não
ficar com saudade de casa num lugar
desconhecido. A Isolde não fez outra
coisa senão demonstrar-lhe gentileza,
mas você parece decidida a pôr defeitos

bengala. — Venha. A sege esta esperando.

— Anatole, por favor — pediu Léonie, mas o irmão já estava atravessando a praça. Dividida entre o pesar e o

*Ele está preferindo defender a Isolde,
não a mim.*

Era muito injusto, depois de um
conhecimento tão breve. Pior ainda,
esse idote o deixou de conta do ciúme

sem querer ver ninguém, e se atirou de bruços na cama. Chutou longe os sapatos, deixando-os cair no chão com um baque satisfatório, e ficou com os pés pendurados na borda, como se flutuasse num rio sobre uma jangada

jardins estavam inundados de uma luz
viva e dourada.

Por toda parte, ainda viu indícios dos
estragos causados pelo vento maldoso.
Ao mesmo tempo, no entanto, os jardins

Talvez até encontrasse as cartas de tarô.
Apanhou o livro.

Dessa vez, leu todas as palavras.

* * *

recobrar o fôlego. Já estava
transpirando. Parou e tirou o chapéu que
pinicava, desfrutando a sensação do ar
puro na cabeça descoberta, e guardou
as luvas no fundo dos bolsos, ficou
radiante por estar completamente a

Olhou para o céu. Desde que não demorasse demais, desde que o tempo continuasse firme, poderia simplesmente voltar para casa na direção oeste, seguindo o sol poente. Além disso, aquela era uma floresta particular

cortantes dos *pins maritimes* pareciam
vergar-se sob o peso indesejado do
tempo, com um aspecto ado-ecido e
esgotado. Na comparação, o caminho da
direita era decididamente corriqueiro.

Ela percebeu que estava subindo. A trilha tornou-se mais íngreme e menos definida. Pedras, terra desnivelada e galhos caídos projetavam-se das moitas espessas de ambos os lados. Léonie

vários momentos, Léonie deslocou uma pedra com o pé e a ouviu despencar no a-bismo. Seus receios aumentaram. Não era preciso um grande rasgo da imaginação para evocar os espíritos, fantasmas ou aparições que o jardineiro

Bem ao longe, pela abertura
vislumbrada acima das copas das
árvores mais baixas, o mundo inteiro
pareceu estender-se de repente diante
dela, como um quadro. Nuvens
deslizando pelo céu aparentemente sem

de arreios e carruagens na Gran'Rue, a gritaria do cocheiro quando o *courrier* se posicionava na Place du Pérou. E então o badalar agudo do sino da igreja foi carregado pelo vento até onde ela havia parado, ouvindo

*Mas cheguei longe demais para voltar
agora.*

Empinou o queixo e continuou andando
com determinação, lutando contra a
suspeita insidiosa de estar seguindo na

marcar o caminho de casa.

Não há razão para você se perder.

Continuou a andar, aprofundando-se na mata. Descobriu-se então numa clareira.

Desceu uma calma absoluta e impenetrável, à medida que o ar encharcado foi abafando todo o som. Léonie sentiu os dedos gelados da névoa envolverem seu pescoço como um cachecol, enroscando-se em suas

O sepulcro era cercado por um renque de teixos retorcidos, de raízes tortas e deformadas como as mãos de um velho, fazendo sombra sobre a trilha. Não havia marcas na terra. Todas as sarças e urzes cresciam ao léu.

Tirou do bolso seu lápis de cera e as
rabiscou num pedaço de papel.

Houve um barulho atrás dela. Um
farfalhar? Um animal selvagem? Uma
pantera? Depois veio um som diferente

— pareceu-lhe muito pior. Com o sangue pulsando na cabeça, estendeu a mão, segurou a argola pesada de metal na porta e empurrou.

A princípio, nada aconteceu. Ela tornou

inconfundível de poeira e objetos antigos
e uma lembrança de incenso secular.
Também havia mais alguma coisa. Ela
franziu o nariz. Um cheiro remanescente
de peixe, de mar, do casco salgado de
um barco de pesca naufragado.

fechada. Uma cortina púrpura desbotada pendia diante de um dos assentos. Do outro lado do compartimento não havia cortina.

Logo à esquerda da porta de entrada

demônio ganhar vida, Léonie foi
chegando mais perto.

Abaixo, impressa num cartãozinho
branco, amarelecido pelo tempo, estava
a confirmação: asmodée maçon au

Logo em seguida, ocorreu-lhe outra ideia: qual delas teria sido a primeira, a ilustração do livro ou a pia de água benta? Qual delas era a cópia, qual o original?

ergueu o corpo e virou de frente para a nave. Havia três fileiras de bancos de madeira simples no lado sul do sepulcro, virados para a frente, como numa turma de escola primária, porém não mais largos do que o necessário para

indignas de nota, pelo menos para os olhos destreinados de Léonie.

Ela começou a andar lentamente pela nave, como uma noiva relutante, e foi ficando mais ansiosa à medida que se

silvestres dos Pireneus; o coxo são Roque, com seu bordão. Santos de importância local, presumiu ela.

A última estátua, mais próxima do altar, era de uma mulher magra e miúda, num

Houve outro ruído. Léonie olhou para as janelas altas. Eram só os galhos das castanheiras, tamborilando feito unhas no vidro. Apenas o som do pio lúgubre dos pássaros.

ça, ele correspondia exatamente à descrição feita em *Les Tarots*: uma mesa nua, sem nenhum dos artefatos religiosos — nada de velas, crucifixo de prata, missal ou antifo-nário. Estava colocada numa abside octogonal cujas

Léonie abafou uma exclamação, ao discernir repentinamente o que via. Oito quadros individuais retirados do tarô, como se cada figura houvesse saído de sua carta e ido para a parede. Abaixo de cada uma aparecia um título gravado: L e

pedacinho de papel que havia
encontrado no bolso.

Correu os olhos pelo sepulcro, em busca
de alguma outra coisa na qual escrever.

Só tinha um número limitado de notas,
as quais, num primeiro momento,
fizeram-na lembrar muito do tipo de
exercícios para quatro dedos com que
foi obrigada a batalhar durante suas
aulas de piano na infância.

.

“Sepulcro” no alto da página, como prova de onde a havia encontrado, guardou-a no bolso e deu início a uma busca metódica na capela de pedra. Enfiou os dedos em cantos e frestas

a marca de uma antiga abertura que já houvesse tido serventia. Empurrou com força, mas nada aconteceu. Estava fixada com firmeza. Se tinha havido uma porta ali, já não era usada.

escuros.

Nesse momento, tal como antes, sentiu os olhos das estátuas de gesso pousados nela, observando. E, ao se conscientizar da presença deles, o clima

Ouviu um ruído diferente. Tentou descartá-lo, como fizera com todos os outros sons de dentro e de fora.

Mas ele voltou. Um arranhar, um arrastar do pé. Um bater de unhas ou garras

o pavor do tio ao escrever sobre o modo
como as asas negras, as presenças,
havam caído sobre ele. Rasgado sua
carne.

A s marcas nas palmas de minhas mãos

contra a porta, só conseguindo fechá-la com mais firmeza. Em desvario, lembrou-se de que ela abria para dentro. Agarrou a maçaneta e puxou.

Nesse momento, teve certeza de ouvir

sobrenaturais do interior da tumba.

Arregaçou as saias e correu, certa de que os olhos do demônio continuavam a vigiá-la. Apercebera-se por um triz de como o antigo olhar dos espíritos e dos

CAPÍTULO 41

Léonie voltou para casa, onde chegou enregelada até os ossos e encontrou Anatole andando pelo saguão, de um lado para outro. Sua ausência não

— Fui andar pelos jardins.

— Andar! Já é quase noite!

— Perdi a noção da hora.

cuidar de mim.

— Não, não é! — gritou ele. — Você só
tem 17

anos! Léonie jogou para trás as

deixando Isolde intervir:

— Lamento se nossa preocupação lhe parece exa-gerada. É claro que você tem toda a liberdade de passear por onde quiser. Só que houve relatos de animais

— Está vendo? Você se fez ficar doente!
— enfureceu-se Anatole.

— Anatole, já chega — disse Isolde,
baixinho, tocando-o de leve no braço.

branca feito fumaça de fogueira pairava
entre os morros ao longe. Outra
trovoada, mais próxima, sacudiu os
vidros das janelas.

Venha — disse Isoldo, pegando

espelho.

Sentou-se na banqueta em frente à penteadeira e olhou destemida para sua imagem especular. Seus olhos, apesar de brilhantes, estavam febris. Ela viu

entidades em toda a volta. Eu mesmo e meus outros eus, tanto passados quanto ainda por vir (...).

Pareceu-me que voavam e se deslocavam no ar, de modo que estive

visto pelo tio? Ocorreu-lhe uma outra
ideia:

*E será que a Isolde realmente não sabe
nada disso?*

embaixo das cobertas e se apressou a descer para se juntar aos outros. Agora que o medo havia cedido, ela estava intrigada e decidida a descobrir mais coisas. Tinha muitas perguntas a fazer a Isolda, inclusive o que ela sabia das

sepulcro. Ao menos por ora, sua
aventura teria que permanecer secreta.

* * *

A noite desceu lentamente sobre a

Uma conversa agradável, comum e doméstica.

Depois da refeição, retiraram-se para a sala de estar e seu humor se modificou. A ocorrência do lado da festa parecia

chuva que ameaçara cair durante a tarde inteira. Rajadas de granizo açoitaram as janelas, a ponto de parecer aos que se encolhiam dentro da casa que uma avalanche de água cas-cateava pela fachada da construção, como ondas

confortáveis, porém, mesmo assim, Léonie temia que as paredes se vergassem, se deslocassem, cedessem ante a investida furiosa.

No saguão, uma porta foi aberta pelo

ficaram sentados, passearam, andaram
de um lado para outro e conversaram.
Tomaram um pouco de vinho.

Procuraram ocupar-se com atividades
noturnas normais. Anatole aticou o fogo

Às dez horas, Léonie sugeriu uma partida de *bésigue*.

Ela e Isolde acomodaram-se à mesa de jogo. Anatole ficou de pé, com o braço apoiado no console da lareira, fumando

sentisse alguma dor.

Ou então seus dedos remexiam no tecido da saia, nos cantos das cartas do baralho, no feltro verde da mesa.

mal.

Quando a ordem natural das coisas é perturbada. Foi o que disse o jardineiro hoje de manhã. Ele disse que se ouviu música no lago ontem à noite, o que

tão depressa que Léonie não observasse o gesto. *Ele quer cuidar dela. Quer protegê-la.* Afastou essa ideia invejosa.

— A tempestade passará logo — repetiu

prestou atenção.

Outra rajada de vento chacoalhou as venezianas. O

céu ribombou.

Mortos e enterrados.

Por uma fração de segundo, Léonie
julgou ver o rosto contorcido do demônio
Asmodeu a fitá-la nas labaredas
saltitantes do fogo. Assustou-se



vento, tudo estava calmo. A velha casa já não estalava e gemia. A tempestade seguira adiante.

Ela sorriu. Os pavores da noite anterior — a ideia de fantasmas e demônios —

Entrou na cozinha. Era menor do que a havia imaginado: um cômodo quadrado e agradável, com paredes polidas e vigas negras das quais pendia uma multiplicidade de panelas com fundo de cobre e diversos utensílios de cozinha.

desconcertada com sua intromissão. —
Eu queria saber se podia arranjar um
café. E pão também, talvez.

A cozinheira acenou com a cabeça.

— Nenhuma inundação? — insistiu, preocupada com a possibilidade de que o jantar de sábado, embora ainda faltassem alguns dias, tivesse que ser adiado, caso houvessem ocorrido estragos na estrada que vinha do

se.

— É claro.

Quando saía da cozinha, o relógio do corredor bateu sete horas. Ela olhou

jardim, quando o clima o permitia, ou exploravam a casa. Iselde era infalivelmente atenciosa e gentil, mas de inteligência aguçada e espirituosa. Elas tocavam duetos de Rubinstein no piano, desajeitadas e com mais prazer do que

O sábado, 26 de setembro, dia do jantar,
amanheceu luminoso e claro.

Quando Léonie terminou o café da
manhã, a primeira carroça de entrega

levou para os jardins. Munidas de tesouras de podar e com galochas grossas de borracha sobre os sapatos, para se protegerem das trilhas úmidas, elas colheram flores ainda molhadas de orvalho para os arranjos de mesa.

À uma hora, não restava mais nada a fazer. Depois de um almoço leve, Isolde anunciou sua intenção de se recolher a seu quarto para algumas horas de repouso.

Seus olhos correram, ao contrário, para o ponto do assoalho em que estavam suas tintas, seus pincéis, o cavalete e o bloco de folhas de cartolina. Léonie se levantou, sentindo uma onda de afeição

Depois, pegou a paleta e os tubos de tinta e começou a espremer gotas de carmesim, ocre, azul-turmalina, amarelo e verde-musgo, e mais o preto para os contornos. Do bloco de cartolina, retirou uma única folha pesada, de cora-

hospitalidade de Isolde. Léonie viu-se admirada e elogiada, imaginando-se primeiro com o vestido azul, depois o vermelho, depois o verde, compra-

dos na La Samaritaine. Imaginou seus

adensaram na folha de cartolina,
pincelada a pincelada, e a imagem
ganhou vida.

Só depois de Marieta voltar para arrumar
as coisas e se retirar do quarto foi que

autorretrato para examiná-lo sob a luz.
Em geral, todos os seus personagens
afiguravam-se muito parecidos e tinham
pouca relação com o tema que ela
tentava retratar. Nessa ocasião, porém,
havia mais do que uma semelhança

cabeça pela porta entreaberta.—
Madama Isolde me mandou ajudá-la a
se vestir. Já decidiu o que quer usar?
Léonie fez que sim, visto que isso nunca
estivera em dúvida.

A criada trepou na cadeira e lhe vestiu
pela cabeça primeiro a anágua, depois o
vestido. A seda verde trouxe uma
sensação fria na pele, ao descer em
dobras tremeluzentes, como água

— Assim.

Soltou o cabelo, depois puxou uma
caixinha de joias de couro marrom.

No caixão de joias tinha travessas de

nem extravagante demais para um jantar particular. Favorecia-lhe as cores e o corpo.

Seus olhos estavam límpidos e luminosos e a pele tinha um aspecto

Há um leque exatamente da mesma cor numa daquelas caixas de chapéu em cima do armário.

Uma vez pronta, Léonie pegou sua

Ela estampou no rosto um sorriso
deslumbrante, certifi-cou-se de que o
vestido estava perfeito e, com um frio na
boca do estômago, desceu para se
juntar ao grupo.

— *Enchantée, mademoiselle* — disse
Léonie, com ar gracioso.

No decorrer do breve diálogo, transpirou
que mademoiselle Denarnaud era uma
irmã solteira do cavaleiro que os havia

vestido de brocado, pesado e matronal,
que mais se adequaria a uma mulher
com o dobro de sua idade, e uma
anquinha medonhamen-te antiquada, do
tipo que já não se via em Paris fazia
alguns anos. O contraste entre ela e sua

parado junto às janelas, fumando e conversando com o Dr. Gabignaud.

Pediu licença e cruzou rapidamente o salão para ir ao encontro dos cavalheiros. O aroma de sabonete de

— Decerto que sim — disse o médico,
com uma mesura animada. —
mademoiselle Vernier. Permita-me
acrescentar meus elogios aos de seu
irmão

— E aquele é Bérenger Saunière, o pároco de Rennes-le-Château e amigo de nosso falecido tio.

Apontou para um homem alto e musculoso, de testa larga e feições

extremamente bem-informado em toda
sorte de coisas. Tem sede de saber.

Vive fazendo perguntas.

Léonie fitou o padre por mais um

— O laço entre madame Bousquet e Isolde não é propriamente o que prevalece entre irmãs, mas é civiliza-do. Elas visitam uma à outra. Na verdade, a Isolde a admira.

sofrido e visto muitas coisas.

Anatole virou-se para ver quem ou o que tanto havia prendido a atenção da irmã. Chegou mais perto e sussurrou em seu ouvido:

Gabignaud sorriu e deu de ombros:

— Creio que é em memória de amigos já perdidos, mademoiselle Vernier.
Companheiros que sucumbiram em

perdeu monsieur Baillard de vista. O abade Saunière e o Dr. Gabignaud fecharam a retaguarda do cortejo, com mademoiselle Denarnaud entre os dois.

Pascal, esplêndido de libré vermelho e

A luz das velas fazia as sombras
dançarem pelas paredes, correndo sobre
as pinturas dos rostos de gerações
passadas da família Lascombe ali
penduradas.

Bousquet, seguida por Charles Denarnaud e, mais adiante, pelo abade Saunière.

Os criados serviram porções generosas de *blanquette de Limoux* em taças rasas

descartou como monótono e imoral o último romance de monsieur Zola, *O Dinheiro*. Condenou outros habitués da antiga confraria de escritores de Zola, como Guy de Maupassant — que, havendo atentado contra a própria vida

— A literatura não lhe interessa?

Ela se virou com alívio para Audric Baillard.

— Adoro ler. Mas, num grupo como este.

Léonie sorriu.

— Meu irmão, Anatole, sempre me diz que tenho preferências muito vulgares, e suponho que esteja com a razão. O romance mais empolgante que li foi o C

ouvida. Monsieur Baillard dava a
impressão de ser diferente.

— Acho. Meu conto favorito entre os de
monsieur Poe, embora eu confesse que
me dá pesadelos toda vez que o leio. É

— O senhor está vestido, bem...
Interrompeu-se, não querendo ofendê-lo.
Baillard sorriu:

— De maneira pouco convencional?
Sem o uniforme do praxe?

ensombrecer-se.

— É isso mesmo — disse, baixinho.

— O senhor combateu em Sedan? —
perguntou ela, depois hesitou. — Ou

— Muitas vezes eu me pergunto. Mesmo que o custo seja enorme para aqueles que nos cercam? Ele apertou sua mão e respondeu num murmúrio:

Sempre. E recordar os que caíram

disse e bateu no lenço amarelo —
girassol que levava no bolso. — Uso isto
para lembrá-los.

Léonie inclinou a cabeça e comentou,
risonha:

certo modo, foi um alívio quando o Dr. Gabignaud lhe fez uma pergunta e ela foi obrigada a responder.

CAPÍTULO 43

no campo em cotejo com a vida na cidade. Léonie deu uma olhadela no irmão. Anatole estava em seu elemento.

Com os olhos castanhos cintilantes e o cabelo negro brilhoso, ela percebeu o

Recuperada a compostura, ela ficou impaciente por uma oportunidade de reatar a conversa.

Mas monsieur Baillard estava totalmente absorto no debate com o cura Bérenger

Ele sorriu e Léonie teve a impressão de que também estava satisfeito por retomar a conversa.

— Eu mesmo o dei de presente a Jules
Lecocq.

não lhe parece que existem mistérios inexplicáveis?

— *Oc, madomaisèla, ieu tanben.*
Também acredito nisso. Os olhos de

Aude, Ariège, Corbières, Razès e, mais adiante, entrando pela Espanha e pelo Piemonte. É a língua da poesia, das histórias e do folclore.

— Então o senhor é desta região

espíritos maléficos, fantasmas e demônios. Isso é verdade?

— *Vertat?* — repetiu ele, sustentando o olhar de Léonie por um momento a mais com seus olhos claros. —

lendo o seu livro, apanhei-me pensando
se as lendas seguiriam a paisagem
natural.

Será que a Poltrona do Diabo ou o lago
do Diabo receberam esses nomes por

apenas a maneira de o homem tentar
impor seus valores ao mundo natural. Os
livros, a música, a pintura, todas essas
coisas construídas que tanto têm
ocupado nossos colegas convivas esta
noite, não passam de maneiras de

procurasse alguém lá fora, e tornou a se voltar para Léonie.

— Uma coisa eu lhe digo. Em duas ocasiões, o demônio que assombra este lugar foi invocado. Em duas ocasiões foi

essência das coisas antigas através da linguagem. São os nossos temores que se refletem nos nomes a que a senhorita se referiu.

Léonie considerou o que ele tinha dito

tem milhares e milhares de anos. Nossa influência no universo não passa de um sussurro. Seu caráter essencial, suas qualidades de luz e escuridão, foram estabelecidos milênios antes de o homem tentar deixar sua marca na

nervos.

— A música — disse, embora sua voz
parecesse vir de uma longa distância. —
Pode me falar da música, monsieur
Baillard?

em termos de tom, isto é, da melodia e da harmonia; em termos de ritmo, ou seja, do andamento e da métrica; e em termos da qualidade do som, do timbre, dinâmica e textura. Dito em linguagem simples, o músico é um respecto

limites da natureza. Tudo o que fazemos, vemos, escrevemos, anotamos, tudo isso são ecos das costuras profundas do universo. A música é o mundo invisível, tornado visível através do som.

mas os olhos se aguçaram. *N a verdade,*
é quase como se ele estivesse
esperando esta pergunta.

— Diga-me, *madomaisèla* — falou
Baillard, por fim

o verdadeiro sentido.

— Continue.

— Esse texto, que tem a pretensão de ser um depoimento verdadeiro, e que

tas que poderiam invocar os espíritos, ou assim ele disse.

E as cartas do tarô também foram associadas à música e ao próprio lugar, imagens que só ganharam vida no

esconder do interlocutor o relato de sua expedição, mas, diante de seu olhar sábio e perscruta-dor, descobriu que não tinha como disfarçar.

— Eu... eu o encontrei. Fica mais acima

— Havia uma inscrição gravada no arco acima da porta do sepulcro. Recitou-a da melhor maneira que pôde, atrapalhando-se com as palavras pouco familiares.

— *Madomaisèla* Léonie me lembra muito
uma jovem que conheci certa vez.

— Que aconteceu com ela? —
perguntou a moça.

— A senhorita estava me contando que encontrou o sepulcro. Chegou a entrar?

Léonie reconduziu a mente àquela tarde.

— Sim.

— O lugar onde andam os espíritos —
ela se ouviu responder e soube que era
verdade.

Baillard calou-se pelo que pareceu ser

Ela balançou a cabeça, depois se arrependeu, porque o gesto fez a sala rodar.

— Mas não as encontrei.

fundo do bolso da jaqueta de estambre,
ao correr pela nave do sepulcro em
direção ao lusco-fusco da floresta. E
depois, mais tarde, enfiando-a entre as
páginas de *Les Tarots*.

Você será convocada a agir. Os vivos
precisarão dos seus serviços, não os
mortos. Não volte ao sepulcro, até que
isso... ou melhor, apenas se isso se
tornar absolutamente necessário para
você

muito bem.

Ela teve um sobressalto ante o uso não
adornado de seu nome, só então
percebido.

— Guarde sua força para os vivos. Para seu irmão. Para a esposa e o filho dele. Eles é que precisarão de você.

Esposa? Filho?

no chão feito água.

— Não compreendo, monsieur Baillard.
Pensei que sim, mas agora vejo que me
enganei.

cabeça aturdida.

— *Ben, ben.* Ótimo. Fico tranquilo ao ouvir isso.

Mas...

— *“Fujhi, podes; Escapa, non”?*

— Sim, essas palavras. Os olhos dele se toldaram.

— Fugir. podes. Escapar. não.

PARTE VI

RENNES-LE-CHÂTEAU

OCTUBRO DE 2007

concentração. Estava ali para fazer um trabalho e era com isso que devia se preocupar.

Demorou-se embaixo do chuveiro até a água ficar fria. tomou dois comprimidos

Havia uma fila na recepção. Um casal espanhol reclamava por haver muito poucas toalhas no quarto, um executivo francês questionava as taxas adicionais em sua conta e, junto à portaria, uma

Ocupou-se examinando as fotografias e os quadros pendurados nas paredes do saguão. Eram os óleos típicos encontrados em todo hotel do interior. Paisagens rurais, torres envoltas em

junto à curva da escada, logo acima do piano em que ela havia reparado na noite anterior. Na pose formal em marrom e branco, com a moldura de madeira preta lascada nas bordas, reconheceu a praça de Rennes les-

lado havia uma moça mais nova, de
cabelo ondulado preso sob um chapéu
de feltro, usando uma jaqueta curta com
botões de metal e debrum de veludo.

.lá a vi antes

no meio.

Havia uma clara semelhança familiar.
Irmão e irmã, talvez? Tinham os mesmos
cílios compridos, a mesma concentração
inflexível, a mesma inclinação da

biológica, quando pequena. Ora o rosto de Jeanette era meigo, tristonho, ora enraivecido, crispado. Mas havia sempre, nos bons e maus dias, aquele ar de distração, de uma mente esquiva que pousava noutro lugar, fixada em pessoas

maiúsculas eram claras:

RENNES-LES-BAINS, OUTUBRO DE
1891, e depois o nome do estúdio,
ÉDITIONS BOUSQUET. A curiosidade
tomou o lugar das emoções indesejadas

Meredith tinha certeza de que as duas figuras mais jovens eram os Vernier; irmão e irmã, com certeza, o não marido e mulher, dadas as semelhanças físicas, certo? A mulher mais velha tinha o ar de quem já passara por mais experiências

momento. Por um instante, chegou até a pensar em telefonar para o restaurante e perguntar se as pessoas de lá tinham alguma informação sobre o retrato de família que exibiam com tanto destaque. Mas a ideia de ter essa conversa em

considerando que poderia pegá-lo emprestado mais tarde. Ao empurrar a banquetta pesada do piano para sua posição original, notou que agora a tampa do instrumento estava aberta. As teclas de marfim eram meio amareladas

dos dedos trouxe uma sensação
gostosa.

Como se ela houvesse chegado em
casa.

soltas. Meredith examinou a pilha, sorrindo ao deparar com as partituras de *Clair de Lune* e *La Cathédrale Engloutie*, de Debussy, com suas inconfundíveis capas amarelo-claras. Ali estavam as colecções habituais de sonatas de

culpado, e se virou para vê-lo a lhe
sorrir. Ele parecia melhor nessa manhã,
bem, na verdade. As rugas de
preocupação e sofrimento haviam
sumido dos cantos dos olhos e a palidez
diminuíra.

— Desculpe o atraso — disse e apontou para o piano. — Tem certeza de que não quer...?

— Absoluta — interrompeu Meredith. — Depois

pouquinho de pesquisa?

— Sim, é claro, com certeza — disse ela, enrubescendo.

Sentiu uma onda de embaraço por ter-se

— Vamos no meu carro? Fico feliz em levá-la aonde você quiser. Meredith pensou um pouco. Isso a deixaria mais livre para tomar notas e olhar direito em volta, verificar o mapa.

folhas or-valhadas. Um pouquinho
adiante, uma luz mais salpicada incidia
sobre os arbustos verde-escuros e a
sebe alta de buxeiros. Era como se
todos os contornos fossem debruados de
ouro e prata.

marcar o caminho.

Veio então um último serpear da estrada e, de repente, eles estavam fora da floresta, entrando numa vasta extensão de campinas e pastagens

aliás.

Meredith virou-se de frente para ele:

— Você está de brincadeira?

ficção: biografia, história, teoria, esse
tipo de coisa. Fatos.

Hal deu uma risada.

— Está bem. resumo rápido. A história é

— Mil oitocentos e noventa e um? Hal fez que sim.

— Foi quando o Saunière deu início a um projeto maciço de reforma que viria a durar muitos anos: come-

registros da época do Saunière não mencionam nenhum tipo de grande mistério associado a Rennes-le-Château, a não ser por uma melhora drástica na situação material do padre.

redith, recordando as datas da placa em
memória de Henri Boudet, na igreja de
Rennes-les-Bains.

Hal fitou-a com seus olhos azuis.

pois ficou em silêncio. Já que,
claramente, ele e o tio não morriam de
amores um pelo outro,

Meredith se perguntou por que Hal ainda
estaria por lá, agora que o enterro havia

ou Leonardo da Vinci. E Debussy.

Meredith ficou tão perplexa que caiu na gargalhada.

— Eu sei, eu sei — disse Hal.

— O Saunière realmente recebeu muitos parisienses e hóspedes importantes em Rennes-le-Château, mais ou menos na virada do século passado, o que foi mais um fator para fomentar as teorias da

— Qualquer teoria pode combinar com qualquer coisa, se a gente se esforçar bastante. O que não a torna verdadeira.

— Assim disse a especialista.

uma grande fazenda e cruzaram uma crista de serra. Meredith notou que a paisagem desse lado da montanha era diferente. Não tão verde. Pedras cinzentas, lembrando dentes, pareciam irromper da terra cor de ferrugem, como

Notou que a atenção de Hal se aguçava.
Teve intensa consciência do subir e
descer suave da respiração dele
naquele espaço confinado.

— Ontem à noite eu não percebi —

Château, ficava no coração do império visigótico no sul. Séculos V, VI e começo do VII — disse. Deu uma espiada de relance em Meredith e tornou a voltar os olhos para a estrada.

existem ruínas de uma torre de vigia visigótica perto daqui, na aldeia de Fa, e cruzes dos visigodos na aldeia de Cassaignes, tudo descoberto em época bem recente.

— De maneira a barrar os ladrões de túmulos.

— Exato. E por isso os visigodos desenvolveram um modo de construir câmaras secretas sob o leito dos rios. A

diferente.

Não conseguia entendê-lo. Mesmo levando em conta a experiência por que ele havia passado nas semanas anteriores, em particular na véspera, o

última curva em U na estrada.

— Chegamos — anunciou.

CAPÍTULO 46

desabrochados.

— Na primavera há papoulas por toda parte —disse Hal, acompanhando a linha do olhar de Meredith. —

para o sul, indicava os sols-tícios de
verão e de inverno.

No alto havia uma inscrição. Meredith
protegeu os olhos para lê-la:

distância.

Era assombroso e, como ela notou de repente, fazia lembrar o pano de fundo na imagem da Moça de Espadas. As cartas do tarô poderiam muito bem ter

— É a Torre Magdala — respondeu Hal,
acompa-

nhando-lhe a direção do olhar. — O
Saunière construiu o mirante, a
passarela de pedra que corre ao longo

guir comprar um lote inteiro de livros de
segunda mão num *vide-grenier* em
Quillan.

Meredith franziu a testa.

uma pausa. — Até este ano, bem
entendido.

Papai se aposentou e mudou. Para
melhor, na verdade.

confusão na voz dele e sentiu uma onda de simpatia.

— Você está querendo montar o quebra-cabeça dos últimos meses de vida do seu pai — disse em tom meigo

dois anos. Sinto que devo isso a ele.

Intuindo que Hal precisava seguir seu próprio ritmo, Meredith não o pressionou para saber o que quisera dizer com essa frase. Ao contrário, fez uma pergunta

— disse ele e fez uma pausa.

— Meu tio quer comprar a minha parte.
Não que tenha dito isso, mas quer. Só
que continuo achando que talvez papai
quisesse que eu me envolvesse. Que

madeira estavam fechadas.

— Vim aqui pela primeira vez com papai
há uns 16, 17 anos — dis se Hal. —
Muito antes de ele e meu tio pensarem
em montar um negócio juntos

palacete majestoso junto ao qual
estavam —, foi construída pelo Saunière
para as visitas, não para ele mesmo.
Quando eu vinha para cá com meu pai,
ela ficava aberta ao público, mas de um
modo totalmente aleatório. A gente

— Agora, como você vê, o lugar é uma grande atração turística. O cemitério em si, onde o Saunière está enterrado ao lado da governanta, foi fechado ao público em dezembro de 2004, quando *O Código Da Vinci* estreou e o

— E isso significa?

— Do pó vieste e ao pó voltarás — disse ela, com um calafrio na espinha. Havia naquele lugar alguma coisa que a deixava pouco à vontade. Algo de

dedicada a Nossa Senhora de Lurdes,
atrás de uma grade de ferro.

As palavras PÉNITENCE, PÉNITENCE
e MISSION

— Que loucura o deixarem aqui. Se este lugar é um ímã tão grande para os teóricos da conspiração e os caçadores de tesouros, seria de esperar que as autoridades se preocupassem com a

próprios olhos, deu um passo à frente,
estendeu a mão e tocou a pedra.

— Meredith? — disse Hal.

A superfície estava lisa. A jovem retirou

percebeu que a agradava, de certo modo.

— Enfim, que aconteceu com os pergaminhos, depois que o Saunière os encontrou? — perguntou-lhe

momento — ela prosseguiu,
raciocinando em voz alta —, a
explicação contrária seria,
supostamente, que ele não confiava em
que a Igreja não destruísse os
documentos

Hal fez uma pausa e acrescentou:

— Só que ele tinha uma teoria completamente diferente. Meredith virou-se para fitá-lo, ao perceber o em-bargo em sua voz.

lobo, ou um puma, provavelmente, mas cresciam os rumores de que haveria uma espécie de Diabo devastando o interior.

Marcas de garras

O Tarô Bousquet.

— Só sei que meu tio e meu pai
brigaram por causa disso. Meredith
obligou-se a manter a voz firme.

disse ter sabido que havia um mausoléu visigótico nas terras da Herdade do Cade, um sepulcro, que fora destruído na mesma ocasião em que a casa pegou fogo. Sobraram apenas umas pedras antigas, ruínas

— Exatamente o que aconteceu com seu pai, Hal?

— perguntou e então se deteve, achando ter ido longe demais, depressa demais. — Desculpe, foi pretensioso da

muito difícil

— disse Meredith com meiguice, pondo-lhe a mão nas costas.

— Aconteceu nas primeiras horas da

Todos os sistemas divinatórios, como a própria música, trabalham por meio de padrões.

— O caso é que eu poderia aceitar a situação, se tivesse sido um acidente

tinham levado a esse canto da França.

— Não consigo lidar com o
desconhecimento —repetiu Hal. — Você
entende?

Julian Lawrence esperou as camareiras terminarem de arrumar o primeiro andar para sair de seu gabinete. A viagem de ida e volta a Rennes-le-Château levaria pelo menos duas horas. Ele tinha tempo

comprar a parte da herança do sobrinho na Herdade do Cade, mas não insistira no assunto. Tivera a expectativa de ser obrigado a esperar passar o funeral, mas sentia que estava ficando impaciente.

proveito de encontrar alguém que pudesse dar ouvidos a sua história melodramática. Como quer que fosse, não podia correr o risco de que Hal usasse a moça para criar mais confusão. Não estava disposto a deixar seus

para o aeroporto de Orly, em Paris, na sexta-feira à tarde, e outra da viagem de volta para os Estados Unidos, no dia 11 de novembro.

Passou para a escrivaninha. O laptop da

Nada sugeria que se tratasse de uma jornalista em busca de uma reportagem História local, principalmente. Anota-

ções sobre pesquisas feitas na Inglaterra, depois uns dados muito

diversas fotografias da margem do rio na entrada da cidade, ao norte, em especial umas duas da ponte e do túnel, exatamente no lugar em que o carro de seu irmão Seymour tinha saído da estrada

Por quê?

Enquanto copiava o arquivo de imagens em seu cartão de memória, tentou pensar em qual poderia ser a explicação

par de meias soquete e uma pulseira de
contas, que ficara presa no forro duro.
Enfiou os dedos em todos os cantos,
mas não achou nada. Depois, vasculhou
os compartimentos externos. Dois
grandes, um em cada ponta, ambos

Por uma fração de segundo, pensou estar imaginando coisas, depois se deu conta de que era apenas mais uma reprodução. Abriu as cartas em leque para se certificar, cortando o baralho duas vezes.

Forçou-se a pensar. Essa descoberta punha tudo de pernas para o ar, especialmente vindo logo depois da informação recebida do sítio de escavações do túmulo visigótico em Quillan. Junto com alguns objetos do

O que mais? Teria Seymour dito mais coisas a Hal do que ele havia pensado? E, se Hal a trouxera para o hotel, em vez de simplesmente tirar proveito de tê-la conhecido ali, será que tinha sido não

saiu do quarto e andou depressa pelo corredor em direção à escada de serviço.

A operação inteira, do começo ao fim, tinha levado menos de 25 minutos

nos bolsos.

Meredith sorriu.

— Enfim...

A mesma mecha de cabelo rebelde
havia caído na testa de Hal. Os dedos de
Meredith comicharam de vontade de
afastá-la de seu rosto, mas ela
conservou as mãos junto ao corpo

— Na verdade, a frase se traduz por “este lugar é assombroso”, *terribilis* no sentido do Velho Testamento, e não

“terrível” no sentido moderno, mas você pode imaginar como foi interpretada

— Quem deu a ideia da senha usada na rede do hotel? — perguntou. Hal pareceu surpreso com a observa-

ção desconexa, mas, assim mesmo, respondeu sem hesitar

ũ cantochão medíocre, infiltrava-se por
finos alto-falantes prateados,
pendurados nos cantos.

— Eles sanearam o lugar — disse Hal
em voz baixa. — Para contrabalançar

dele. Na mesa em Paris, quando Laura
tinha exibido os arcanos maiores, no
come-

ço da leitura.

olhos para o friso. Um quadro exibindo quatro anjos, cada um fazendo parte do sinal da cruz, e de novo as palavras de Constantino, só que dessa vez em francês. As cores estavam desbo-

— Pelo que dizem os relatos, sim.
Boudet foi men-tor de Saunière quando
jovem. Nos primeiros tempos de
sacerdócio do Boudet, quando ele
passou uns meses na paróquia de
Durban, aqui perto, também fez amizade

— Não, acho que não — disse Hal e parou diante de outra estátua de gesso.
— Santo Antão, o Eremita. Um famoso santo egípcio do século III ou IV.

Essa informação tirou da cabeça de

assunto em pauta. Não fazia sentido misturar tudo. E se o pai de Hal tivesse tido razão, ao sugerir que tudo em Rennes-le-Château tinha sido arquitetado justamente para desviar a atenção de sua aldeia irmã, no vale mais

compactada. Esfriara desde a hora em que eles haviam entrado na igreja e havia no ar um cheiro forte de fogueiras. Hal abriu o carro e olhou para trás.

— Três cornos foram encontrados

Meredith fitou-o por cima do teto do carro.

— O incêndio foi intencionalmente provocado? Eu li que sim. Hal encolheu os ombros:

disse, cobrindo o bocal. — Desculpe.
Por dentro, Meredith gemeu de
frustração, mas não havia nada que
pudesse fazer.

— É claro, vá em frente

Tirou o caderno da bolsa e deu uma
espiada nas anotações, à procura de
respostas. A verdadeira pergunta era:
qual das histórias ela estava
perseguindo ali, qual das duas era o
ccc? Encontrava-se em Rennes-le-

“A linha do tempo é confusa. A sequência parece saltar para a frente e para trás, como se houvesse uma turvação dos acontecimentos. Coisas deslizando entre o passado e o

— Uma coisa boa, pelo jeito, não é?

— O comissariado de polícia que está cuidando do caso em Couiza finalmente concordou em me deixar ver o laudo

tentada a acompanhá-lo. Para lhe dar apoio moral. Mas achou que era algo que ele precisava fazer sozinho. Além disso, ela precisava concentrar-se um pouco em suas próprias coisas, em vez de se deixar envolver nos problemas de

— Então, que tal mais tarde? —
perguntou, enquanto lidava com as
dificuldades de manobrar pela rua
estreita que saía de Rennes-le-Château.

— Poderíamos encontrar-nos para um
drinking. Ou até jantar, quem sabe?

acabara de descer, e que agora se despedia com um aceno. A americana, presumiu.

Balançou a cabeça com ar de aprovação. Benfeita de corpo atlético

Martin estava ali trabalhando com Hal, e se houvesse mencionado que vira Julian entrando de carro na cidade, seu sobrinho poderia legitimamente indagar onde ele estivera. Talvez percebesse

possibilidades intrigantes.

Esperou o carro de Hal desaparecer de vista, virou-se e caminhou para a escada da entrada principal do hotel.

humorado entre os dois na noite anterior,
em Rennes-les-Bains, ele não a
reconhecesse. Mas afora o homem
estava sorridente.

Srta. Martin? — repetiu ele.

— Não achei que fosse se lembrar de mim, Sr. Lawrence. Receio também ter sido muito indelicada.

— De modo algum. Como estou certo de que o Hal deve ter lhe dito, ontem foi um

— Julian, por favor. E obrigado. Foi um choque —acrescentou, com uma pausa.
— Por falar no meu sobrinho, Srta. Martin, não imagino que saiba onde ele terá desaparecido, não é? Eu tinha a

— Que tipo de coisas? — indagou Julian.

— Ele não me disse, realmente — veio a resposta apressada.

cabeça. —

O Hal mencionou que a senhorita é escritora. Está aqui numa incumbência profissional?

— Se vir o meu sobrinho antes que eu o encontre

— disse o homem, apertando-lhe a mão com uma força um tantinho excessiva —.

raiva de si mesma por tê-lo deixado
afetá-la de novo, recompôs-se.

Tire isso da cabeça.

Olhou em volta. A recepcionista estava

Só quando se viu novamente no quarto, com a porta bem fechada, foi que sua respiração voltou ao normal.

Ela parou um instante, espremeu os olhos e deu uma espiada ao redor

Veio então a sensação clara de haver mais alguém no quarto com ela. Uma presença, uma friagem no ar.

Aquele odor... Ora, era só...

do fundo, assim como as árvores, todos mais vividos ali, na tarde nublada, do que lhe haviam parecido em Paris. Meredith fez uma pequena pausa, ao lhe ocorrer de repente que talvez a Justiça tivesse estado no alto da pilha, quando

leitura em si do que nos dados históricos
que vinha reunindo sobre o Tarô
Bousquet, e no modo como as cartas se
encaixavam na história da Herdade do
Cade, dos Vernier e da família
Lascombe

—, era como se as cartas fossem bem-intencionadas.

Tirou a foto emoldurada de baixo da jaqueta, colocou-a de pé na escrivaninha à sua frente e estudou as

junto à fotografia emoldurada. Depois de colocá-las lado a lado, não teve dúvida de que o homem era “monsieur Vernier” redivivo. A mesma expressão afável e jovial, o corpo esguio, o bigode preto.

certo modo, supôs, era porque Léonie
lhe lembrava sua imagem mental de Lilly
Debussy. Era mais jo-

vem, porém havia nela a mesma
inocência ingênua, a mesma farta

cada vez maior de que elas a afastavam de onde queria estar, em vez de fazê-la chegar mais perto.

Reclinou-se na cadeira. O assento antigo estalou

interferências, obstáculos e conflitos. A Força e a Justiça, nos baralhos mais antigos, exibiam o número oito.

La Justice e Le Pagad tinham, ambos, o símbolo do infinito, como um oito

sites.

Foi prontamente para a página da Wikipédia, que era minuciosa e direta. Norte-americano, Paul Foster Case interessara-se pelas cartas no começo

eram em preto e branco, para que cada indivíduo pudesse colori-las, imprimir nelas sua própria marca. Isso, não menos que outras coisas, havia ajudado a introduzir o tarô na corrente dominante dos Estados Unidos.

se ao lá, ou A; os Enamorados e a Força uniam-se ao ré, ou D; e o Mago e o Bobo, não numerado, tinham uma ligação com o mi, ou E.

C-A-D-E *Herdade do Gade*

compassos, a mudança do andamento na parte central —, cujo estilo e caráter sugeriam jardins oitocentistas e meninas de vestido branco. Ecos de Debussy, Erik Satie e Paul Dukas.

*tinha alguma significa-
ção?*

Num instante, ela se viu de novo em Milwaukee, na turma adiantada das

Meredith deixou as lembranças fluírem e guiarem seu pensamento. Música e matemática, buscando as liga-

ções, não as coincidências. Digitou FIBONACCI na página de busca

Na música, às vezes o princípio de Fibonacci era usado para determinar a afinação. Seus números também apareciam em elementos naturais, como a ramificação das árvores, a curvatura das ondas, a estrutura de uma pinha

divididas em partes que refletiam a proporção áurea, frequentemente usando os números da sequência típica de Fibonacci. Assim, o primeiro movimento de *La Mer* tinha 55 compassos.

Apenas o ré — D — a carta VI, dos
enamorados, não era um desses
números.

Meredith correu os dedos pelo cabelo.
Será que isso significava que ela havia

entre o Tarô Bousquet, a Herdade do Cade e Paul Foster Case? Os dados não funcionavam.

Case havia criado a B.O.T.A. na década de 1930, e nos Estados Unidos, não na

própria Herdade do Cade? Seria possível que as ideias tivessem passado não dos Estados Unidos para a França, mas o inverso?

Ela tirou da bolsa o envelope surrado e

O rapaz de uniforme de soldado poderia
ser um irmão caçula, um primo. Ou até
um filho.

*E, através dele e ao longo das gerações,
chegando a mim*

VERNIER no site de busca. Não obteve nada que prestasse. E contemplou a tela, incrédula.

Tem que haver alguma coisa!

Com dedos impacientes, ela despachou um e-mail rápido para Mary, pedindo-lhe que verificasse o sobrenome Vernier nos websites locais de história em Milwaukee, assim como em registros

— Meredith? É o Hal.

Ela notou de estalo que as coisas não iam muito bem.

— Você está legal?

ainda se sentia no escuro.

Não queria parar, mas reconheceu que seu cérebro tinha chegado ao ponto de fusão. Lembrou-se de todas aquelas noites dos tempos de curso médio em

frente dos mortos.

— Na verdade, agora é uma boa hora
para eu parar.

— É mesmo?

pôs um batonzinho, depois escovou o cabelo e o prendeu num nó.

Estava calçando as botas, pronta para descer, quando o laptop apitou, para avisar que havia correspondência

reunida. Sua família.

Ainda de pé, debruçou-se e clicou na resposta.

“Você é absolutamente incrível” digitou

PARTE VII

Carcassonne

assobiavam no corredor de serviço.
Pascal sorria ao cuidar de suas tarefas.
Marieta saltitava de leve pelo saguão,
com um sorriso no rosto.

Apenas Léonie sentia-se indisposta

agora era como se não houvesse mais nada por que esperar.

Entrementes, viu Isolde mover-se de um cômodo para outro, com a calma e o jeito pausado que lhe eram costumeiros, mas

com a oportunidade de esticar as
pernas. O ar estava sereno e cálido, e o
sol da tarde foi delicado com seu rosto.
Em pouco tempo,ela se sentiu refeita e
bem humorada.

dizendo que você tem pelos livros a
sede que outras mulheres têm por joias
e roupas.

Léonie enrubesceu.

apressou-se a dizer. — Qual é o homem
que se gaba de seus fracassos?

— Então...

— Apesar da falta de intimidade entre

não tenha conseguido comparecer a nenhum concerto? Sei que, para você, pode se tornar muito maçante ficar confinada aqui no interior, tão longe de qualquer diversão.

consulta jurídica. Tão logo eu receba notícias, tomaremos as providências para a viagem.

— O Anatole também?

As duas haviam chegado ao fim da alameda. Seguiram para o lago, depois em direção a um pequeno promontório ensombrecido, que proporcionava uma vista maravilhosa da água.

abusando da nossa amizade?

— Não — apressou-se a dizer a adolescente, que não queria parecer atrapalhada nem ingênua, embora, na verdade, todas as suas ideias de amor

vislumbrados no palco, cantando o amor
e a honra. Até então, porém, suas
fantasias não verbalizadas nunca se
haviãam ligado a uma pessoa viva, de
carne e osso.

dinheiro para por comida na mesa, a
procissão de homens entrando e saindo.

A expressão serena de Isolde toldou-se
de repente:

de bobos, mas é o que instila
significado, cor e objetivo em nossa vida
— disse Isolde, e fez uma pausa. — O

amor é a única coisa que eleva nossa
experiência comum ao nível do

— con-

tinuou, em voz baixa. — Ela morreu. Em março último.

Não sei exatamente o que causou sua

lidar com formas de relaxamento que nos parecem pérfidas. Você não deve tomar essas coisas como indicação de um mal-estar mais profundo.

— A senhora não o viu! — exclamou a

— Então! Portanto, agora é hora de você pensar mais em suas próprias necessidades e menos nas dele. Você aceitou meu convite por estar necessitada de repouso, você mesma. Não foi?

— Ele está em boas mãos — Isolde
repetiu com firmeza. — E você também.

Tinham chegado ao lado oposto do lago.
Era sereno e verde, bastante isolado,
mas plenamente visível da casa. Os

nos primeiros dias, eu vinha com frequência a este lugar — disse.

— Considero-o extremamente repousante.

casados. Jules era um homem de hábitos e costumes rígidos e, bem, durante boa parte do tempo, não residíamos aqui. Não eu, pelo menos.

Mas agora a senhora está feliz aqui?

No alto, as folhas balançavam ao vento,
cochi-chando, murmurando,
bisbilhotando. Isolde deu um suspiro.

— Ele era um homem atencioso —

— Estive pensando em como a senhora e ele se conheceram. Eu tinha a impressão de que meu tio raramente deixava a Herdade do Cade, e por isso...

pelas palavras da tia, mas por seus gestos. Sua mão havia corrido para o pescoço, que, nesse dia, estava coberto por uma delicada gola alta de renda, apesar da temperatura amena.

Deu-lhe uma olhadela de relance,
tentando reunir coragem para levar
adiante a conversa. Estava ansiosa por
saber mais coisas, porém, ao mesmo
tempo, não queria ser impertinente.
Apesar de todas as confidências que

— Então, a senhora acha que vai continuar morando aqui, tia Isolde?

— indagou, enquanto desciam do promontório e voltavam para a alameda.

primeira classe e Victor Constant saltou
na plataforma da estação de
Carcassonne.

Un, deux, trois, loup. Como na
brincadeira dos passos da vovó

Nuvens negras e ameaçadoras
deslizavam sobre os telhados das
constru-
ções.

manchete do *Dépêche de Toulouse*, o diário local, falava de uma tempestade que se abateria nessa mesma noite, e havia coisa pior por vir.

Constant alugou acomodações numa

evidente sucesso em desaparecer
pudesse levá-lo a se tornar arrogante,
tolo. O conde dera uma bela soma ao
porteiro da rue de Berlin para que
interceptasse qualquer comunica-

ajudou as luvas, na tentativa de aliviar o desconforto das bolhas sensíveis entre o segundo e o terceiro dedos da mão esquerda.

Carcassonne tinha mudado muito, desde

Odiava Carcassonne e tinha boas razões para isso.

Trinta anos antes, seu tio o levava aos bairros miseráveis de La Cité. Ele havia caminhado entre as ruínas e visto os

menor desejo de ver como a doença,
com o tempo, poderia agir sobre ele
mesmo.

Essa moça fora a primeira que ele havia
matado

Essa experiência lhe ensinara muito, inclusive que o dinheiro era capaz de reescrever a história, corrigir o final de qualquer acontecimento. Não existiam “latos” quando havia ouro envolvido. Constant aprendera bem a lição.

Ao descer da ponte, tornou a pensar no prazer da morte de Marguerite Vernier. Sentiu-se perpassar por uma onda de calor. Ao menos por um instante fugaz, ela havia obliterado a lembrança sofrida

resistência dela, o repuxar e esticar de sua pele contrariada.

Com a respiração acelerada, chegou às pedras toscas do calçamento da rue Trivalle e esperou um instante, até

dele. Constant não lhe deu atenção.

Atravessou a Place Saint-Gimer, em frente à nova e feia igreja de monsieur Viollet-le-Duc. Um bando de cães e crianças ladrava em seus calcanhares

destroços descartados de vidas
miseráveis, cobriam a rua. Embalagens
de papel, fezes de animais, legumes
estragados, putrefeitos demais para
serem comidos até mesmo pelos cães
sarnentos. Constant se deu conta de que

Dois olhos injetados se arregalaram,
primeiro de susto, depois de pavor. O
postigo fechou-se com força.

Em seguida, após o deslizar de um
trinco e o giro penoso da chave na

lhe era difícil recordar a rotina dos dias em casa. Para sua surpresa, ela percebeu que não sentia falta de coisa alguma de sua vida anterior. Nem das paisagens nem das ruas, nem da companhia da mãe ou dos vizinhos

Jules Lascombe.

Durante essas semanas tranquilas, Léonie passou a maior parte possível do tempo ao ar livre, explorando cada centímetro da propriedade, embora

vibrando nas árvores, tudo isso fazia da
Herdade do Cade um lugar espetacular.
À medida que o tempo aumentava a
distância entre as sombras percebidas
naquela primeira tarde e friagem do
sepulcro. Léonie sentia-se

rural no outono. Mas, depois do sucesso inesperado com seu autorretrato na tarde anterior ao jantar, sem que em qualquer etapa houvesse tomado uma decisão consciente de pintá-lo, ela havia embarcado numa sequência, extraída de

Alguns quadros voltaram-lhe mais prontamente à lembrança e mais facilmente aos pincéis do que outros. A imagem de Le Mat ganhou os traços de Anatole, a expressão de seu rosto, seu corpo, suas cores. La Prêtresse possuía

Isolde havia crescido nos arrabaldes de Paris, aos cuidados de uma parenta idosa, uma mulher fria e amarga para quem ela pouco mais era do que uma acompanhante não remunerada. Liberada pela morte da tia e deixada

deles, também havia adquirido um bom conhecimento prático da cultura, da sociedade e da *couture*. Isolde não foi explícita a respeito das razões de sua demissão, mas Léonie inferiu que a conduta imprópria do filho do financista

ção em Rennes-les-Bains, incidentes estes a que monsieur Baillard havia aludido e que, sem uma razão clara que ela pudesse compreender, tinham sido associados à Herdade do Cade. Isolde não fora clara a respeito dos detalhes

ou vida algum tempo depois dos acontecimentos, de modo que a tia não pudera ou não quisera dizer mais nada.

Numa outra conversa, Isolde disse à sobrinha que Jules Lascombe era

e insinua-

ções fora aumentando, até Lascombe
ser obrigado a agir.

Foi no verão de 1885 que o novo pároco

atrevesse a formulá-la: será que o casamento se havia consumado?

Era uma história pragmática e pouco romântica. E, embora respondesse a muitas perguntas da adolescente sobre

tranquilidade dos dias. Foi um período prazeroso, com poucas coisas que perturbassem a superfície da vida casei-

ra e autônoma que eles vinham construindo para si na Herdade do

acidente e arrastado pela enxurrada correnteza abaixo.

Por insistência persistente de Léonie, Anatole concordou, se bem que com relutância, em escrever. Endere-

Que mal haveria em remeter uma carta?

No fim da segunda semana de outubro,
quando o ar se encheu do aroma das
fogueiras de outono e do perfume das
folhas caídas, Léonia sugeriu o local de

acredita-se, mas ninguém sabe ao certo.

Mesmo assim, Léonie quis ir. Embora Isolde e Anatole relutassem, acabaram capitulando, e se providenciou uma visita na sexta-feira, 16 de outubro

apreensões da sobrinha. Léonie ficou aliviada quando Anatole se levantou para se despedir.

— E então, gostaria de me acompanhar numa ca-

Não tenho nenhuma arma.

Denarnaud deu-lhe um tapinha nas costas:

— Eu forneco as armas e a munição, se

Isolde balançou a cabeça.

— É claro.

Enquanto os três passeavam, Léonie

na Place du Pérou. Seu rosto escondia-se atrás de um pano negro e grosso, e a caixa da engenhoca se equilibrava sobre as finas pernas de madeira de um tripé com pés de metal. O homem vinha de um estúdio em Toulouse. Com a

Pela primeira vez desde que Anatole havia mandado a carta para a agência postal, ela se sentiu emocionada ao pensar na companhia da mãe.

Talvez por observar suas emoções

batida a fotografia. — Agora nos
lembraremos deste dia para sempre.

Antes de saírem de Rennes-les-Bains,
Anatole fez sua peregrinação regular à
posta-restante, enquanto Léonie

de dentro pela força de sua vontade. Todos os batentes das janelas estavam fechados, e as flores nas jardineiras dos peitoris tinham sido cobertas de feltro, na expectativa das geadas de outono que não tardariam a chegar. Bairava sobre a

silenciosamente parada à espera, diante de uma porta que não se abria, Léonie percebeu o quanto desejava que ele soubesse que se mantivera obediente a seus desejos.

Afastou-se e segurou o braço de Isolde.

Quando os três chegaram de volta à Herdade do Cade, cerca de meia hora depois, Léonie correu até o canto sob a acedro e pôs a partitura na banqueta

camas, de marcas no chão e nas pedras
que pareciam falar de males
desencadeados. No meio da longa noite,
ela acordou num sobressalto, com a
imagem dos oito quadros do tarô a
oprimi-la. Acendeu uma vela e espantou

A temperatura se manteve amena até
terça-feira, 20

de outubro. O céu cinza-chumbo ficou
baixo no horizonte. Uma névoa úmida e
obscura envolveu a Herdade em dedos

o rosto curtido de sol e o olhar eufórico
pela emoção da caçada.

Com uma espiada pela janela, a moça
pensou em como a experiência teria sido
muito menos prazerosa num dia como

para o Dia de São Martinho, 11 de novembro.

Esse era o dia do balanço anual e, em algumas propriedades, dos despejos. Isolde explicou a Léonie que era o dia

o som inusitado da sineta do estúdio tocando. Intrigada, largou o livro e, calçando apenas as meias, atravessou a sala correndo e abriu uma fresta da porta. Chegou a tempo de ver Anatole descer a escada aos saltos e

vigilância e voltou para o sofá.
Passaram-se cinco minutos, dez. Ela
prosseguiu na leitura, embora estivesse
com a atenção noutro lugar.

Às 11 horas, Marieta entrou na sala

levantando-se de um salto. — Fiquei pensando se você teria recebido notícias de Paris.

A expressão de Anatole relutou por um momento

— Creio que a Isolde talvez tenha prometido um concerto...

— Então, nós vamos? — exclamou Léonie, dando

— Partiremos nesta quinta-feira, de manhã. A Isolde mandou um telegrama para informar que estará lá às três horas — respondeu Anatole. Fez uma pausa e trocou outro olhar com Isolde, o qual Léonie percebeu.

que pensar da sugestão. Será que os prazeres do campo se tornariam insípidos, caso eles permanecessem lá por mais tempo?

— Mas... mas e o seu trabalho? A revista

ao nosso encontro aqui, talvez.

Léonie encarou o irmão.

*Ele não pode acreditar que algum dia
mamãe sairá de Paris. Ou que voltará*

~

O momento prolongou-se, tenso e expectante, e então Léonie começou a rir.

— Você é um bobo, Anatole! É claro que

agradável que ainda não encontrou uma oportunidade para escrever. E é claro, é preciso dar tempo para que minha carta seja encaminhada para o Marne. Léonie espremeu os olhos.

— Quanto tempo passaremos lá?

— Dois dias, talvez três. Léonie fez um ar desa-pontado.

— Mas isso não é quase tempo nenhum!

— Você deveria voltar para seus aposentos — disse ela. — Está tarde. Anatole cruzou os braços atrás da cabeça, num gesto que expressava claramente sua determinação de se demorar mais.

Anatole inclinou-se e beijou a pele marcada. Mesmo nessa hora, sentiu o desejo dela de se afastar do contato de seus lábios. A cicatriz era um lembrete constante de sua breve e violenta aventura com Victor Constant.

ças. Não fora assim. Além disso, havia perturbado sua própria paz de espírito. Mesmo agora, passados uns nove meses desde o primeiro encontro dos dois, e já lhe sendo familiar a ladainha

A aventura de Isolde e Constant tinha durado apenas algumas semanas. Os dedos quebrados se haviam curado, as manchas roxas tinham desaparecido; restava apenas aquela cicatriz, como um lembrete físico dos ferimentos que

na pele macia e alva no alto das coxas
de Isolde.

— Está tudo acertado. Temos a licença.
Amanhã

dando de om-

bros. — Mas você se importa tanto com a
opinião favorável deles?

Isolde não respondeu à pergunta

Inalou mais um punhado de fumaça. —
Admito que talvez *maître* Fromilhague
deplora a pressa do nosso casamento. É
possível que objete, mesmo não
havendo nenhum laço consanguíneo
entre nós, mas o que ele tem a ver com

Anatole se lembrou de quanto ela se
afligia toda vez que voltava à capital. De
como era apenas uma sombra de si
mesma. Todo cheiro, todo som, toda
visão parecia causar-lhe sofrimento e lhe

Muito cedo. Embora, apesar disso, eu não creia estar enganada.

Pôs a mão sobre a dele e, por um instante, ambos se calaram.

nada a ver com o Victor? —perguntou,
enfim. — Paris é a sua casa, Anatole.
Você quer abrir mão dela para sempre?

Ele apagou o cigarro, depois passou os
dedos pela cabeleira farta e escura

sim.

Isolde calou-se. Anatole sentiu seu corpo inteiro imobilizar-se, tenso, como se ela estivesse prestes a fugir.

Em consequência disso, sabia que
Isolde tinha decidido guardar silencio.
Não que suas lembranças dos
sofrimentos suportados a perturbassem
menos. Agora Anatole compreendia que

perdido o direito a qualquer felicidade futura, por causa daquele único erro de julgamento passageiro. E se entristecia com o fato de, a despeito de suas reafirmações e das medidas extraordinárias que ele havia tomado

simples prenomes cristãos eram
suficientes.

— Ele sabia que você era casada? Ela
fez que sim.

Lascombe —disse Anatole, insistindo nesse ponto. — É isso, não é?

— Ele não conhecia o Jules.

— E também nunca soube de nenhum

disse, prontamente:

— Aquilo não teve absolutamente nada a ver com o Constant. — Mas eles só levaram o cebolão do seu pai

notícias de estranhos nas imediações da
propriedade.

Isolde deu um suspiro.

— Você não se preocupa por não ter

— Então, por que não se casa com ela?
— veio a resposta, mais ríspida do que
Anatole havia pretendido.

— Você sabe por quê — disse Isolde em

lado da cama e o pôs sobre os ombros.

Houve um lampejo de apreensão nos olhos de Anatole.

— Você está com frio?

lábios. — Mas quanto à questão da família, ainda sou de opinião que deveríamos contar à Léonie a verdadeira razão de nossa ida à Carcassonne. Dizer-lhe o que pretendemos fazer. Anatole passou as mãos no cabelo

— É por isso que reluto em continuar a enganá-la.

Anatole deu uma tragada forte no cigarro.

— O que quer dizer? Isolde segurou a mão dele.

— A Léonie não é criança, Anatole. Não mais.

fazer, melhor.

Pôs a mão na barriga de Isolde,
deixando claro que considerava o assim
to encerrado.



cabeça, espremida e quen-tinha entre o irmão e a tia. Sentia o cheiro de mofo e naftalina das mantas de pele, usadas pela primeira vez naquele outono, que os cobriam do queixo até os pés.

corujas que voltavam da caçada noturna.

Apesar de eles terem partido cedo, as condições tempestuosas do clima resultaram em que o trem chegou a Carcassonne com mais de uma hora de

calçadas erguiam-se acima da rua
pavimentada por pedras.

Havia árvores ornamentais ao longo da
parede externa, em vasos de terracota,
como uma fileira de sentinelas em

do hotel, concordaram em se reencontrar no estabelecimento às cinco e meia, a tempo de fazerem uma ceia mais cedo, antes do concerto. O compromisso de Isolde com os advogados do falecido marido fora marcado para as duas horas

modernas cidades norte-americanas. Servin-do-se do lápis de desenho de Léonie, madame Sanchez assinalou o hotel e a praça central no *plan de ville* fornecido pelo proprietário. Também alertou para o fato de que muitos nomes

alguns preparativos apressados para sair.

Com Marieta esforçando-se para acompanhar seu ritmo, partiu para a praça principal. La Place aux Herbes

despretensiosa, mas de boas
proporções, cercada nos quatro lados
por prédios de seis andares e com
estradinhas e passagens que vinham
dos quatro cantos. O centro era
dominado por uma fonte muito floreada

pão e queijo de cabra.

Para surpresa e deleite de Léonie,
quase toda a fachada de um dos lados
da praça era ocupada por uma loja de
departamentos. Seu nome, em letras

equipamento de caça para o Anatole.

A ideia lhe entrou e saiu da cabeça num relâmpago.

Ela só dispunha de uma pequena soma

aventurar-se pelas ruas secundárias ao redor da praça. Andou na direção oeste e se descobriu na Carrière Mage, a rua em que se situavam os advogados de Isolde. Na parte mais alta ficavam sobretudo escritórios e *ateliers de*

rua, na direção dos escritórios de advocacia, talvez pensando em ver Isolde e Anatole saírem de um deles. Mas, com o passar dos minutos e sem sinal dos dois, o atrativo das lojas mais abaixo a seduziu.

fogão ou lareira. O letreiro acima da porta dizia *Élie Huc*. Lá dentro, renques de linguiça seca pendiam de ganchos num dos lados da loja. No outro havia feixes de tomilho, sálvia e alecrim, além de uma mesa coberta de pratos e potes

Marieta.

Será que me atrevo?

Sentiu uma centelha de excitação à
ideia que se insinuou em sua mente.

— Não quero carregar estas coisas —
disse, empurrando os embrulhos para
Marieta e fingindo olhar para o céu. —
Receio que possa voltar a chover. Seria
melhor você levar esses pacotes para o
hotel e, ao mesmo tempo, buscar um

nos protegermos da chuva, caso seja necessário — acrescentou. E então frisou seu último ponto: — Meu irmão não lhe agradecerá se eu pegasse um resfriado.

da Bastide. Por outro lado, achava que poderia, sem ficar com a consciência pesada, andar até o rio e ter seu primeiro vislumbre da cidade medieval pela margem direita do Aude. Estava curiosa por ver a Cité de que Isolde havia falado

Sentia-se muito independente e aventureira, e gostou da sensação. Passou pelas colunas de mármore do Hotel de Ville, onde estava desfraldada uma antiga bandeira *tricolore*, e se encaminhou para o que identificou no

em toda a volta. Um coreto em estilo japonês era cercado por cadeiras brancas. A desarrumação dos assentos, os restos de casquinhas de sorvete e papel encerado e as pontas úmidas de charutos sugeriam que o concerto havia

gou a placa para ler a inscrição, tratava-se, variadamente, de La Samaritaine, ou Flora, ou até Pomona.

Quem vigiava a heroína clássica era um

respiração. Era mais magnífica e de
escala mais humana do que ela havia
imaginado. Ela vira os cartões-postais
populares da Cité que traziam as
famosas palavras de Gustave Nadaud,
“Il ne faut pas mourir sans avoir vu

Léonie não tinha intenção de continuar a desobedecer a Anatole, mas se viu subindo a ladeira suave da ponte, que cruzava o rio numa sucessão de arcos de pedra.

podiam sentar-se um pouco, ou se afastar do caminho das carruagens ou dos carroceiros.

Deu mais um passo e, com isso, sem jamais haver realmente decidido fazê-lo

guinada inesperada da sorte, havia determinado que, na eventualidade de ela tornar a se casar, a propriedade deveria passar para o filho de sua meia-irmã, Marguerite Vernier, *née* Lascombe.

Mon coeur.

As testemunhas, escolhidas ao acaso na rua, sorriram dos francos sinais de afeição do casal, mesmo considerando lamentável que se tratasse de uma

dois trocaram presentes. Anatole deu a Isolde um medalhão de prata com uma miniatura dela, de um lado, e dele, do outro. Isolde o presenteou com um belo relógio folheado a ouro, com suas iniciais gravadas na tampa, para

que não estava desobedecendo às instruções expressas de Anatole. Afastou a ideia da cabeça e olhou para trás, notando que as nuvens negras da tempestade se acumulavam sobre a Bastide

enrolava-se num pano da cor do pavimento úmido. Com as mãos cheias dos riscos negros da sujeira e da pobreza, estendeu um copo imundo quando Léonie passou. Ela deixou cair uma moeda no recipiente e foi

À esquerda, no alto de uma escadaria de pedra meio arruinada, vislumbrou uma pesada porta de madeira, encravada a fundo em antigas paredes cinzentas. Uma placa surrada e desgastada

toda beleza fosse sacrificada aos
princípios. A arquitetura a atraía, embora
as palavras ecoadas no interior do
convento não o fizessem.

Pensativa, ela passou por mais um belo

céu enfurecido.

Suspendendo as saias numa das mãos,
para facilitar a subida, ela seguiu adiante
com renovado vigor. Ao chegar mais
perto, viu a parte superior de lápides

um homem de cartola surrada e suíças antiquadas, com as mãos nos bolsos, vigiando e solicitando o pagamento aos cocheiros das carroças de mantimentos, ou aos comerciantes que transportavam barris de cerveja para a Cité

Ao sair da ponte, foi atingida em cheio pela força do vento noroeste. Viu-se obrigada a pôr uma das mãos no chapéu, para mantê-lo no lugar, enquanto a outra im-pedia suas saias rodopiantes de se lhe enroscarem nas

num balde de metal. À esquerda e à direita, Léonie viu as ruínas das casas humildes dos bairros miseráveis que tinham sido demoli-das em data recente. Na altura do que teria sido um segundo andar, pendendo em pleno ar, havia uma

interna e externa —, o interior era mais escuro e sombrio do que ela havia esperado. E também sujo. A lama cobria as pedras escorregadias do calçamento, e toda sorte de detritos e dejetos enchia as valas.

salões, repletos de damas de vestidos amplos, e *chevaliers* partindo a cavalo para a batalha.

O Château Comtal tinha a aparência do que era agora: um edifício militar

turístico provavelmente fracassariam. Não conseguiu imaginar aquelas ruas abarrotadas de visitantes. Era tudo maçante demais, não fora concebido para agradar aos gostos e modismos contemporâneos. As muralhas recém-

Léonie foi obrigada a tirar o lenço do bolso e cobrir a boca e o nariz, para se proteger da parte pior da umidade do ar. Foi andando num zigue-zague complexo e se viu ao lado de uma velha cruz de pedra, que dava para hortas comerciais

bem perto do hotel em que se haviam hospedado. Sentiu uma pontada de angústia. Levantou os olhos para o céu ameaçador e percebeu que poderia se descobrir confinada na margem oposta do rio, isolada pela elevação do nível da

rosto. Depois, outra e mais outra, mais rápidas, mais pesadas, mais frias. Em seguida, uma barulheira de granizo e uma única e abrupta trovoadas. E, de repente, tudo se fez água à sua volta.

*Não resta alternativa senão continuar a
descer.*

Foi tropeçando pela *calada*, levantando
as saias acima dos tornozelos, para não

trocaram algumas palavras. Cintilou um brilho de moedas, passando da mão enluvada para as palmas imundas do velho soldado, e os dois se separaram. O soldado desapareceu na Cité.

fora. Bateu os pés no chão, para sacudir o que pudesse da chuva, aspirando o cheiro de pedra molhada e incenso.

Hesitou e, percebendo que poderia ficar presa na église de Saint-Gimer por

sob o nariz de ambos. Alguns moradores locais do *quartier*, muitos deles sem botas e malvestidos, agachavam-se no piso de pedra. Havia até um burro e uma mulher segurando duas galinhas, uma embaixo de cada braco

lo visto antes, mas então percebeu que, embora ele fosse mais espadaúdo e corpulento, guardava certa semelhança de cores e traços com seu irmão.

Havia mais alguma coisa nele, algo

— e sorriu. — Mas as circunstâncias são um tanto inusitadas, não?

A cortesia do homem a tranquilizou, fazendo-a erguer os olhos.

Léonie abanou a cabeça.

— Nem um pouco — respondeu em tom claro. —

Ademais, podemos descobrir-nos presos

aceitar sua apresentação.

Com uma meia medida, ele tirou um cartão de visita do bolso.

— Victor Constant, *mademoiselle*

não ter...

Descuidei-me e não trouxe meus cartões
de visita — mentiu, sem se perguntar por
quê. — Sou Léonie Vernier.

estivesse sob os cuidados de um
guardião? — indagou, quando se sentiu
apta a confiar na própria fala. — Talvez
eu esteja acompanhada por meu marido.

— Poderia estar, de fato, exceto por uma

retrucou ele, e houve algo tão apaixonado, quase selvagem na maneira como proferiu as palavras, que o coração de Léonie deu uma cambalhota.

trataria sua esposa dessa maneira,
certo? — deixou escapar, antes que
pudesse conter as palavras atrevidas.

— Infelizmente não sou casado —
respondeu ele, com um sorriso lento. —

perto. Na verdade, ãs dois estavam tão próximos que quase se tocavam. Ela sentiu o calor de Constant junto ao corpo, como se todo o seu lado direito estivesse virado para uma fôrnalha. Lembrou-se das palavras de Isolda

— A senhorita tem o ar de uma jovem numa aventura solitária. Entrou sozinha na igreja, encharcada pelo temporal, o que sugere que não está acompanhada de uma criada, pois esta certamente

estaria aqui há muito tempo. É

Seus olhos reluzem como esmeraldas.

— Há muitos tecelões espanhóis neste *quartier* — comentou Constant, como que intuindo o mal-estar da jovem. — Até se

mademoiselle Vernier, mas não. Nada
tão renomado assim. Tenho um mero
interesse de amador.

— Compreendo.

em tão mau estado de conservação, que seria aconselhável construir uma nova igreja, em vez de tentar uma restauração da antiga.

Compreendendo — tornou a dizer Léonie

prende a respiração, perpassada por uma onda de calor.

— O altar, o púlpito, as capelas e os painéis, tudo isso foi obra de Viollet-le-Duc — disse ele. — Bastante típico

lateral, à sombra dourada de um relicário embutido na parede, começou a entoar uma canção de ninar, para acalmar o bebê irrequieto em seu colo.

Agradecida por essa distração, Léonie

criadas lá de casa a falam, quando
creem que não há ninguém escutando.

Sentiu a atenção dele aguçar-se.

— De casa? Perdoe-me, mas, por suas

— A Place d'Europe é visível das janelas de nossa sala de estar. Se conhecesse o local, o senhor seria capaz de situar nossa residência com precisão.

Léonie levou um momento para perceber que era uma brincadeira.

— Ah — riu-se. — A Isolde não tem nada a ver com esse tipo de tia, cheia de bolas de naftalina e *eau de Cologne*. É

com ar gracioso.

— E sua tia, essa bela e encantadora
Isolde, proveniente de Paris, reside
agora em Carcassonne?

alugaram uma casa, talvez?

Léonie riu.

— Só estamos aqui por alguns dias,
monsieur Constant. O Hotel Saint-

minha tia fica no alto da montanha. Nas últimas duas semanas, tivemos trovões e relâmpagos consideravelmente mais fortes do que estes.

— Quer dizer que a senhorita está a uma

magnífica.

— Há muita vida social em Rennes-les-Bains? Ela riu.

— Não, mas estamos muito felizes com

— A chuva parece estar parando,
mademoiselle Vernier. É lamentável.

A última palavra foi dita em voz tão
baixa, que Léonie o olhou de soslaio,
intriçada com essa declaração tão franca

Constant ofereceu-lhe o braço. —
Vamos?

Sua voz provocou um arrepio na espinha
de Léonie, que hesitou apenas por um
instante. Depois, como que numa

Léonie sentiu-se a pessoa mais feliz da Place Saint-Gimer. Embora muitas vezes houvesse imaginado um momento como aquele, era extraordinário que parecesse tão natural andar de bra-

dentro dos moldes previsíveis — o
tempo, os encantos de Carcassonne, o
esplendor dos Pireneus —, até
chegarem ao outro lado da Ponte Velha.

— Lamento dizer que é aqui que devo

pouco ortodoxa, graças às peculiaridades das circunstâncias do temporal. Outra, bem diferente, era levar a associação um passo adiante.

Mademoiselle Vernier — fez ele

um excelente concerto todas as sextas-feiras pela manhã, às 11 horas

— e Constant fitou-a com a plena força de seus olhos azuis, acrescentando: — Por certo pretendo comparecer

levantando o chapéu. — E de ter o
prazer de conhecer sua tia e seu irmão.

O homem fixou-lhe os olhos e, por um
instante fugaz, Léonie teve a sensação
de que estavam ligados, como se fosse

Em seguida, virou-se e saiu andando depressa pela rue du Pont Vieux, antes que fizesse um papel vergonhoso, revelando a extensão das esperanças que bailavam em seu peito.

não convinha a seus objetivos. Era infinitamente mais satisfatório brincar com as emoções dela. Destruí-la, sem dúvida, mas por levá-la a se apaixonar. Saber disso seria um tormento maior para Vernier do que vê-la ser possuída à

do rosto de Vernier quando lesse a mensagem foi-lhe irresistível. Queria fazê-lo sofrer. Os dois, Vernier e sua vagabunda. Queria que passassem os próximos dias olhando para trás, esperando, assombrados, sempre se

— Esta é a minha cidade — resmungou,
depois girou nos calcanhares e
desapareceu numa pequena viela nos
fundos do Hôpital des Malades.

Constant tirou a garota da cabeça e

no interior? Ele tinha alguns contatos na cidade, um homem, em particular, pessoa de poucos escrúpulos e temperamento cruel, a quem já havia prestado serviços.



CAPÍTULO 61

Léonie atravessou correndo a Praça

pela rua encharcada, com os nervos
tensos a ponto de quase se romperem.
Mas não me arrependo.

Seria punida por sua desobediência,
não tinha dúvida, mas não podia dizer

vitruines, para protegê-las do mau tempo,
e todas as ruas estreitas da Bastide
pareciam iguais.

Errou o caminho várias vezes, de modo
que se passou quase uma hora a mais

saguão, segurou-a pelos ombros e a sacudiu com força.

— Onde diabos você foi? — gritou. — Eu estava quase enlouquecendo! Léonie permaneceu imóvel, atônita diante

Anatole nunca havia praguejado diante dela. Nem uma vez. Nunca.

— Podia ter-lhe acontecido qualquer coisa! Uma moça sozinha num lugar desconhecido. Qualquer coisa!

da Praça Gambetta e fiquei admirando a arquitetura maravilhosa da Bastide. Admito que mandei a Marieta de volta para buscar um guarda-chuva, e não o devia ter feito, eu sei, mas, quando a chuva começou, achei que você

— Mesmo assim, a chuva parou há mais de uma hora. Tínhamos combinado encontrar-nos às cinco e meia. Ou será que você tirou isso da cabeça?

— Eu me lembro, mas

— Não sei. Perto do rio. Anatole
agarrou-a pelo braço.

— Está me dizendo a verdade, Léonie?
Você atravessou o rio para ir à Cite?

praticamente afastando-a com um empurrão.

Os dedos gelados de Léonie deslizaram para o bolso em que tinha posto o cartão de visita de monsieur Constant

desacompanhada, mas Léonie mordeu a língua. Não faria sentido exasperá-lo ainda mais.

Baixou a cabeça.

poderia se encontrar com Victor Constant no dia seguinte, na Praça Gambetta. Ainda não resolvera se iria, mas não queria que a decisão fosse tirada de suas mãos.

Graças a sua desobediência, fui obrigado a mandar Isolde na frente para a estação com a Marieta.

— Mas e o concerto! — exclamou Léonie. — Eu quero ficar! Por favor!

— Não aconteceu nada.

De um minuto para outro, ele parou de gritar. Sua expressão abrandou-se.

— Haverá outros concertos — disse.

partida repentina — e não acreditava no pretexto da piora do tempo —, ela não tinha alternativa. Anatole estava decidido a castigá-la por seu comportamento voluntarioso e havia escolhido a maneira mais certa de

capa e saiu impetuosamente pelo
corredor, onde encontrou Anatole.

— A Marieta não deixou absolutamente
nada para eu vestir — protestou, os
olhos relampejando de fúria —

explicando por que não poderia honrar seu compromisso pessoalmente. Assim, pelo menos ele não faria mau juízo a seu respeito. Talvez até lhe escrevesse para expressar sua tristeza pela amizade prematuramente cortada.

Anatole ficaria furioso.

Léonie não se incomodou. Era bem feito.
Se ele in-sistisse em tratá-la como
criança, ela se portaria como tal.

de deixá-la com o *patron* do hotel sem que Anatole soubesse, para que fosse entregue no dia seguinte a monsieur Constant, na hora marcada, na Praça Gambetta.

Não havia assinatura nem endereço do remetente, mas Anatole temia compreender muito bem o significado.

Era uma resposta a palavra solitária que ele tinha escrito na última página da

Ninguém, a não ser ele, Léonie, Isolde e os criados da casa, sabia que estavam na cidade, muito menos nesse hotel específico.

O advogado sabia. E o padre

Isolde. Ele teria dado qualquer coisa para esconder aquilo da mulher, mas ela o encontrara minutos depois da chegada da carta, e ele não conseguira esconder a verdade.

venezianas e olhou para fora. Não havia ninguém na rua, exceto um bêbado embrulhado num velho casacão militar, com os joelhos encolhidos, arriado no muro em frente.

CAPÍTULO 62

Léonie esperou Anatole no saguão, com as mãos cruzadas na frente e em silêncio. Exibia um olhar de desafio, mas estava com os nervos à flor da pele, por

paletó. — Farei com que a carta seja entregue, conforme o seu desejo.

Léonie despediu-se com um aceno da cabeça e se apressou a descer a escada para alcançar o irmão

ruas alagadas e imundas, e eles alcançaram o trem poucos minutos antes da partida, correndo pela plataforma escorregadia até os vagões da primeira classe, na parte dianteira. O guarda segurou a porta para os dois e os

me recolher ao meu vagão.

— Fez bem — disse ele, sem tirar os olhos de Isolde. — Eu resolvo com o guarda.

vem em primeiro lugar — comentou
Anatole em tom cortante, sem dar à irmã
a oportunidade de responder por si. — E

também reconhece que não podemos
correr o risco de ficar presos aqui. tão

O ressentimento pela maneira injusta com que o irmão a tratava espicacou-a. Recusou-se a perdoá-lo. Convenceu-se de que Anatole é que havia provocado a briga e de que ela, na verdade, não fizera nada de errado.

o inspetor Thouron e dois policiais parisienses desembarcaram do trem de Marselha. Estavam com cerca de duas horas de atraso, tendo sido retidos por uma avalanche acarretada pelas chuvas fortes, no trecho da ferrovia nos

ção ao outro estava alagado, e por isso o chefe da estação os esperava num portãozinho lateral que dava para a rua, segurando a corrente com força, por medo de que o vento forte o jogasse para o lado oposto e o arrancasse das

que, como nortistas pior ainda,
parisienses —, ele e seus homens
viesses a ser tratados com suspeita
afiguraram-se infundados.

— É um prazer ajudar — gritou Bouchou

Justice Pr sidiale, onde podiam
conversar sem medo de serem
entrevistados. A maior parte da clientela
compunha-se de colegas policiais da
gendarm rie ou funcionários do presídio.

mês, e eles ainda não haviam conseguido localizar o filho nem a filha, os parentes mais próximos, para lhes dar a notícia de sua perda.

Aliás, embora não houvesse razão para

— Para dizer a verdade — admitiu
Thouron —, se um de meus homens não
se houvesse mantido alerta, não
teríamos ido mais longe que isso.

Deixei-me cair. Deixei-me cair.

dos Vernier, na rue de Berlin.

Ela contou ao Leblanc ter visto o porteiro aceitar dinheiro de um homem e, em troca, entregar-lhe algum tipo de envelope

— Ele alegou não saber. As transações eram sempre feitas com um criado.

— E você acreditou?

— E o assunto é delicado, por causa da ligação romântica de madame Vernier, certo?

Thouron confirmou com a cabeça.

se houvesse provas contra Du Pont — respondeu, cauteloso. — Mas, felizmente para todos os interessados, são muito numerosos os fatores que atenuam a possibilidade de que o general seja o responsável. Mesmo

concerto, à vista de todos, e a questão de quem teria subornado o porteiro.

— Um amante rival? — sugeriu.

— Também pensei nisso — admitiu

— Reconheço — prosseguiu Thouron —
que, mesmo que os Vernier tenham
estado na província do Aude, talvez já
não se encontrem por aqui agora. É uma
região grande e, se eles estiverem aqui
em Carcassonne, eu numa residência

bolso do colete. — Deixe-a comigo,
Thouron. Verei o que podemos fazer.

O outro inspetor deu um longo suspiro.

— Fico-lhe muito grato. Bouchou. Esse

porque o rio Aude estava prestes a transbordar.

Bouchou soltou um grunhido:

— Todo outono eles dizem a mesma

Primeiro as trovoadas, depois um relâmpago bifurcado, que cortou o céu colorido de púrpura. Isolde soltou um grito. No mesmo instante, Anatole pôs-se a seu lado.

eufórica, as forças da natureza
campeando soltas. O trem prosseguiu
em seu avanço la-borioso. Em vários
momentos, foi obrigado a parar entre as
estações, enquanto se retiravam dos
trilhos galhos caídos e até pequenas

vales o tempo estava menos furioso,
porém não havia fiacres para alugar e
fazia muito que o *courrier publique* tinha
partido.

Anatole foi obrigado a acordar um dos

Tarascona.

Dois homens juntaram-se a eles, também procurando refugiar-se da tempestade, e trouxeram a notícia de que o rio Aude estava prestes a

Herdade do Cade, deixando-a alheia
aos rigores da jornada e à luta dos
cavalos exaustos pelas estradas
escorregadias e perigosas que os
levavam para casa.

uma terceira, para atizar o fogo que já ardia na lareira. Então, ao ver que Isolde estava fraca demais para andar, Anatole ergueu-a nos braços e a carregou escada acima. As mechas de seu cabelo loiro, agora a lhe descer pelas costas

Tentou dormir, mas ficou consciente o tempo todo de Anatole andando pelos corredores. Mais tarde, ouviu o clicar de suas botas nas lajotas do salão lá embaixo, mar-chando de um lado para outro como um soldado na ronda.



PARTE VIII

Hotel Herdade do Cade

Enquanto ela o observava, o rapaz levantou a mão e afastou do rosto o cabelo rebelde.

Meredith sorriu do gesto já conhecido. Deixando a porta fechar-se às suas

Hal fez o pedido: *“Une bouteille du
Domaine Begude, s’il vous plaît,
Georges. Et trois verres.”*

— Três taças? — indagou Meredith. A
expressão de Hal anuviou-se

— Certo.

— Não é o que eu chamaria de uma conversa — insistiu ela, para deixar as coisas claras. Inclinou-se para a frente, com as mãos nos joelhos. — O que

— Um jantar me parece ótimo. Não almocei. Estou faminta. Com ar satisfeito, Hal levantou-se.

— Volto num instante.

Georges trouxe o vinho num balde de gelo com suporte e lhe serviu uma taça grande, em forma de tulipa.

Meredith bebeu vários goles de uma vez, como se fosse refrigerante, e se abanou

livros tivessem vindo do *vide-grenier*, a liquidação do brechó.

Meredith olhou pela janela para a escuridão do lado de fora. Nas bordas mais distantes dos gramados, viu as

Lawrence, cujo hálito tinha um vago cheiro de uísque. Desconcertada, ela modificou a expressão do rosto e começou a se levantar.

— Srta. Martin — disse ele, pondo-lhe a

claro de linho e camisa azul, aberta no
pescoço. Como em todas as ocasiões
em que ela o vira, parecia à vontade e
seguro, se bem que meio corado. Os
olhos de Meredith foram atraídos por sua
mão esquerda, enfiada no bolso da

Julian repôs a taça na mesa.

— O que sabe sobre cartas de tarô, Srta. Martin?

A pergunta a apanhou totalmente

com seu mal-estar.

— Jane Seymour no filme *Com 007 Viva e Deixe Morrer*. É praticamente tudo o que eu sei — respondeu, tentando fazer piada

diferença fundamental era que o coração de Hal era um livro aberto, deixando todas as emoções à mostra, Julian, ao contrário, sempre soava vagamente zombeteiro. Sarcástico. Ela olhou de relance para a porta, que continuava

de manhã — e deu de ombros. — Talvez eu tenha entendido mal.

Meredith quebrou a cabeça. O tarô nunca estivera longe do seu pensamento, é claro, mas ela não tinha

invisíveis se tornem visíveis.

Ele levantou as sobrancelhas.

— Bem colocado — e continuou a encará-la —

Nesse momento, uma mão pousou em seu ombro.

Num sobressalto, ela se virou para trás, assustada, e dessa vez viu Hal a lhe

a mensagem escrita neles. Ficou desolada. Não queria se enredar numa conversa sobre o tarô, mas percebeu que Hal viu nisso uma boa maneira de manter o tio afastado do assunto de sua ida ao comissariado de polícia.

primeira e última vez.

— E foi uma experiência agradável, Srta. Martin?

— Foi interessante, com certeza. E

atrás de algo específico. Ela bebeu outro
gole de vinho e estampou uma
expressão vazia no rosto.

— É mesmo?

— Cigarro, Srta. Martin? — perguntou, oferecendo-lhe o maço. — Mas receio que tenha de ser lá fora.

Furiosa por ter feito tamanho papel de bocha — pior, por ter deixado aquilo

— Não reparei.

— Não? O número 22, em particular, aparece com uma frequência surpreendente.

— Asmodeu era tido como um dos guardiões do Templo de Salomão. O templo foi destruído em 598 antes de Cristo. Se somarmos cada algarismo ao seguinte, cinco mais nove mais oito, teremos 22. A conchavita está ciente

também é retratada em dois dos três vitrais atrás do altar. Uma outra ligação é com Jacques de Molay, o último líder dos templários; parece que há ligações com os templários em Bézu, do outro lado do vale. Ele foi o vigésimo segundo

quanto ela sabia sobre o tarô?

E, o que era mais pertinente, por quê?

— Por último, o pároco de Rennes-le-Château, Bérenger Saunière, morreu a

— Sei fazer as contas — ela resmungou entre dentes, depois se virou para Hal.
— A que horas é a nossa reserva para o jantar? — perguntou, em tom incisivo.

Sete e quinze. Daqui a dez minutos

com ar

displicente. Meredith viu Hal cerrar os punhos.

— Não sei se meu sobrinho comentou

~

— Realmente não sei... Ele continuou a falar:

— Alguns diriam que há uma sugestão do Mago na forma de Cristo, talvez, e é

dizendo a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

Julian ergueu as sobrancelhas.

— Ou talvez com alguma carta de tarô

Srta. Martin, espero que desfrute o restante de sua estada conosco — acrescentou e pôs a mão no ombro do sobrinho. Meredith viu o esforço de Hal para não se afastar. —

número um: nunca critique a família de outra pessoa.

— Como posso aguentar? — disse Hal, em tom selvagem. — A resposta é: não posso. Assim que tiver resolvido as

pesadamente diante da escrivaninha,
com a reprodução do baralho à sua
frente. *Exercício inútil.*

Já havia estudado a reprodução do Tarô
Bousquet durante muitos anos, sempre à

andara escavando tesouros mais
materiais do que espirituais.

Posteriormente, Julian começara a ouvir
histórias de que um certo baralho
revelava a localização não de um único

torno das ruínas do sepulcro visigótico e ampliando o raio a partir dali. Era um terreno difícil, que exigia um esforço extremamente intensivo em mão de obra

— e portanto caro

em que logo encontraria o que procurava
e tudo ficaria bem.

Esvaziou o copo de uma vez só.

E uma simples questão de tempo.

sobrinho e convidara o comissário para um drinque na semana seguinte.

Pegou a garrafa e serviu mais dois dedos. Repensou na conversa do bar. Tinha sido propositadamente canhoto

mão, como se ela não lhe pertencesse, e a obrigou a ficar parada.

Numa gaveta trancada da escrivaninha, a escritura de transferência de posse estava pronta para ser assinada e

Ela devia saber alguma coisa sobre o Tarô Bousquet original, caso contrário, por que estaria ali? Sua presença nada tinha a ver com o acidente de Seymour nem com seu sobrinho patético, nem tampouco com as finanças do hotel.

injetados.

Deu um pulo da cadeira, o que a fez
tombar para trás no chão. O copo de
uísque saiu voando pela madeira polida
da escrivaninha. Virou-se para trás

mão. Viu o carro cair.

— Você me obrigou a fazer isso —
resmungou.

Ergueu os olhos para a janela e piscou

O baralho original ainda estava lá, ele sabia.

— Da próxima vez — murmurou. Estava muito perto. Dava para sentir. Da próxima vez ele teria sorte

satisfeitos com o veredicto.

— E ele é...? — instigou-o com delicadeza.

— Que foi morte accidental. Que o papai

Shelagh O'Donnell, que mora por aqui
— disse o rapaz.

— Isso ajuda, não é? Ela viu o acidente?
Hal abanou a cabeça.

— Ela já não a teria dito à polícia?

— Tive a impressão de que eles não a consideram uma testemunha confiável.

isso não a deixará menos inclinada a ajudar, em vez de mais propensa?

— Eles já estão fulos da vida comigo — retrucou Hal, em tom furioso —, mas, para falar a verdade, tenho a impressão

comparação.

— Reconheço que não há razão para
você aceitar o que eu digo, assim, pelas
aparências, mas é que eu não acredito
na versão oficial. Não estou dizendo que

— O meu pai, não, eu lhe garanto. Ele gostava de um vinho, mas era fanático a respeito de não pegar o volante se tivesse bebido. Nem mesmo um copo — acrescentou, arriando os ombros. — Minha mãe foi morta por um motorista

Hal levantou os olhos e a fitou.

— O meu pai não dirigiria se estivesse bêbado. Meredith deu um sorriso evasivo.

— A polícia diz que não.

— Eles procuraram alguma outra coisa?

— Como o quê?

— Então o que é, Hal? O que você está dizendo?

— Que ou os exames deram um resultado falso, ou alguém drogou a

Ele fez que sim.

— Só pode ser.

— Você não pode estar falando sério —

crimes. No momento, o desastre está sendo tratado como um acidente de trânsito. Mas, se eu conseguir encontrar algum tipo de indício que o ligue ao Julian, posso fazê-los reconsidera-rem.

verdade, não conhecê-la era ainda pior.
Tornava impossível deixar o passado
para trás e seguir em frente com a vida.

— Meredith?

Chegou o garçom e, na mesma hora, o clima mudou, tornou-se menos tenso, mais parecido com um encontro usual. Ambos pediram filé e Hal escolheu uma garrafa de um tinto local para acompanhá-lo. Por um momento, ficaram

— Por que você está dizendo isso? —
perguntou ela, num tom mais irritado do
que havia pretendido.

Hal corou

sorriso apologético. — E, bem, quanto ao meu tio... não sei, é provável que eu esteja errado, mas me veio a ideia de que você estaria aqui para investigá-lo. Vocês com certeza não pareceram gostar um do outro.

Como você não acredita que o acidente do seu pai tenha sido mesmo um acidente, e como acha que os resultados dos testes podem ter sido adulterados, ou que a bebida dele foi dro-gada e o carro foi jogado para fora da estrada

uma espécie de, sei lá, Nancy Drew?

Recostou-se na cadeira e o encarou. Ele teve a gentileza de enrubescer.

— Não pretendi ofendê-la. Mas, bem, foi

Nunca diria nada, nem mesmo para mim,
enquanto não estivesse completamente
seguro dos fatos. Inocente, até prova em
contrário.

ções?

— Procurei por toda parte, acredite. Não há nada.

— E juntando isso tudo, você começou

pensei no assunto.

Meredith cruzou os braços:

— Então não foi por isso que você
começou a conversar comigo no bar.

perguntou se o tio o faria pagar a
despesa, já que, em termos formais, era
o dono do hotel.

No mesmo instante, suas preocupações
com ele tornaram a inundá-la

Chegaram ao fim do corredor do primeiro andar sem cruzar com outros hóspedes. Meredith girou a chave, ruidosa no corredor silencioso, e abriu a porta. Quase formais, os dois entraram, ainda de mãos dadas.

seu perfume, tal como em Rennes-le-Château, do lado de fora da igreja — uma mescla de lã e sabonete.

Beijaram-se, ainda com um vestígio do vinho tinto nos lábios, a princípio com

da mão de Meredith, com um baque
pesado no car-pete fofo.

— Você é muito leve — sussurrou ele,
beijando-a no pescoço. Deitou-a
cuidadosamente e se sentou a seu lado

à luz salpicada de prata do luar.
Sentando-se sobre as pernas cruzadas
na beira da cama de mogno, inclinou-se
para beijá-lo, deixando o cabelo cair no
rosto, agora eliminada a diferença de
altura entre os dois.

vida que corria sempre do mesmo jeito
— para um lugar onde vigoravam
normas diferentes.

Tirou a última peça de roupa.

cavaleiro e sua dama num túmulo de
pedra; depois, Hal apoiou-se num
cotovelo e, com a outra mão, começou a
lhe afagar os cabelos.

Meredith respirou fundo, relaxando sob

momento em que a espera começava a se tornar intolerável, ele mudou de posição e se deixou deslizar para o espaço entre suas pernas nuas. Meredith fitou-lhe os olhos azul-claros e, por um instante, neles viu refletidas

plantou as mãos com firmeza nas costas dele, sentindo o martelar do próprio sangue a perpassá-la. Sentiu a potência de Hal, a força de seus braços e mãos. Enfiou a língua entre seus lábios úmidos e mudos.

seus braços. Levou um momento para perceber que ele tinha o rosto úmido, que chorava baixinho.

— Ah, Hal — murmurou, compadecida.

seus pais fazem. Ande, conte.

Meredith entrelaçou os dedos nos dele.

— Está bem. Saindo um resumo. Cresci em Milwaukee, fiquei lá até os 18 anos.

da UCN, e também, finalmente, uma oferta de uma editora.

— Pais adotivos? Meredith deu um suspiro.

de telefonemas tarde da noite, às visitas não anunciadas, à gritaria na rua, ao fardo da responsabilidade que Meredith, quando menina, sentira carregar pela mãe perturbada e volátil. E sua recitação objetiva dos fatos também não deu

Foi ela quem me fez começar a estudar violino, depois, piano. Devo tudo a ela e ao Bill.

Hal abriu um sorriso.

quarto. —

Não estou errado quanto a isso, não é?

Meredith sentou-se na cama, puxando o lençol e deixando apenas os ombros à

escova de dentes, pegar duas garrafas
no frigobar e voltar para a cama.

— Aqui está.

— Obrigada — disse Meredith, bebendo

tornar morador permanente foi um comerciante francês, Jacques Veau, que criou um entreposto comercial nos penhascos, no ponto de encontro de três rios, o Milwaukee, o Menomonee e o Kinnickinnic. Portanto, era bastante

— Então, você acha que o seu soldado desconhecido é um Vernier — comentou Hal, quando Meredith parou de falar.

Ela fez que sim.

— Então, você acha que Anatole Vernier era o pai dele?

— Não sei. Esse é o passo seguinte —
ela suspirou.

descontraído, mas Meredith percebeu que voltava a ficar tenso. — Sei que você acha que estou dando importância demais a isso, mas eu realmente gostaria muito da sua presença. Ela vem às dez

No sonho, Meredith estava sentada ao piano ao pé da escada. A friagem das teclas e a melodia eram familiares para seus dedos. Ela tocava a peça que fora a marca registrada de Louisa, melhor do que jamais a havia tocado, de forma

espirrou nela à sua passagem. À frente, no alto da escada, havia uma tapeçaria velha e empoeirada que mostrava uma cena de caça. Por um momento, ela contemplou as expressões cruéis dos homens, as manchas de sangue vivo em

empurravam uma velha porta de madeira. Havia no chão um tapete de poeira prateada, cintilando ao luar ou sob o halo do lampião a gás.

O ar estava parado. Ao mesmo tempo, o

murmúrios de vozes ocultas atrás da porta. Ela se viu parada no interior de uma espécie de capela. Pé-direito alto, piso de pedra, um altar, vitrais. Pinturas cobrindo as paredes, imediatamente reconhecidas como os personagens do

diante do altar, num ponto situado a igual distância das quatro janelas recortadas na parede octogonal. Viu-se parada sobre um quadrado marcado em preto no piso de pedra. Em volta dele, letras gravadas no chão

Sentiu-se cair, descer para um lugar de quietude e serenidade. Não sentiu medo. Já não era ela mesma, porém se postava do lado de fora, olhando para dentro. E, já então com clareza no

Eu sou a Léonie.

Meredith ouviu as palavras dentro da cabeça. Uma voz de mocinha, uma voz vinda de tempos idos. De novo, o clima

ameaça nas trevas, que Léonie
mantinha afastada.

Mas a presença meiga do fantasma
havia desaparecido, substituída por algo
destrutivo. Malevolente. Fez-se um frio

Un, deux, trois, loup! Pronta ou não, vou te pegar.

Alguma coisa batia os cascos, ganhava velocidade nas sombras, preparava-se para o bote. Meredith começou a correr

çaneta, chacoalhando, puxando,
sacudindo-a em direção a si, mas ela
não se abria.

Começou a esmurrar a porta, tentando
não olhar para trás, não ser apanhada

estavam enroscados, emaranhados. Seus dedos, rigidamente cerrados. Por um instante, ela se sentiu dominada por uma raiva devoradora, como se o ódio da criatura houvesse penetrado à força sob a superfície de sua pele.

— Puiu, está tudo bem — Hal repetiu.

Meredith fitou-o. Levantou a mão e traçou com os dedos o contorno de seu rosto

descendo.

— Eu a vi — murmurou, embora agora
falasse consigo mesma, não com Hal.

— Quem? — sussurrou ele. Meredith

repetitivo da mão de Hal, o pavor
desvaneceu-se. As pálpebras ficaram
pesadas, os braços, as pernas e o tronco
também, à medida que foram voltando o
calor e a sensação.



PARTE IX

A clareira

manhãzinha. Havia por toda parte
indícios da tempestade da véspera.
Galhos partidos, folhas girando em
espiral, agitadas pelo vento. Agora tudo
se acalmara e o céu rosado do
amanhecer estava límpido. Ao longe

os pés, secou as botas no capacho de
cerdas grossas.

Depois, tirou o capuz que lhe encobria o
rosto, soltou a presilha da capa e a
pendurou de volta no gancho de metal

desenhos em vermelho e azul, no
descanso de metal no centro da mesa.

Marieta fez uma meia medida.

— Madomaisèla.

de que não havia como ter certeza de que monsieur Constant receberia sua comunicação.

A menos que ele resolvesse escrever para me informar

buscar o médico na cidade.

— O quê? — disse Léonie, com um arquejo. Levantou-se da cadeira. — Eu não fazia ideia. Preciso vê-la.

— Madomaisèla terá que perguntar ao
sénher Anatole. O doutor conversou com
ele em particular.

Léonie sentia-se péssima. Era culpada

conseguisse comer um pouco.

Fez o desjejum em silêncio, com os pensamentos saltitando para a frente e para trás como um peixe atirado na margem do rio, ora inquietando-se com a

saber. A Marieta sugeriu que seria
melhor deixar tante Isolde dormir do que
perturbá-la. O médico vai voltar agora de
manhã? Ele...

Apesar da aparência péssima, Anatole

apercebera de quanta afeição havia
passado a nutrir pela calma e doce tia.

— Vamos, petite — disse Anatole, em
tom cari-nhoso. — Não precisa chorar.
Tudo ficará bom. Não há motivo para

se ele. — Mamãe ficaria profundamente insatisfeita com você — e sorriu para a irmã. — E então, já tomou o seu café?

Léonie confirmou com um aceno da cabeça

Léonie leu para ela à tarde e, aos poucos, a cor foi voltando a seu rosto. Anatole atarefou-se com assuntos concernentes à propriedade, em lugar dela, e até sentou-se em sua companhia no quarto, à noite. Se os criados

que uma bandeja com a ceia fosse levada a seu quarto. Léonie alegrou-se ao ver que a expressão abatida e tensa se fora e que a tia já não parecia tão magra. Na verdade, sob certos aspectos, parecia mais saudável do que antes.

tinha sido ruim, sem dúvida, porém não mais do que seria esperável na temporada de tempestades outonais.

Na segunda-feira à noite, entretanto, a notícia da catástrofe que havia atingido

joelhos. Várias outras construções da margem esquerda tinham sido inundadas pela enchente.

Mais acima do rio avolumado, perto da represa de Païchérrou, árvores inteiras

Repreendeu a si mesma. Sabia que era um completo absurdo ter sentimentos tão intensos por uma pessoa em cuja companhia passara pouco mais de uma hora. No entanto, monsieur Constant

patron do hotel não houvesse entregado seu bilhete na Praça Gambetta na hora marcada, se é que não tinha havido um adiamento do concerto, monsieur Constant —que era claramente um homem de princípios — seria obrigado

melhorou o bastante para cear com Anatole e Léonie na sala de jantar. Comeu pouco. Ou melhor, provou muitos pratos, mas não pareceu gostar de nenhum. Nem mesmo o café, recém-preparado com os grãos comprados para

— Tudo está com um gosto muito peculiar.

— Você precisa comer — disse ele, em tom firme.

afirmou.

Virou-se para Isolde e acrescentou: —
Conheço bem os seus gostos, tante. Se
for possível liberar a carruagem de
manhã, o Pascal pode me levar — e fez

Pessoalmente, ela detestava aqueles bolinhos cremosos, pesados e enjoativos, mas sabia que, vez por outra, Isolde se deixava persuadir a saborear um deles.

— De modo algum. Será uma aventura.
Tenho certeza de que há muitas coisas
para ocupar o seu tempo aqui.

Ele relanceou o olhar para Isolde.

Havia conseguido. Desde que pudesse dar uma fugida até a posta-restante sem o conhecimento de Pascal, em algum momento da manhã, poderia tranquilizar-se quanto às intenções de monsieur Constant a seu respeito, por bem ou por

despontou gloriosa.

A Herdade do Cade foi banhada por
uma suave luz de cobre, sob um céu
infinitamente azul, pontilhado aqui e ali
de generosas nuvens brancas. E a

Mareei Pâtisserie e Choco-laterie, uma confeitaria artesanal, e no armarinho, onde comprou linhas. Léonie parou para tomar um sirop de grenadine no café anexo à Maison Gravère, onde ela e Anatole haviam tomado um café em sua

parisiense, na verdade sentia-se mais viva, mais vital na paisagem arborizada das montanhas e lagos do Aude do que jamais lhe acontecera na cidade grande.

Agora, pensar nas ruas sujas e na

deixados aos cuidados de um de seus
muitos sobrinhos, junto ao bebedou-ro
logo ao sul da praça principal. Em
seguida, declarou sua intenção de levar
seus cumprimentos a monsieur Baillard.

— Aliás, Pascal — acrescentou rapidamente —, você pode me deixar aqui. Acho que voltarei a pé para a Herdade do Cade. Não precisa me esperar. Pascal ficou com o rosto rubro.

— Pois então. Eu confio na trilha da floresta —disse, em tom firme, — A Marieta nos conduziu pela entrada dos fundos da Herdade do Cade, como você sabe, de modo que ela não me é desconhecida. Está fazendo um dia

mas a senhorita se explicará com o
sénher Anatole, não eu.

— Sim, direi a ele que insisti em que
você me deixasse.

meu irmão nem vão notar.

Ele assentiu com a cabeça, braços cheios de embrulhos, girou nos calcanhares e se foi. Léonie o observou afastar-se

Sorriu para uns dois conhecidos de Isolde, mas não parou para dar a menor atenção a ninguém. Em poucos minutos, chegou a seu destino. Para sua enorme surpresa, as venezianas azuis da casinha estavam abertas.

outras coisas durante dias. Mas, havendo desfruta-do um período de primorosas expectativas, de repente sentiu medo de que suas esperanças estivessem prestes a ser destroçadas. De que não houvesse nenhuma

e conseguiu captar apenas o som de pés
caminhando por um piso de lajotas.

— Oc? — indagou uma voz infantil.

Léonie recuou um passo enquanto a

— Que és?

O garoto virou-se. Léonie sorriu de prazer ao som da voz de monsieur Baillard. Encorajada, chamou-o.

Bains no momento, mas, ao ver as venezianas abertas...

Percebeu que estava tagarelando sem parar e mordeu a língua.

Léonie seguiu monsieur Baillard pelo corredor, que dava para uma sala agradável nos fundos da casinha pequenina. Um único janelão dominava toda uma parede

extensão da parede em frente à lareira,
abarrota das até o último centímetro.

— Pronto, sente-se, por favor — disse
Baillard. —

— O estado dela é delicado, e ainda
está só no começo. Mas tudo ficará bem
— afirmou Baillard.

Léonie o olhou, intrigada com aquela
observação aparentemente desconexa

— O que é isso, monsieur Baillard?

— Um licor local de cereja, guignolet.
Admito ter grande predileção por ele. É
particularmente saboroso quando
consumido com estes biscoitos de

— O senhor voltou mais cedo que esperávamos —comentou. — Minha tia me levou a crer que o senhor estaria fora até novembro, pelo menos, talvez mesmo até o Natal.

muito longe da antiga cidade fortificada de Montségur. Queria certificar-me de que ela estaria preparada, caso eu precisasse regressar num futuro próximo.

disse: — Mas conte-me: o que tem feito nestas últimas semanas? Teve outras aventuras, madomaisèla Léonie, desde a última vez que nos vimos?

Ela enfrentou seu olhar e respondeu:

— É mesmo?

— São estudos, creio. Não, na verdade, são cópias.

— Exato. A Torre também não. Como foi que...

— Quando iniciou esses desenhos, madomaisèla?

O rosto era o meu. Por que o senhor acha que aconteceu isso?

— A explicação mais óbvia seria que a senhorita viu em si mesma a característica da força

Examinou-lhe o rosto, em busca de sinais de incentivo ou de desagrado ante essa linha de indagações, mas a expressão de Baillard continuou indecifrável.

descansando no colo, parecendo
contentar-se em escutar.

— Pelos comentários feitos por tante
Isolde —persistiu Léonie —, fiquei com a
impressão de que o senhor teria tido um

do sepulcro?

Dessa vez, formulada a pergunta, Léonie não se precipitou. Deixou o silêncio fazer o trabalho de persuasão. Por um tempo interminável, ou assim lhe



CAPÍTULO 72

— Em alguns baralhos de tarô —

Nada disso existiu, é claro. Em matéria de registro histórico, houve uma confusão na memória coletiva, uma fusão dos albigenses com os cavaleiros do Templo. Eles de fato percorreram a Terra contemporaneamente, mas tinham

um nome derivado de uma formulação do persa, a expressão aeshma-daeva, que significa demônio da ira. Asmodeu aparece num livro deuterocanônico, Tobias, e também no Testamento de Salomão, que é um livro

Tradicionalista em matéria de sociedade e etiqueta, Marguerite era uma veemente adversária da Igreja. De repente, Léonie se perguntou, pela primeira vez, se a violência das convicções de sua mãe remontaria ao ambiente da Herdade do

Baillard levantou-se, cruzou a sala e tirou da estante um livrinho encadernado em couro marrom. Virou as folhas finíssimas com os dedos delicados, até encontrar a passagem que queria.

Léonie não soube como reagir a isso, de modo que permaneceu calada.

— Asmodeu, como eu disse antes, é um demônio associado aos desejos carnis — continuou Baillard —

mas pela lembrança súbita do mau
cheiro vago, porém repulsivo, que lhe
havia assaltado as narinas no sepulcro.
Um cheiro inexplicável de umidade,
fumaça e mar.

— Pode ser. Asmodeu aparece em outras obras de exegese religiosa. No Talmude, por exemplo, ele corres-

ponde a Ashmedai, um personagem muito menos maléfico do que o

demônios têm um poder especial em
diferentes épocas do ano.

— E quando se considera que Asmodeu
está em seu auge?

acobreado que entrava pela enorme janela pareceu criar em torno dele uma auréola de luz. Léonie teve a impressão de estar fitando um profeta do Velho Testamento, como os que veria num quadro a óleo.

invocar essas criaturas, comungar com tais espíritos, sem compreender que não se pode dominar o mal.

Léonie não acreditava nisso, mas, ao mesmo tempo, sentiu o coração saltar

— Ele sabia.

— E foi por isso que se viu obrigado a solicitar os préstimos do abbé Saunière, para banir o monstro que havia soltado?
continuou a indagar, mas se deteve

— Aquelas crianças — murmurou.
Recomeçou a andar de um lado para
outro, fazendo as tábuas do piso
rangerem e gemerem em sinal de
protesto. — Não acredito — repetiu, mas
tinha a voz menos segura.

entenda mal, o senhor está sugerindo
que as cartas podem ser uma força do
bem ou do mal, dependendo das
circunstâncias em que sejam usadas?

— Isso mesmo. Pense em como a

— Se assim fosse, madomaisèla Léonie, haveria apenas oito cartas, ao passo que existe um baralho completo.

Ela ficou decepcionada.

Que, em outra situação, numa outra
dessas comunicações entre os mundos,
poderia haver outros quadros, imagens
de outras cartas, visíveis nas paredes?
— Fez uma pausa. — De pinturas,
talvez?

Ele abanou resignadamente a cabeça.

— Ah, que bom seria se as lições fossem aprendidas tão depressa assim, madomaisèla. Mas receio que não o sejam

Bourbon — explicou. Levantou as mãos e tornou a deixá-las cair. — Como sempre, e talvez venha a ser eter-

namente assim, as exigências da fé associam-se de pronto, e de maneira

Senhora, Rapaz e Moça, como a
senhorita viu.

— A Filie d'Épées — disse Léonie,
lembrando-se da pintura na parede do
sepulcro — Em que época?

do lugar exercia influência sobre o baralho; as lendas e os boatos o investiam de um outro significado e objetivo. As cartas estavam à espera de alguém que completasse a sequência, percebe?

desejava invocar para si.

— Meu falecido tio pintou as 22 cartas
adicionais?

— Pintou — confirmou Baillard e fez

Baillard. — Esse foi o erro cometido por seu tio. As cartas podem invocar os espíritos, sim, porém jamais controlá-los. Todas as possibilidades estão contidas nas imagens, todo o caráter, todos os desejos humanos, o bem e o mal, todos

— Isso se aplicaria àquelas cartas em qualquer lugar ou apenas na Herdade do Cade, no sepulcro?

— A questão é a combinação singular, *madomaisèla* da imagem e do som com

senhorita pintou mais do que a si mesma nas cartas, não foi? Pintou também seu irmão e sua tia naquelas imagens.

Léonie enrubesceu.

— Não é a minha intenção.

Léonie fez uma pausa antes de formular a pergunta que estivera em sua boca desde o primeiro instante em que ouvira falar das cartas de tarô

também — acrescentou, abanando a cabeça. — Mas Jules Lascombe era um estudioso. Tinha tão pouca possibilidade de destruir algo de origem tão antiga quanto o próprio abade seria capaz de criticar seu Deus.

sua curiosidade. Compreendo que a
senhorita tenha-se sentido atraída por
essa história, que deseje ter uma
compreensão mais explícita de sua
família e dos eventos que moldaram a
vida dos seus membros. Mas repito

Baillard falou antes que ela pudesse
dizer qualquer outra coisa.

— Já basta.

Pela janela aberta veio o som do sino da

de minhas responsabilidades desta
manhã. O bureau de poste... Se eu me
apressar, talvez ainda...

Apanhando o chapéu, atravessou a sala
correndo em direção à porta. Audric

Baillard tornou a se sentar em sua cadeira.

— *Si es atal es atal* — murmurou na anciana língua.

firmemente fechada por uma trava.
Léonie esmurrou-a com os punhos e
chamou:

— *S'il vous plaît!* Passam apenas três
minutos do meio-dia! Por certo deve

fadada a permanecer lá. Dificilmente lhe seria possível ficar em Rennes-les-Bains até o horário em que a posta-restante reabrisse, à tarde. Ela simplesmente teria que voltar noutra ocasião.

fumegante e ferrosa dos bains forts.
Atrás deles, uma fileira de enfermeiras
de uniforme branco, com os chapelões
de aba larga pousados na cabeça feito
gigantescas aves marinhas, aguardava
pacientemente que seus pupilos

imagem de Le Mat lhe veio à cabeça e ela considerou que talvez modificasse as cores do fundo, para adequá-las aos matizes outonais da floresta.

Continuou andando, envolta no manto

Rennes-les-Bains desapareceu de vista.
Léonie andou um pouco mais depressa,
ciente de que a cidade ainda estava ao
alcance de um grito, mas, ao mesmo
tempo, tendo a súbita sensação de se

surgir a qualquer momento com a chave.

— Marieta?

Apenas o som de sua própria voz ecoou.
Pela qualidade do silêncio. Léonie

Não queria ter que contornar todo o perímetro para entrar pelo portão da frente. Estava cansada, em função de suas experiências matinais e do esforço da subida pela encosta.

decidir qual dos caminhos serviria
melhor a seus propósitos. No fim,
ponderou que as partes em pior estado
de conservação tenderiam a ser as mais
distantes da casa. Virou-se para a
direita. Se tudo desse errado,

estava procurando quando encontrou
uma descontinuidade na cerca.

Tirou o chapéu, agachou-se e,
respirando fundo, esgueirou-se pela
abertura estreita, com um sentimento de

O que havia era um entrecruzar de pequenas trilhas, e não um rumo claro a seguir. Todas as clareiras e arvoredos pareciam iguais. Léonie não tinha como calcular a direção, a não ser pela confiança no sol que brilhava acima da

percebeu então que todos os lugares de nomes diabólicos das imediações eram visíveis da Herdade do Cade: a Poltrona do Diabo, o lago do Diabo, a montanha Chifruda.

A encosta tornou-se uma subida íngreme. O tipo de terreno sob suas botas modificou-se e, em pouco tempo, ela se viu andando na terra nua, e não entre samambaias ou pinhas, numa área ladeada por arbustos ou árvores, mas

pontos mais altos dos morros, havia
cavado aquela depressão profunda na
encosta.

Voltaram-lhe à lembrança as palavras de
monsieur Baillard

plantas e examinou o espaço verde e úmido em volta das raízes. Pôde então ver que havia um círculo de pedras, oito ao todo. Enfiou as mãos por entre a folhagem, manchando de limo verde e de lama as pontas dos dedos enluvados

Viu um fragmento de material pesado, escondido na lama, e percebeu que as pedras o mantinham no lugar.

Continuou a cavar, fazendo o pedaço de madeira caído servir-lhe de pá, raspando

ele abriu mão de seu tesouro com um som úmido de sucção.

Arfante, ela arrastou a caixa da depressão até uma área de chão seco e a colocou sobre um pedaço da saia

A luz era tênue sob o arvoredor, e o que quer que estivesse dentro do cofre era escuro. À medida que seus olhos se adaptaram, Léonie julgou discernir um volume embrulhado num tecido preto. Sem dúvida, tinha o tamanho e as

até três e virou a carta de cima.

A estranha imagem de um homem
moreno, com um longo manto vermelho
debruado de borlas, sentado num trono
sobre um mirante de pedra, olhou para

— *Madomaisèla! Madomaisèla Léonie!*

A jovem virou-se, assustada ao som do próprio nome.

Madomaisèla!

enlameadas das botas.

Quase concluído o trabalho, deixou cair no chão as luvas manchadas e destruídas e também as cobriu.

ponto de partida. Por fim, quando achou ter posto uma distância suficiente entre ela mesma e o tesouro, parou, recobrou o fôlego e gritou:

Estou aqui! Marieta! Passa! Aqui!

— Infelizmente, não.

— A sua roupa.

Léonie baixou os olhos para as botas
enlameadas, as anáguas manchadas e

antes que tocassem a sineta do almoço.

Isolde foi juntar-se a eles na sala de jantar. Ficou encantada com o que Léonie lhe trouxera da cidade e conseguiu tomar um pouco de sopa

nenhuma perturbação.

Na manhã seguinte, Léonie dormiu até
mais tarde que de hábito.

Ao emergir no patamar, viu Marieta

endereçada a ela, ao mesmo tempo viu-se voando escada abaixo, com a única intenção de interceptar Marieta. Temeu ver — e, sim, contraditori-amente, ansiou por ver — o conhecido brasão do cartão que Victor Constant lhe oferecera na

Marieta, terá?

A criada lançou-lhe um olhar inquisitivo.

— Não que eu tenha notado,
madomaisela

Envelopes de muito boa qualidade, e
endereçados numa letra muito elegante.
E com um brasão de família ilustre.

O Pascal disse que foram entregues
pessoalmente. Por um tipo estranho de

com a ideia de ir ao encontro do irmão.
Era a consciência pesada que a fazia
achar que as cartas poderiam ter alguma
coisa a ver com ela, nada mais. Afastar-
se era um conselho sensato, sabia, mas,
mesmo assim, sentiu um mal estar

Um deles, ainda fechado, tinha o carimbo do correio de Paris. Os outros dois exibiam um timbre em relevo, do tipo dos que adornavam os mostruários das vitrines da loja Stern. Uma folha de papel timbrado com o mesmo emblema

Embora ele houvesse tentado
desdenhar dos temores de Isolde, tudo
que ela lhe dissera sobre Constant o
tinha levado a temer o que esse
indivíduo faria. O padrão e a natureza da
doença de Constant, suas neuroses e

Herdade do Cade — terras particulares,
para que o combate ilegal passasse
despercebido.

Constant concluía informando a Vernier
que estava no Hôtel de la Reine, em

Mas essa reação descontrolada não resolveria a questão.

Durante algum tempo, Anatole ficou sentado em silêncio na sala de jantar. O cigarro queimou-se todo e ele acendeu

por força do estado da esposa. Por isso, achava que o médico concordaria, pelo bem dela, se não pelo seu.

Tentou convencer-se de um desfecho satisfatório: Constant ferido, obrigado a

conde. E o mesmo aconteceria com todos. O apetite de perseguição do homem, a julgar por sua carta, não dava sinais de se abater. Se Anatole se recusasse a enfrentá-lo, sabia que a campanha de Constant contra eles —

Fechou o punho com força, amassando o papel.

Não deixaria seu filho crescer achando que o pai era um covarde. Tinha de

decisões mais imediatas a tomar,
inclusive a questão de dever ou não
confidenciar o assunto a sua mulher.

Apagou outro cigarro. Será que Isolde
descobriria sozinha a ocorrência do

Desejou poder mandar Isolde para longe. Deu um sorriso resignado, cômico de que não haveria a menor possibilidade de convencê-la a sair da Herdade do Cade sem uma explicação satisfatória. E, visto que essa era a única

com isso havia sua indubitável afeição por Isolde, bem como a solicitude com que, nos últimos dias, desde o retorno de Carcassonne, ela havia cuidado da tia.

Anatole tinha resolvido conversar com

Pôs-se de pé. Levando consigo todas as cartas, cruzou a sala de jantar até o corredor e tocou a sineta. Marieta apareceu.

— Na cozinha, *sénher*, eu acho.

— Diga-lhe para me encontrar nos fundos da casa dentro de dez minutos. Anatole voltou a seu quarto para se trocar, vestindo uma roupa própria

quarto, remoendo a ideia de Anatole ter
pedido para vê-la ao meio-dia, e em
particular. Seria possível que tivesse
descoberto seu subterfúgio? Ou
descoberto que ela havia dispensado
Rosal e voltado sozinho da cidade?

impossível.

Anatole não estava vestido para a caça.
Além disso, nem ele nem Pascal
carregavam espingardas. Apenas
pistolas

seguir como um cachorrinho o deixaria irritado, no mínimo. Anatole não podia ter a intenção de se demorar, já que marcara um encontro com ela ao meio-dia. Léonie deu uma espiada no relógio sobre o console de lareira

ilustrações. Só faltava completar três.

Pegou água, molhou a ponta do pincel e começou a delinear com tinta preta os contornos do sexto dos oito quadros das paredes do sepulcro

julgarem que seus amos não os estavam observando, trocavam rápidas olhadelas desconfiadas um com o outro.

— Você acha que ele solicitará os seus serviços nessa questão?

esfolada escondida sob as luvas. Não se sentia bem nessa manhã. A expectativa da caçada, próxima de chegar ao fim, estava mexendo com seus nervos.

Você está confiante em que o Vernier

— Exato — disse o conde, secamente.

— Meu palpite é que ele procurará o Gabignaud, um dos médicos residentes na cidade, para ser o médico presente.

— E ninguém sabe que você é a fonte das histórias que estão circulando? O homem tornou a abanar a cabeça.

— Eu apenas disse uma ou duas palavras nos ouvidos das pessoas.

napoleônico azul colocado no espaldar de uma cadeira, e se esgueirou para a rua nublada.

Assim que ouviu o som da porta se fechando, Constant levantou-se

do homem.

— Isto é metade do que lhe foi prometido
— disse Constant, passando-lhe o
dinheiro. — O restante será entregue
quando o negócio tiver sido concluído.

acredite que um homem da sua categoria, monsieur, possa deixar de atingir seu alvo na primeira tentativa. Constan pareceu desdenhar da lisonja covarde. — Eu nunca erro — retrucou.

havam acertado a cerca de madeira,
deslocando três garrafas com a vibração.
Apenas um havia atingido o alvo,
embora tirasse apenas uma lasca da
base da grossa garrafa de vidro.

que um dia contivera cerveja, aquele era o rosto de Victor Constant defronte dele.

— Agora — disse Pascal, baixinho. — Mantenha firme, mantenha firme. Fogo.

gravetos estalando sob os pés, e
realinhou as garrafas restantes.

— Vamos ver se consegue acertar uma
segunda vez, *sénher*?

e desceu a escadaria. Parecia composta e senhora de suas emoções, mas seu cora-

ção batia como o tambor de lata de um soldadinho de brinquedo

Passou pelos mostruários envidraçados
que levavam à porta da biblioteca. As
medalhas condecorativas, as
curiosidades e mementos mal se
registraram em sua mente, tão absorta

conselho de justi-

ça, e não a estar na companhia do
irmão.

— Queria — respondeu ele, sorrindo. A

que ela se sentasse, afastou-se um pouco e virou de frente para a irmã, com as mãos às costas. Foi quando Léonie notou que ele segurava alguma coisa entre os dedos. Um envelope.

que eu mesmo escrevi. Para você.

No peito de Léonie faiscou um brilho de esperança de que talvez estivesse tudo bem.

diante de mim, não é?

Havia pretendido que suas palavras soassem como uma brincadeira, mas a expressão muito sombria no rosto de Anatole congelou o sorriso em seus

Isolde queria, mas achei que eu
soubesse o que estava fazendo.

— Anatole! — exclamou Léonie,
sacudindo-lhe o braço. — Conte-me.

A porta fechou-se com estrondo. E o silêncio se re-instalou de pronto.

Perplexa com o que acabara de acontecer e aflita com a visível angústia do irmão, Léonie contemplou o

*bosque de faias, preparando-me para
enfrentar um homem que tem feito todas
as tentativas de nos destruir.*

*Se o desfecho não me for favorável, não
quero que você fique sem uma*

escapasse da sombra sob a qual vivia.

*Léonie estendeu a mão, encontrou o
encosto da cadeira e se sentou,
cuidadosamente.*

Devo dizer-lhe que Isolde jamais quis enganá-la. Desde o momento em que chegamos à Herdade do Cade e em que travou conhecimento com você, ela confiou em que seu amor por mim — e tinha esperança de que, com o tempo

Ainda há mais. Um último embuste, pelo qual rezo para que você consiga encontrar no coração a possibilidade, se não de perdoar, ao menos de compreender. Em Carcassonne,

*Havendo descoberto de algum modo a
farsa do funeral, ele nos perseguiu,
primeiro até Carcassonne, agora até
Rennes-les-Bains.*

As mãos de Léonie caíram-lhe no colo.
As lágrimas que ela havia lutado para
afastar começaram a rolar em silêncio
por suas faces. Ela chorou pela lástima
de tudo aquilo, pelas burlas e mal-

úmido, sob os raios ineficazes do sol
fraco.

Uma neblina outonal flutuava sobre os
gramados e jardins, envolvendo o
mundo numa calma enganosa

ocasião em que tais eventos podiam ocorrer. Já era um tempo de demônios e atos malévolos.

Impossível deixar que o duelo ocorresse. Cabia a ela impedi-lo. Não se podia

cigarros, tendo claramente estampada
no rosto a angústia dos minutos de
espera, enquanto ela estivera lendo.

— Ah, Anatole — disse Léonie,
envolvendo-o nos braços. Os olhos dele

Anatole estava tão arriado pelo fardo da expectativa e pelo modo como as circunstâncias haviam conspirado contra ele, que Léonie teve a sensação de ser a mais velha dos irmãos.

Anatole —, mas creio que ela
compreendeu que havia mais coisas ali
do que mostravam as aparências.

— Nenhuma morte — comentou Léonie,
baixinho — E a clínica? Houve uma

claramente lograra êxito em desfazer a pista falsa que lhe fora preparada, e em rastreá-los até o Midi. Mas se declarou incapaz de entender como o homem tinha dado o salto de Carcassonne para Pennes-les-Bains. E se recusou a

las, ela encontraria uma forma imediata de sair com Isolde da Herdade do Cade, sob as sombras da noite.

— Então, ele não é um homem honrado?
— perguntou a jovem. — Você teme que

Mais tarde, à noite, depois de Isolde se recolher para dormir, Anatole e Léonie encontraram-se na sala de estar para combinar um plano de campanha para o dia seguinte.

Apesar de acenar com a cabeça, em aparente aquiescência, Léonie não tinha a menor intenção de atender aos desejos de Anatole. Nem podia pensar em ficar sentada à toa na sala, vendo os

Quando também ele se recolheu para dormir, saindo da sala com uma única vela para iluminar o caminho até a cama, Léonie deixou-se ficar para trás por algum tempo, pensando, decidindo



CAPÍTULO 80

SÁBADO 31 DE OUTUBRO

consciência de Léonie de como seria
fácil ser-lhes arrancada aquela
felicidade.

Quando foi juntar-se a eles para um café
na sala íntima, Anatole levantou a

Anatole voltou de lá uns 15 minutos depois, com a tristeza cinzelada em vincos no rosto.

— Ela está dormindo — informou.

baixinho. — De outro modo, isso nunca acabará. Além disso, não quero que meu filho cresça pensando que o pai é um covarde. Nem tampouco, aliás, minha irmãzinha corajosa e fiel — acrescentou, co-
ce-
tritando-o com mais força

o com força.

— Por favor, Anatole. Por favor, não vá.
Pascal, não o deixe ir.

Pascal olhou-a com simpatia, enquanto

— Amo você, *petite*.

Houve uma lufada de úmido ar vespertino, depois a porta fechou-se com um tremor e os dois se foram. Léonie ficou escutando o estalar abafado do

— O Pascal não deixará acontecer
nenhum mal ao sénher.

Um gemido de tristeza, pavor e
desesperança explodiu nos lábios de
Lúcia, como o uivo de um animal

— Minha tia ainda está dormindo?

Marieta levantou-se e alisou o avental. A expressão de seu rosto sugeriu que Pascal lhe confiara toda a história.

Por um instante, os olhos das duas
jovens se encontraram.

— Muito bem, madomaisèla — acabou
dizendo Marieta. — Vou me certificar de
que a cozinha esteja preparada

Pascal.

Estava prestes a continuar o que tinha a
fazer quando a porta se escancarou e
Isolde praticamente caiu em seus
bracos. O cabelo loiro estava solto e a

outro, como que numa discordância violenta, e sacudia um pedaço de papel.

— Ele foi! Foi duelar! — gritou. — Temos que impedi-lo!

floresta para travar um duelo. Tentou sorrir, estendendo a mão para segurar a de Isolde.

— Eu soube das providências que vocês tomaram

maravilhosa.

Isolde afastou-se de repente.

— Mas você também sabia desse duelo?

— Anatole não errará o alvo — disse
Léonie, com uma convicção que não
sentia.

Isolde levantou a cabeça e aprumou os

tolice tentar segui-lo.

— Onde? — ela repetiu. Léonie deu um suspiro.

— Numa clareira no bosque de faias.

— Se formos agora, ainda poderemos
detê-los.

Sem desperdiçar tempo com o
espartilho. Isolde pôs o duas-pecas

Léonie apertou-lhe a mão, tanto
buscando quanto oferecendo consolo, e
outra pergunta lhe veio à cabeça:

— Para quando é o bebê?

Objetos frios, mortos.

Léonie tirou as capas pesadas dos ganchos junto à entrada, entregou uma a Isolde, embrulhou-se na outra e abriu a porta. O ar frio do crepúsculo infiltrou-se

Léonie. — Depressa, vamos.



anunciou Denarnaud, a voz clara no frio
ar do anoitecer. —

Seu criado e eu iremos na frente.

A capota estava levantada. Gabignaud e

as rédeas e o veículo partiu, arreios
chocalhando no sereno ar do anoitecer.

Denarnaud foi o único com disposição
para conversar. A maioria de suas
histórias envolveu duelos em que

pareceu cintilar como um espelho,
quando uma lua pálida elevou-se num
esplendor branco.

— Estas são as minhas pistolas —
explicou Denarnaud — Eu mesmo as

percebeu que, apesar de toda a
fanfarronice, ele também estava nervoso.

Não queremos nenhum mal-entendido.
Pelo que sei, as coisas são conduzidas

Isolde, dormindo na cama com o cabelo espalhado sobre o travesseiro, os braços longos e alvos. Pensou nos olhos luminosos, verdes e questionadores de Léonie. E no rosto de uma criança ainda não nascida. Tentou gravar na mente

pegasse uma pequena alameda à direita.

O veículo enveredou pela trilha natural que corria por entre as árvores e emergiu numa clareira. No extremo oposto havia

nojo, reconheceu também as feições vermelhas e variólicas de um dos dois homens que o haviam agredido na noite dos tumultos na Opera, na Passage dos Panoramas. A seu lado, mais baixo e com má aparência, estava um velho

bosque lhe pareceu pequeno demais.
Foi como se os troncos nus das laias se
acercassem dele.

Anatole tropeçou numa raiz exposta e
quase caiu

pela terra enregelada. Também notou
que ele parecia doente.

Os dois segundos se deslocaram para o
centro da clareira, não muito longe de
onde Pascal havia instalado a galeria de

— Lamento termos perdido o sorteio das
pistolas

— e deu um tapinha no ombro de
Anatole. — Não fará diferença, tenho
certeza. O que importa é a mira, não o

apalpar ostensivamente os bolsos do paletó e do colete de Constant para ter certeza de que ele não portava outras armas nem tinha cadernetas ou papéis que pudessem lhe servir de escudo.

havia roubado o cebolão de seu pai no
assalto em Paris. Anatole cerrou os
punhos para não derrubar o sujeito.

— Largue-o — murmurou em tom
selvagem

Teve a sensação de ver a si mesmo de uma grande altitude. Avistou um homem muito parecido com ele, com o mesmo cabelo negro, o mesmo bigode, o rosto pálido e o nariz com a ponta vermelha

— Um tiro para cada um.

Anatole levantou o braço. Constant fez o mesmo.

E então, de novo a mesma voz:

pássaros voaram do alto das árvores
circundantes, batendo as asas no pânico
da fuga.

Anatole ficou sem respiração. As pernas
amolece-ram sob seu corpo. Ele foi

cinza, mãos abriga-das em grossas
luvas de pele, botas pesadas. Depois,
ele ouviu alguma coisa: um grito
desvairado, seu nome carregado em
agonia e desespero pelo ar gélido.

escurecendo. Ele tentou sentar-se, mas uma dor aguda do lado, como uma facada, o fez arquejar. Estendeu a mão, mas não teve força e sentiu-se desabar novamente no chão.

Uma segunda arma, quando só deveria
haver uma.

Anatole gritou, finalmente recobrando a
voz. Mas era tarde demais.

Foi o último som que ouviu antes que a
escuridão se fechasse sobre ele.



E então, o mundo retornou de chofre.
Léonie correu os olhos pela escuridão, a
verdade gravando sua marca sangrenta
em sua mente.

Isolde caída na terra úmida, os olhos

— Não — murmurou.

A culpa, cortante como vidro, penetrou em suas defesas. A humilhação, seguida de perto pela raiva, perpassou-a como um rio transbordante. Ali, a poucos

O ódio, súbito, violento, abarcando tudo, invadiu-a de alto a baixo. Alheia à própria segurança, ela disparou da sombra das árvores para o interior da clareira, correndo em direção ao grupo de homens parados em volta de Anabela e

esquerdo do vestido estava empapado de vermelho, como uma obscena flor de estufa. Léonie tirou a luva e, suspendendo o punho da blusa de Isolde, procurou sua pulsação. Estava fraca, mas presente. Restava um fio

direção ao irmão.

— Eu lhe agradeceria por permanecer onde está, mademoiselle Vernier. Você também, Gabignaud.

que o imaginara sussurrando em seus ouvidos. Pelo modo como tinha incentivado, sem pudor nem cuidado com a própria reputação, as atenções dele.

— Estou aqui por conta própria.

Constant meneou a cabeça. Seu criado avançou, seguido pelo soldado imundo, que Léonie reconheceu como sendo a mesma criatura que a havia seguido com

A força do impacto arrancou o médico do chão. A parte posterior da cabeça explodiu, fazendo chover sangue e ossos em seu executor. O corpo contorceu-se, sacudiu, ficou imóvel.

Depois, ele lhe fez um sinal e olhou para baixo, para indicar sua intenção.

Léonie ergueu o corpo e se virou para Charles Denarnaud.

— O senhor não dá nenhuma importância a sua irmã — desafiou-o Léonie —, a sua família, para envergonhá-las dessa maneira?

Denarnaud bateu no bolso:

cresceu, imediatamente substituído pelo pavor. Se seu irmão ainda estivesse vivo, só permaneceria assim enquanto Constant o julgasse morto.

A noite havia caído. Embora a lamparina

irmão. De Isolde.

Agora estava perto o bastante para ver a expressão de desprezo no rosto de Constant. Mal pôde acreditar que um dia havia achado distintas e nobres aquelas

Léonie enfrentou seus olhos azuis sem pestanejar.

— Agora ela está fora do seu alcance — afirmou, a mentira aflorando sem hesitação a seus lábios.

pronto para entrar em ação. Precisou de um esforço enorme para não olhar na direção dele.

— Aliás — disse Constant —, em matéria de caráter, a senhorita me

acre, pungente.

— Ainda, não sabe o que aconteceu
com sua mãe?

— O que está dizendo?

palavras de Constant, pela qualidade do silêncio que ele guardou, mas sua mente ainda não podia permitir que a aceitasse. Se assim fosse, ela vacilaria e cairia. E, enquanto isso, Isolde e Anatole iam ficando mais fracos.

trazido da casa.

— *Attention!*— ele gritou.

Léonie reagiu sem hesitar, atirando-se
no chão, enquanto uma bala assobiava

— *Il est ici!*— gritou para o patrão.

Constant tornou a disparar. Mais uma vez, o tiro errou o alvo. Súbito, uma vibração de pés correndo ecoou pelo

Léonie viu Constant avaliar a situação. Ele atirou, porém o garoto foi mais rápido e recuou para o abrigo de uma faia. O conde ergueu o braço em linha reta e tornou a disparar para a escuridão. Léonie viu que seu rosto se crispou

ção ao lugar em que sua carruagem
ainda o aguardava, pronta para partir.

— Nada de testemunhas — ordenou.

Sem dizer palavra, seu laçain virou-se e

portão dos fundos.

Marieta já estava cuidando de Isolde. Léonie sentiu Pascal correr e se agachar a seu lado. Um soluço escapou-lhe dos lábios. Ela se levantou com esforço e

braços e afastou o cabelo de seu rosto.
Os olhos castanhos estavam abertos,
mas a vida se extinguiu.



Léonie estava enregelada e trêmula, com o cabelo e a roupa impregnados do fedor de sangue, pólvora e terra molhada, mas se recusou a sair de perto de Anatole. O

A notícia da tragédia que atingira a
Herdade do Cade já se havia espalhado
quando Léonie chegou à casa.

Pascal havia despachado um
mensageiro para Rennes-le-Château, a

lágrimas aos olhos entorpecidos da
moça.

Os corpos foram colocados na sala de
jantar. Léonie observou, numa
incrédulidade muda, enquanto madame

Enquanto era banhada pelas palavras
que mescla-vam antigas e novas
tradições, Léonie não sentiu coisa
alguma. Não houve qualquer momento
de graça descendo dos céus nem
sentimento de paz pelo passamento de

A mulher entregou a Léonie dois envelopes retirados dos bolsos de Anatole. Papel prateado e timbre negro na carta de Constant. O segundo envelope, com carimbo de Paris, estava

contato com a polícia o mais depressa possível.

Léonie amassou a página no punho gelado. Nem por um minuto havia duvidado das palavras cruéis de

corpo, lim-pando as mãos e o rosto de Anatole com tamanha ternura, que foi penoso para Léonie contemplar a cena. Por fim, a mulher apanhou vários lençóis de linho, todos amarelados e cheios de remendos com pontos pretos, como se já

preta alta e modesto colarinho dobrado, havia chegado da aldeia, acompanhado por uma enfermeira matronal, de avental branco e engomado. Parte da equipe residente da estância termal, também eles tinham sido contratados por

Léonie aproximou-se mais da cama. Até para seus olhos destreinados, ficou claro que Isolde oscilava entre a vida e a morte. Fora tomada por uma febre violenta, des-gastante. A jovem sentou-se e lhe segurou a mão. O sol

por seus temores pela saúde de Isolde.
O mesmo se deu com o peso da perda
que ameaçava dominá-la, caso
pensasse demais. A mãe morta.

Anatole morto. A vida de Isolde e de seu

também.

Pedindo licença ao médico e prometendo a Marieta que voltaria o mais depressa possível, Léonie saiu do quarto e acompanhou Pascal

O Anatole...

Sua voz engasgou. Ela não conseguiu
pronunciar as palavras. Baillard
balançou a cabeça.

aperce-bendo do que dissera monsieur
Baillard.

— O senhor sabia que eles eram
casados? — murmurou. — Mas eu não...
Como

— Inspetor Thouron — disse, oferecendo a mão.

— De Paris, do comissariado do 8º arrondissement. Meus pêsames, mademoiselle Vernier. E lamenta

Alem disso, hoje ã tarde, Vic...

Interrompeu-se, sem querer proferir
aquele nome.

Os olhos de Thouron se estreitaram.

ao lado do inspetor Thouron. Seu cabelo era salpicado de grisalho e ele tinha as fei-

ções fortes e morenas que eram características do Midi

E está aqui hoje. Como é possível?

Os dois homens se entreolharam.

— Posso sugerir, senhores — disse
Audric Baillard em voz baixa, mas num

junto à lareira, com as abas do fraque
levantadas para deixar o calor das
chamas aquecer-lhe as costas, o cabelo
brilhando. Ou junto à janela, com um
cigarro preso entre os dedos,
conversando com o Dr. Gabignaud na

acontecimentos, tal como reconstituída pela polícia, da noite do assassinato da mãe dela, em 20 de setembro, desde a descoberta do cadáver até os pequenos passos dados pela investigação que os tinha levado a Carcassonne e, de lá, a

cuidar de sua mulher e de seu filho —
exercia a menor influência em sua
mente.

— E então — Thouron foi concluindo —,
o porteiro admitiu ter sido pago para

vermelha, pouco ou nenhum cabelo no couro cabeludo cheio de pústulas.

Léonie sobressaltou-se. Três pares de olhos a fitaram.

— O conde de Tourmaline?

— Perdão, como disse?

— Trata-se do mesmo homem: Constant.

O policial hesitou, mas, claramente decidindo que não haveria nenhum benefício em ocultar o fato, assentiu com a cabeça.

— E, pelo que descobrimos, ele também

— Léonie — perguntou Baillard, em voz baixa. —

Era Constant o homem de quem madama Vernier havia fugido? O homem com quem o sénher Anatole duelou esta

— É — confirmou Thouron. — O nome dele apa-

receu várias vezes no inquérito, mas nunca com indícios suficientes para associá-lo ao crime. Ele parece haver

à aceleração agressiva de sua... doença.
Ela começou a lhe afetar o cérebro —
disse Thouron, que se interrompeu e
moveu os lábios para pronunciar a
palavra sem que Léonie a ouvisse: —
Sífilis

detalhando tudo o que havia acontecido
— desde o enterro no cemitério de
Montmartre e do assalto na Passagem
dos Panoramas até o momento em que
ela e seu querido Anatole haviam
desembarcado do *courrier public* na

marido, mas a visão se desfazia. A pele começava a se desprender do rosto dele, revelando o crânio por baixo, deixando apenas uma caveira — ossos, dentes e buracos negros onde seus olhos tinham estado.

ouviram. Quando estendeu a mão, o vidro se estilhaçou numa miríade de cacos afiados, e ela se viu tocando uma pele fria e inflexível como o mármore. Apenas estátuas.



PARTE X

O lago

consultou o relógio. Oito horas. Calculou que Hal não quisera que as camareiras o vissem e tinha voltado para seu quarto. Levou a mão de leve ao rosto, como se a pele guardasse a lembrança de onde os lábios dele tinham lhe dado um beijo de

inquietação, o fato de que Léonie queria alguma coisa dela.

Levantou-se da cama. Calçou um par de soquetes grossas, para manter os pés aquecidos. Hal tinha esquecido o suéter

se Anatole Vernier tinha sido casado, embora isso fosse mais fácil de falar do que de fazer. Ela também precisava descobrir que ligação ele e Léonie teriam com Isoldé Lascombe. Será que moravam na casa em 1891, na época

novidades das últimas 24

horas e perguntar se ela poderia verificar mais algumas coisas. Não falou nada sobre Hal. Não falou nada sobre Léonie. Não fazia sentido dar-lhe motivos de

autor local, Audric S. Baillard, que fora morador de uma aldeia nos Pireneus, Los Seres, e tinha falecido em 2005. Não havia data da publicação original, mas era óbvio que se tratava de um clássico do lugar. De acordo com as

conseguiu até identificar o ponto exato,
sob os galhos espalhados dos plátanos,
em que seu ancestral estivera parado.

A chaleira assobiou e desligou. Meredith
derramou um pacotinho de chocolate

publicado pela primeira vez. A indicação não estava lá. A história mais recente que ela notou datava do começo da década de 1900, embora, considerando-se que o autor tinha morrido fazia apenas dois anos, ela presumisse que

católica dos Guise ou à casa calvinista dos Bourbon.

Meredith leu depressa. Jules Lascombe tinha herdado a propriedade por ocasião da morte de seu pai. Giv Lascombe, em

associadas à Herdade. Durante muitos anos, houvera rumores de uma fera assustadora e perversa que teria aterrorizado a zona rural em torno de Rennes-les-Bains, atacando crianças e lavradores em fazendas isoladas. O

encostando em sua pele, deslizando
sobre suas mãos.

Un, deux, trois, loup.

E. de novo. o cemitério de Rennes-les-

num sepulcro visigótico situado nas
terras da Herdade do Cade. Houvera
mortes —agressões intermitentes, sem
atribuição de autoria — durante os seis
anos seguintes, e então os ataques
havião cessado abruptamente em 1897

baralho não apenas se inspirara na paisagem local e fora impresso pela família Bousquet, como também se enquadrava exatamente no período abarcado pelo livro.

encostar na parede externa. O ar esfriou-lhe a pele e fez seus olhos lacrimejarem. As copas das árvores balançavam, assobiando e suspirando ao ro-dopiar do vento por entre os troncos antigos, pelo emaranhado de folhas e cascas. O ar se

silvestres e, mais adiante, à mata
fechada. Apesar da distância, ela pôde
discernir as cristas brancas de espuma,
quando o vento fez a água bater nas
bordas do lago e transpô-las, molhando
o gramado.

tinha certeza — seguiu para o lado oposto do lago ornamental. Por um instante, ela se deteve e ficou parada num pequeno promontório que dava para a água. A visão de Meredith pareceu estreitar-se numa proximidade

Depois, esgueirou-se e desapareceu na floresta.

— Léonie? — Meredith murmurou no silêncio.

Não sabia como explicar, mas tudo
havia mudado.

Sua mente lhe parecia inteiramente
lúcida. Ela estava ótima. Não estava
assustada. Não estava enlouquecendo

o naipe do fogo, da energia e do conflito.

A história está nas cartas.

Ou talvez o quarteto se houvesse
completado no passado. não no

cemitérios. Em câmaras secretas sob rios, desviando-lhes o curso por tempo suficiente para escavar o local e preparar a câmara mortuária.

Se o baralho original tinha sobrevivido

relógio. Hal tinha dito que a Dra.
O'Donnell chegaria às dez, mas ainda
faltava uma hora.

Tempo de sobra para o que tinha em
mente

hora para esperar até rever Meredith.

Suas janelas, no último andar, davam para o sul e o leste, oferecendo-lhe uma visão ininterrupta dos gramados e do lago, nos fundos, e da cozinha e das

respostas. Mesmo assim, não conseguia deixar de acreditar que ao menos ela poderia lhe dar alguma informação sobre a noite da morte de seu pai. Talvez se lembrasse de alguma coisa que obrigasse a polícia a tratá-la como uma

emprego, um apartamento vazio em Londres. Ele tanto poderia estar nos Estados Unidos quanto em qualquer lugar. Podia fazer o que bem entendesse. Teria dinheiro. Sabia que o tio compraria sua parte

convidada tinha chegado.

— O quê? Ela está adiantada quase uma hora.

— Quer que eu lhe peça para esperar?

fora. Já pusera a mão na maçaneta quando o telefone tocou. Correu para atender.

— Olá, você — disse, com uma onda de prazer ao som da voz do Hal. Mas a

para nos encontrar?

Meredith deu uma espiada pela janela, percebendo que sua expedição ao lago teria de esperar um pouco mais.

— Ora, vejam só — murmurou consigo
mesma. O

rosto de Hal iluminou-se à sua
aproximação.

— Vou mandar levarem um café para
nós no bar

— disse Hal, seguindo à frente. — Lá
será um lugar sossegado para
conversarmos

polegar. Meredith calculou que não teria mais de 30 anos, mas exibia a pele enrugada de uma mulher mais velha. Compreendeu por que a polícia talvez não levasse a sério as suas observações na madrugada.

Houve uma pausa enquanto ele o servia.
A Dra.

O'Donnell pediu o seu puro. Já Meredith,
mexendo o a-

— Compreendo — respondeu Hal —,
mas, se pu-

der ter um pouquinho de paciência
comigo, enquanto dou uma passada nas
coisas. Reconheço que o acidente foi

consigo imaginar meu pai fazendo isso.

Shelagh tirou um fiapo das calças.
Meredith notou como estava nervosa

— Como você conheceu o pai do Hal?

— Isso mesmo.

— Bem, o Seymour era exatamente isso.
Uma pessoa de quem todos gostavam. E
todos o respeitavam também mesmo

Conheceu-o

quando...?

Shelagh deu um suspiro.

um ano e meio. Tenho uma amiga, Alice, que mora com o marido e a filha num vilarejo não muito longe daqui, Los Seres, de modo que era um lugar lógico para eu vir.

acrescentou, mas seus olhos se
enevoaram. — Também o conheci.

Pela expressão no rosto de Hal,
Meredith percebeu que a conversa lhe
trouxera algo à lembrança, mas ele não

les-Bains. Nada de segundas intenções.
Na manhã

seguinte, ele apareceu e me levou a
Couiza para buscar meu carro — disse e
fez uma pausa — Nunca voltou a

evidente admiração e o respeito de
Shelagh pelo pai de Hal a impressionou.

— A polícia disse ao Hal que você
achou ter ouvido o acidente, mas só se
dou conta do que tinha acontecido na

não o guincho habitual das freadas, nem os pneus cantando quando as pessoas entram naquela curva depressa demais; foi só uma espécie de estrondo, eu acho. — Fez uma pausa. — Eu estava ouvindo um disco do John Martyn, *Solid Air*. É

O rosto de Hal deixou claro que ele não sabia onde Shelagh queria chegar com aquela história. Mas Meredith sabia.

— Espere, deixe-me ver se entendi direito. Você está dizendo que olhou

que o seu pai estivesse acima do limite de velocidade, e não estou dizendo que estivesse, será que ele dirigiria sem acender os faróis?

Hal franziu o cenho:

— Ainda não...

— Duas coisas. Primeiro, por que o relatório da polícia foi impreciso? Segundo, e admito que isto é uma

com os papéis invertidos: Hal cético,
Meredith construindo uma
argumentação.

— Há mais uma coisa — interpôs
Shelagh. Os dois se viraram para ela

não poderia deixar de ver o automóvel batido, caído no rio. Por que não notificou a polícia naquela hora?

Meredith e Hal se entreolharam, pensando no carro parado no

— O que a polícia disse, quando você contou isso?

— Eles não pareceram achar importante

— foi a resposta. Shelagh olhou de relance para a porta. — Desculpe, não

— Não sei. Já prestei um depoimento.

— Eu sei, mas se fôssemos juntos... —
Hal insistiu.

— Vi o laudo do acidente, e quase nada

Hal suspirou de alívio.

— Obrigado. Muito obrigado. Vou buscar
você, digamos, ao meio-dia Para que
você possa resolver suas coisas. Isso
lhe convém?

Nenhum deles ouviu o som de uma outra porta fechando — a que separava o bar dos escritórios, na parte dos fundos.

O nome soara meio familiar a Julian, mas ele havia deixado o assunto para lá. Como a polícia não parecera levá-la a sério, a coisa não se afigurara importante. Tinham-lhe dito que a mulher era uma *ivrogne*, uma bêbada.

havido um incidente num sítio
arqueológico nos montes Sabarthès.
Julian não se lembrava dos detalhes
exatos, mas várias pessoas haviam
morrido, inclusive um famoso escritor
local cujo nome lhe escapava. Nada

nesta manhã.

Mas ele não podia correr o risco de que a mulher estabelecesse essa ligação.

Teria que tomar uma providência. Mais

peça. Um relógio caro, apesar de danificado, com as iniciais AV, e um medalhão de prata com duas miniaturas, ambos retirados das sepulturas que ele havia descoberto junto ao lago.

Meredith deixou Hal falando ao telefone, tentando marcar o encontro no comissariado de Couiza antes de buscar a Dra. O'Donnell, como prometera.

horas da manhã praticamente se havia
dissipado, embora um orvalho prateado
fizesse a grama brilhar. Tudo era
banhado por uma luz em tons de cobre e
ouro, em contraste com o céu frio,
pontilhado de nuvens brancas e cor de

Enquanto descia agilmente os degraus para a trilha de cascalho, ela pensou no que Mary estaria fazendo naquele momento. Depois, conteve-se. Seriam apenas cinco e quinze em casa. Mary ainda devia estar dormindo. Talvez ela

Foi uma impressão estranha, mas ela se sentiu seguindo os passos da figura que vira mais cedo nos gramados.

Vira? Imaginara?

visto a figura parada, mais cedo.

Imaginado.

Havia um banco de pedra curvo, em
forma de lua crescente. A superfície

acompanhado pelo costureiro
sentimento de culpa. Sem o coração aos
saltos, sem ondas de vergonha, sem
arrependimento. Aquele era um lugar de
reflexão, feito para a calma e a
privacidade. O

Pegou o telefone celular, para confirmar que havia sinal, e tornou a guardá-lo. Hal poderia ligar, se precisasse entrar em contato.

Tomei o celular e fui embora.

pretendia encontrar as ruínas do sepulcro visigótico e, partindo de lá, procurar um local em que as cartas pudessem estar escondidas. Se fosse uma coisa muito óbvia, elas teriam sido encontradas anos antes, mas Meredith

embaixo dela, cruzando-a em ângulo
reto, havia uma faixa de terra marrom
que descia por toda a floresta verdejante
ao redor.

usados como pano de fundo nas cartas também eram evidentes.

O sepulcro datava do tempo dos visigodos. Logo, era lógico que pudesse haver outras sepulturas visigóticas nas

até seus pés tocarem o chão.

Sentiu o impacto nos joelhos, endireitou o corpo e começou a descer. Parecia o leito de um regato intermitente ao final de um verão seco, mas estava

discernir uma pedra cinzenta e chata por baixo das raízes emaranhadas de uma moita esparramada de juníperos, com suas folhas que espetavam feito agulhas e seus frutos verdes e roxos. A depressão não era suficientemente

sua cabeça. Ela estreitou os olhos e se deu conta de que o formato das pedras fazia eco à coroa de estrelas na imagem de La Force. E, agora que estava parada ali, ela notou que a paisagem do lugar lembrava particularmente, na cor e no

pedreiro furtada e começou a cavar, raspando pedras e cacos de telhas de barro não levadas ao forno. Puxou um dos pedaços maiores e o examinou. Parecia uma telha comum, embora Meredith se perguntasse como aquilo

madrepérola entrecruzadas. Parecia uma caixa de joias, ou a caixa de costura de uma dama, linda e visivelmente de alto valor. No alto havia duas iniciais em latão opaco e corroído.

desejo de ouvir outra voz humana — a voz dele — atingiu-a com força. Mas ela reconsiderou. Hal não gostaria de ser perturbado no meio de sua reunião com a polícia. Meredith hesitou, depois enviou um torpedão e se arrependeu na

Com os dedos sujos, esfolados pelo frio e pela escavação, Meredith tirou alguns carretéis e vasculhou por entre pedaços de feltro e tecido, como fizera antes na terra e na poeira.

Seu próprio rosto a fitou. Carta XI. La
Justice.

Ao contemplar a imagem pintada à mão,
mais uma vez Meredith se conscientizou
de murmúrios em sua cabeça. Não eram

Só que ela ouviu de novo a voz de Léonie. Na virada de um minuto, o mundo inteiro pareceu reduzir-se àquele lugar. O cheiro de terra em suas narinas, a areia e a lama sob as unhas, a friagem que subia do solo e se infiltrava em seus

Notas isoladas, uma melodia lamuriosa
em tom menor, e sempre as mesmas
palavras em sua cabeça, conduzindo-a
ao sepulcro destruído. Aïci lo tems s'en
va res l'Eternitat.

pendentes.

Não havia pensado no que diria. Sabia apenas que não podia deixar que ela fosse ao comissariado com Hal.

Deu mais um passo, escutando. A Dra. O'Donnell inclinou se para a frente e, com batidas ríspidas, apagou um cigarro num cinzeiro de prata. Algumas palavras chegaram até Julian.

com força na cabeça da mulher.

Shelagh O'Donnell gritou de susto, e por isso Julian a golpeou de novo, para que não fizesse barulho. Ela tombou de lado nas pedras. Fez-se silêncio.

PARTE XI

O sepulcro

vale, do outro lado do lago, sob as
sombras verdejantes, perto do banco de
pedra em lua crescente no qual Isolde
costumava se sentar.

O abbé Saunière oficiou a cerimônia

sabia que ora a febre a consumia, ora o frio a dilacerava, e sabia também estar aprisionada em algum lugar entre dois mundos, amortalhada num véu que não conseguia afastar.

ombros jovens, Léonie recolheu-se à Herdade do Cade e pouco se aventurou a sair. A casa entrou numa rotina sem alegria, sempre a mesma, um dia interminável após outro.

severidade do luto, a tensão que lhe tem sido imposta em função do seu estado, bem, receio pela recuperação plena das faculdades dela quanto mais esta situação se prolongar.

para abençoar os lábios de mais um
pecador moribundo, cruzando veredas
que a neve escondera e tornara
traíçoeiras. Era como se todos os seres
vivos fossem simplesmente deixar de
existir, um por um. Nem luz nem calor

apesar de abalada pelo que havia ocorrido e por sua participação no episódio, permaneceu fiel. Durante a doença contínua de Isolde, aceitou Léonie como dona da casa. Mas Marieta assustou-se, ao ver a tristeza tirar de

— e aceito sem maior investigação —
que o Dr. Gabignaud, Charles
Denarnaud e um terceiro participante
daquele episódio lamentável tinham sido
mortos por ordem de Victor Constant,
mesmo não tendo sido dele o dedo no

vigoroso dentro dela. Dia e noite, em seu quarto no primeiro andar da Ilorda de, um bom fogo crepitava e soltava fagulhas na lareira. As horas de sol eram curtas, mal chegando a aquecer o céu antes que a escuridão caísse de novo

Numa tarde monótona e silenciosa, sem nada que a distinguisse dos dias já passados e dos que estavam por vir, Isolde sentiu a sensação retornar a seus membros delicados. Primeiro foram os

Pela primeira vez em meses, não foi
distorcido, ampliado nem abafado pelo
tempo ou pela luz, mas bateu em sua
consciência sem refração

Isolde sentiu alguém se inclinar sobre

e pensativo da sobrinha a fitá-la.

— Léonie?

Sentiu seus dedos serem apertados.

sala com Léonie, falando de Anatole,
com os dedos finos e alvos
descansando sobre a barriga crescida.
Léonie a ouvia recitar toda a história de
seu romance, desde o instante do
primeiro encontro até a decisão de

Na Herdade do Cade, Léonie e Isolde continuaram trancafiadas juntas em sua tristeza, enlutadas, observando as sombras nos jardins. Recebiam poucas visitas, excetua-dos Audric Baillard e madame Rousquet, que, apesar de ter

em seu estado, mas não teve sorte. O Estado fez tentativas de confiscar seus bens consideráveis. Sua cabeça foi posta a prêmio. Mesmo assim, não houve quem o visse nem ouvisse rumores a seu respeito.

de preocupação.

No final de março, depois que o tempo inclemente mantivera a todos dentro de casa por alguns dias, Léonie descobriu-se pegando a pena para escrever ao

considerado sua casa, e mexericava sobre quem estava em conflito com quem, sobre todas as rivalidades na Académie, os escritores prestigiados ou caídos em desgraça, as brigas entre os pintores, os compositores desdenhados

Léonie não se incomodava. Aquilo lhe afastava o pensamento de sua própria situação. Sorriu quando ele escreveu sobre suas visitas das manhãs de domingo à igreja de Saint-Gervais, para

Um lugar sereno, cheio de sombra.
Léonie achou que a mãe ficaria contente
por jazer nessa companhia.

O clima mudou com a aproximação de
abril, que chegou como um general

fazendo-os erguer a face para a luz. Os borrifos de cor, como gotas de tinta caídas de um pincel, tornaram-se mais acentuados, mais frequentes, vibrando no verde das sebes e das alamedas.

frutas frescas, trazidas da Espanha pelas montanhas, eram vendidas em carrocinhas de madeira.

De repente, a Herdade do Cade tornou-se gloriosa sob o infindável céu azul. O

levara Achille a lhe enviar um presente
tão atencioso.

Não permitiu que seus pensamentos
retornassem às cartas de tarô. Elas
estavam vinculadas aos aconteci-

desenhos.

Eram um lembrete muito penoso de seu irmão e sua mãe.

Le Diable e La Tour ficaram inacabados.

a enfermeira especializada chegaram
em tempo hábil para o parto.

Ali pela hora do almoço, Isolde tinha
progredido consideravelmente Léonie
banhou-lhe a testa com toalhas frias e

Léonie — a rigor, a casa inteira — esperava que uma criança, o filho de Anatole, trouxesse consigo o amor e a sensação de ter um objetivo de que Isolde tanto precisava.

À medida que o verão avançou, Isolde não deu sinais de melhora. Era bondosa, cumpria os deveres com o filho, quando solicitada, mas, afora isso, vivia no mundo de sua mente, ininterruptamente

Ao avançarem os dias
assustadoramente quentes de julho e
agosto, vez por outra Léonie acordava
de manhã

estava morto, embora ficasse agradecida se houvesse uma confirmação disso.

Agosto de 1893, como o do ano anterior, foi quente e seco como os desertos africanos. A seca foi seguida por

clareira, Léonie recordou-se da clareira em que, dois anos antes, havia descoberto o baralho de tarô.

Por um instante, ficou tentada a refazer o percurso até o local e ver se as cartas

pichon, pequerrucho. Era travesso, mas sempre encantador. Vivia cheio de perguntas, mais parecido com a tia do que com o falecido pai, porém também era capaz de ouvir. A medida que foi crescendo, ele e Léonie caminhavam

Rennes-les-Bains, sua diversão favorita
era sentar-se no café da calçada que
Anatole tanto havia amado. Com os
cachos abundantes, a camisa de
peitilho franzido e as calças de veludo
marrom-escuro bem amarradas nos

havam defendido a independência do
Midi contra os invasores do norte.

Em vez de fazer o garoto mergulhar nas
páginas dos livros de história
escurecidos que acumulavam poeira na

crina espessa e cauda brancas, com um toque de branco no focinho. Durante todo aquele verão escaldante, Louis-Anatole foi um chevalier, combatendo os franceses ou vencendo as justas, e derrubando latas de uma cerca de

Uma vez por semana, o professor vinha ribombando em seu pequeno cabriolé pela alameda comprida, de cachecol branco, gravata com alfinete e barba mal apara-da, e durante duas horas treinava

punha a experimentar.

Léonie parava no patamar no alto da escada, sem ser vista, e escutava as melodias suaves e repetitivas que seus dedos de menino conseguiam criar. Não

pouco, era gentil com o filho e muito querida pelos criados. Só quando fitava os olhos esmeraldinos de Léonie é que algo mais profundo lampejava dentro dela. Então, por um segundo fugaz, a tristeza e a lembrança brilhavam em

era — nunca a havia conhecido de outro jeito.

No cômputo geral, não era a vida que Léonie havia imaginado para si. Teria desejado amar, ter uma oportunidade de

Terra, vento, água e fogo: o padrão
inalterável do mundo natural.

Essa existência pacífica não estava
fadada a durar muito mais. Entre o Natal
de 1907,

seria forçado a deixar Rennes-les-Bains. Era época das feiras locais de inverno — em Brenac, a 19 de janeiro, em Campagne-sur-Aude, no dia 20, e em Belvianes, no dia 22. Ele ia visitar esses vilarejos circundantes e seguir para um

muito que aprendera que monsieur
Baillard nunca se deixava desviar de um
objetivo, uma vez tomada sua decisão.

A partida iminente dele — com suas
razões inex-plicadas — lembrou a

Toulouse. Entre elas havia um bénitier
—uma pia de água benta — apoiado nos
ombros de um demônio retorcido. Vozes
vociferantes ergueram-se para objetar,
insistiu do em que aquela e muitas
outras esculturas eram impróprias para

envolveu nos debates nem na onda crescente de reclamações contra um padre que sempre havia considerado dedicado a sua paróquia. Seu mal-estar proveio do fato de que algumas estátuas correspondiam exatamente as que havia

quem pudesse discutir seus temores.

A insatisfação espalhou-se das montanhas para o vale e para Rennes-les-Bains. Súbito, houve murmúrios de que os distúrbios que haviam

Embora Pascal e Marieta se
esforçassem muito para impedir que os
boatos chegassem aos ouvidos de
Léonie, ainda assim algumas das
histórias mais maldosas penetraram em

sepulcro, na calada da noite. Foi um retorno aos tempos sombrios da época de Jules Lascombe como dono da casa. Os rancorosos e os invejosos apontaram para os acontecimentos da véspera da Toussaint de 1891 e afirmaram que a

Pérou, uma frase proferida com rispidez chamou-lhe a atenção.

— *Lou Diable se ris.*

Ao voltar para a Herdade, ela perguntou



~

tinha havido saudações e sorrisos. Ela não queria que Louis-Anatole assistisse a essas coisas desagradáveis.

A ocasião que escolheu para a viagem foi a fête nationale. Como parte das

Ela dera para insistir em que havia
pessoas seguindo-a, observando-a do
outro lado do lago, e em que havia ros-

tos sob a água. Via fumaça na floresta,
mesmo quando não se acendia

escuros, que pareciam conter grande sabedoria e, ao mesmo tempo, não enxergar nada.

— Se é o que você deseja, eu irei —
disse, com sua voz cristalina

a Pascal ocupar Louis Anatole com histórias militares, com as fa-

çanhas do momento realizadas pelo exército francês na África ocidental, no Daomé e na Costa do Marfim. Pascal

catedral de Saint-Michel e bem longe do hotel em que Isolde, Léonie e Anatole se haviam hospedado, seis anos antes. Léonie passou o restante da tarde visitando os pontos turísticos com o sobrinho empolgado, de olhos

declarou não se sentir disposta a enfrentar a multidão.

Louis-Anatole não ficou decepcionado, porque, a rigor, não havia esperado a companhia da mãe. Mas Léonie se

se considerado um sucesso. A presença de Sabatier estava em toda parte — nos folhetos promocionais que Louis-Anatole segurou em suas mãozinhas, como souvenir do passeio, e em cartazes

Malades, ocupando cada espaço em
que era possível pôr as mãos ou os pés.
Crianças se equili-bravam no muro ao
lado da capela de Saint Vincent de Paul.
Na Bastide, a multidão juntou-se na
Porte des Jacobins e ao longo da

Caída a noite, os fregueses que
jantavam nos restaurantes próximos
engordaram o número de presentes na
velha ponte. A aglomeração
transformou-se numa massa compacta.

embrasement de la Cité. As muralhas
medievais foram abraçadas por uma
fúria de chamas em laranja e vermelho,
centelhas e fumaça de todas as cores.
Rojões foram disparados no céu noturno
e explodiram

tanto tempo, tempo em demasia, agora
afrouxasse suas garras e permitisse
ideias de um futuro mais luminoso?

— À L'avenir — disse, baixinho,
lembrando-se de Anatole

para afastar os fantasmas, os maus espíritos e os monstros da noite. Estava exausta, fatigada até os ossos pelas agitações do dia e por suas emoções. As lembranças de Anatole —e a culpa pelo papel que ele havia desempenhado

As margens do rio, as calçadas e as pedras das ruas da Bastide estavam cobertas de panfletos e papel. A ponta quebrada de uma bengala de buxo, algumas folhas de música pisoteadas pela multidão, um boné separado de seu

tuchos vazios, flâmulas nem anúncios,
nenhum cheiro remanescente de pólvora
ou papel chamuscado. Seu olhar firme
contemplou a luz purpúrea que cintilava
sobre a Montagne Noite, ao norte,

houvesse um sopro de vento.

Tistou ancorou a embarcação, fincando na lama sua vara de madeira, ajoelhou-se e olhou para a água. Sob a superfície verde, discerniu com dificuldade uma

arqueadas; os braços e as pernas
oscilavam graciosamente sob as saias,
como se, de algum modo, ela estivesse
presa ao leito do rio.

Mais uma suicida, pensou Tistou

cima da borda e desaba-va, como um
peixe apanhado na rede, no casco
molhado da balsa.

Tistou enxugou a testa com o lenço e
rearrumou na parte posterior da cabeça

uma costu-reira, Tistou conhecia algodão egípcio de boa qualidade quando o via. Encontrou a etiqueta do costureiro — parisiense —, ainda legível na gola. A mulher tinha no pesco-

instante em que Marieta havia acordado e constatado que a patroa tinha sumido.

Foram obrigados a permanecer por uns dois dias na cidade, enquanto se cumpriam as formalidades e se as-

Em vez disso, solicitou os serviços do curé Gélis, de Coustaussa, o vilarejo com o castelo arruinado a meio caminho entre Couiza e Rennes-les-Bains, para que ele oficiasse uma cerimônia fúnebre privada nas terras da Herdade do Cade.

prestado suas homenagens a Isolde
num cemitério de Paris, seis anos antes.
A lembrança a invadiu com tamanha
clareza e violência, que ela prendeu a
respiração.

música.

Agora, ao ouvir o baque da terra sobre a tampa de madeira do caixão, seu único consolo foi Anatole ter sido poupado desse dia

residente havia fumado desde sua chegada, algumas semanas antes.

Era um dia quente de agosto, mas ele se vestia como se fosse pleno inverno, usando um grosso sobretudo cinza e

Seu criado aproximou-se com a garrafa de cerveja e encheu o copo do amo. Por um instante, os dois compu-seram um quadro grotesco, o inválido desfigurado e o criado grisalho, cujo couro cabeludo

definhava. Ele já não conseguia andar com facilidade. Mas tudo isso parecia, se tanto, haver lhe aguçado o pensamento. Seis anos antes, ele fora forçado a agir mais depressa do que desejava. Isso o privara do prazer de desfrutar vingança

também vivido para dar à luz um filho. O

fato de ela lhe haver escapado mais uma vez torturava sua mente de forma obsessiva.

conduta de Dreyfus, o oficial do exército que tanto vinha ocupando a força policial parisiense. E, o que era mais importante para o desejo compulsivo de se vingar de Isolde, Constant fora informado de que o inspetor Bouchou, da gendarmerie

Ele ouvira falar dos boatos sobre um Diabo, um demônio que teria sido solto no passado para aterrorizar a zona rural.

Seus comparsas remunerados é que haviam espalhado novos rumores sobre

de Constant nos ouvidos de
comerciantes de tecidos e vidraceiros,
limpa-botas das grandes mansões, faxi-
neiras e copeiras.

Os aldeões eram supersticiosos e

Agora, os três estavam mortos.

Com fios invisíveis, ele teceu sua rede
em torno da Herdade do Cade.

E, se era verdade que havia ataques

que sua mente também começasse a falhar. Reconhecia os sinais, já era capaz de se diagnosticar de maneira tão precisa quanto qualquer charlatão. Agora, a única coisa que temia era o breve clarão final de lucidez, antes que



CAPÍTULO 92

No dia 20 de setembro, aniversário da

Lac de Barrenc, o lago montanhês
supostamente habitado por um demônio.
Seus corpos foram encontrados uma
semana depois, mas em estado tão
precário, que só após algum tempo é
que se observou que também tinham

çou a admitir que talvez eles tivessem
que sair da Herdade do Cade até a
tempestade acalmar.

Maître Fromilhague e madame Bousquet
sustentaram que, obviamente, aquilo era

pelos bosques e encontrou um punhado de criados perto da porta de uma das dependências externas. Intrigada, acelerou o passo.

— O que houve? — indagou

— Ora, vamos — disse, em tom
displicente —, não sou criança. Tenho
certeza de que o que vocês estão
escondendo, seja o que for, não pode
ser tão ruim

fazia alguns dias, fora empalado na porta com um prego grosso de pe-leiteiro. Um enxame de moscas zumbia furiosamente em volta de uma cruz tosca, pintada com sangue na madeira, abaixo da qual estavam escritas a

Ainda assim, a determinação de Léonie não vacilou.

Ela estava decidida a não se deixar expulsar da Herdade do Cade, certamente não antes que monsieur

e sua esposa, linda em seus laços de fita
brancos e seus babados franzidos, foi
levada da Place du Pérou. O clamor foi
imediatO.

Por infelicidade, Léonie estava em

abertamente.

Ninguém falou. E então uma mulher de rosto vermelho, a boca amargurada e raivosa, avistou-a e a apontou. Léonie sentiu um calafrio de medo quando os

segurando-a pelo braço.

Dois dias depois, um trapo em chamas,
embebido em azeite e gordura de ganso,
foi jogado por uma das janelas da
biblioteca, deixada parcialmente aberta

época de Jules Lascombe.

Não há fumaça sem fogo.

Léonie tentou não ver a mão sempre
presente de Victor Constant na

quarto mais jovem a desmaiar.

Cartas anônimas foram entregues,
obscenas e explícitas em suas
descrições de como o relacionamento
incestuoso de Anatole e Isolde havia

que Isolde havia morrido. O fato de a perseguição continuar deixou claro que ela precisava transferir Louis-Anatole para um local seguro. Levaria consigo o que pudesse, na esperança de regressar à Herdade do Cade em não muito

confinada na Herdade do Cade significava que ela dispunha de poucos amigos. Achille estava longe demais e, além disso, ocupado com os próprios interesses. Por causa de Victor Constant, Léonie não tinha parentes

breve aventura precisava terminar. Todo o resto tivera início nessa ocasião.

Léonie resolveu que, se ele aparecesse na Veille de Toussaint, descobriria que eles haviam partido

Já ia saindo pelas portas do terraço
quando ouviu Marieta chamar seu nome.
Num sobressalto, voltou ao saguão.

— Estou aqui. O que foi?

a propósito de um assunto de certa urgência. Como ele era tido como uma espécie de recluso — e Léonie só o havia encontrado duas vezes em seis anos, uma na companhia de Henri Boudet, em Pennes-les-Bains, por

saguão. Parecia aterrorizado.

— Não precisa ficar com medo — disse Léonie, esperando deixá-lo à vontade.

— Você não fez nada de mal. Só quero perguntar-lhe se foi o próprio curé Gélis

de Coustaussa. Estivera brincando nas ruínas do château-fort quando um homem saiu da porta da frente do presbitério e lhe ofereceu um sou para entregar uma carta urgente na Herdade do Gade.

Léonie refletiu. Tinha um sem-número de coisas a fazer antes da partida. Por outro lado, não conseguia acre-

ditar que o padre Gélis lhe enviasse uma comunicação daquelas sem uma boa

eles passaram no caminho. Nas encruzilhadas haviam surgido santuários improvisa dos de beira de estrada, para a véspera da Toussaint. Antigas orações e invocações, rabiscadas em pedaços de papel e tecido, tinham sido deixadas

frio. Mesmo assim, quase havia escurecido quando eles terminaram de cobrir a distância de Rennes-les-Bains a Coustaussa e passaram a enfrentar a trilha extremamente íngreme que ia da estrada principal à aldeia

Com inquietação crescente, ela bateu à porta pesada. Ninguém veio atender. Tornou a bater, um pouco mais alto.

— Curé Gélis?

— Quem é?

— Boa tarde — disse Léonie. — Tenho um encon-

tro com o curé Gélis, mas ele não está

— Vi quando ele saiu — disse a mulher, com evidente prazer. — A senhora é a segunda que vem procurá-lo.

Léonie estendeu a mão e impediu que a

claro.

Intrigada, Léonie retirou os dedos. A grade fechou-se imediatamente.

Ela deu meia-volta, apertando o casaco

estreita da caixa de correio na parede do presbitério e voltou depressa para onde Pascal a esperava.

Ele conduziu os cavalos ainda mais depressa na viagem de volta, mas cada

Louis-Anatole veio correndo em sua direção.

— Ele chegou! — gritou.

O sangue de Léonie congelou nas veias.

— Ausentei-me por tempo demais.

A moça deu um pulo para a frente, de
mãos estendidas.

— Monsieur Baillard! — exclamou. — O

Uma melodia repetitiva em lá menor,
graciosa e suave, as mãozinhas dele
lutando para não quebrar os acordes. A
música enfim ouvida. Tocada, e
lindamente tocada, pelo filho de Anatole

tante Léonie.

— O *sénher* tem um grande talento —
disse monsieur Baillard, aplaudindo.
Louis Anatole abriu um sorriso radiante
de prazer. — Se eu não puder ser

Louis-Anatole deu um suspiro, mas encolheu os ombros e, com um sorriso, correu para a cozinha, chamando Marieta.

Assim que ele se foi, monsieur Baillard o

comunicações.

— Algumas, sim, outras eu desconfio que tenham se extraviado — disse ele, em tom sombrio. — A trágica notícia do falecimento de madama Isolde eu só

voz baixa —, eu não a teria deixado.
Mas eu recebera a notícia de que uma
pessoa...

uma pessoa que eu esperava fazia
muitos, muitos anos, havia regressado

suas feições. — Se eu soubesse, não
teria saído de Rennes-les-Bains — e
deu um suspiro. — Mas aproveitei minha
viagem para preparai um refúgio para
você e Louis-Anatole.

— Suas suspeitas estão corretas,
madama Léonie.

Victor Constant realmente está nas
imedições da Herdade do Cade.

ções sobre o caminho ao Pascal — e fez uma pausa. —

Ele e a Marieta, que agora deve ser sua esposa, acredito, viajarão com vocês?

liz. Mas, para mim, apesar das tristezas
contidas aqui, foi um lar.

Parou.

floresta, para ver se encontraria o
esconderijo. Só queria ver se
conseguiria achar o baralho de tarô.

Olhou para monsieur Baillard,
esperando ver decência ou até censura

enfiou a mão no grande bolso branco do paletó. Pegou um retângulo envolto em seda preta, um pedaço de tecido conhecido, e o abriu. A imagem de La Force era visível em cima.

de um homem como Victor Constant. E...
— interrompeu-se. — Creio que talvez
pre-cisemos delas.

— O senhor me alertou a não usar o
poder das cartas — obietou Léonie

em seu couro cabeludo, como dentes
afiados.

— Vamos. Já — ela repetiu.

Sem que o esperasse, apanhou-se

O som de pés correndo pelo corredor afugentou suas lembranças. Ela se levantou de um salto e se virou na direção do barulho, no exato momento em que a porta da sala se escancarou e Pascal entrou aos tropeços.



CAPÍTULO 94

Louis-Anatole entrou correndo na sala

na outra. Eles pareciam um exército na iminência da batalha. Léonie presumiu que só estavam esperando o sinal de Constant para atacar.

— São muitos — murmurou — Como

mais profunda e antiga lhe sussurra na escuridão. Fala de seres sobrenaturais que rasgam, dilaceram e não podem ser mortos, e de lugares sombrios e proibidos onde as aranhas tecem suas teias.

que ladeavam a alameda da entrada.
Fechou a cortina e recuou da janela.

— Perseguir meu irmão e Isolde até em
suas sepulturas, nem isso parece
suficiente para eles — murmurou

sorriu:

— Um bom soldado sabe quando resistir e enfrentar os inimigos e quando bater em retirada. Esta noite não lutaremos.

tirar-nos daqui sem que sejamos vistos.

— *Ben, ben.* Ótimo. Sairemos pelos fundos, atraves-saremos a trilha e entraremos na floresta, rezando para que o primeiro alvo deles seja a casa em si

Léonie viu que ele tinha os olhos
úmidos.

— Obrigada — disse, baixinho.

— Pascal, cuidaremos da sua Marieta

Marieta engoliu um soluço.

— Na minha valise de viagem, Marieta,
já embalada, há uma carteira com
papéis dentro da minha caixa de costura

sorriu, honrada pela confiança
inesperada.

— Muito bem, Sajhë. Uma vez você me
disse, já se vão muitos anos, que eram
os vivos e não os mortos que mais

lhe dissera, ao se sentarem no banco de pedra do promontório, no dia seguinte ao primeiro jantar oferecido na Herdade do Cade. Ela estava falando de seu amor por Anatole, embora Léonie não o soubesse na ocasião. Um amor tão

Ela olhou de relance para o conhecido lenço amarelo, um quadrado colorido de seda quase imperceptível no bolso do paletó.

Marieta reapareceu no vão da porta

no lugar pra onde a gente vai —
explicou, olhando para os rostos
soturnos dos adultos. — Ora, a gente
não ia querer!

Léonie abaixou-se:

— Começou — disse Baillard. —
Corage, Léonie.

Seus olhos se cruzaram. Devagar, como
se mesmo nessa hora relutasse, ele lhe
entregou o baralho de cartas de tarô

— Talvez seja uma sorte. Nem sempre os velhos são sábios. Mas você compreende que seu destino está ligado a isto, não é? Se optar por dar vida aos quadros que pintou, se invocar o

demônio. Mas ficou marcado para sempre.

— Mas e se eu não conseguir...

— Já chega — interrompeu Baillard, em

Por tudo.

O saguão estava escuro quando Léonie,
Audric Baillard, Louis-Anatole e Marieta
saíram da sala de estar.

Sua mãozinha apertou a dela. A jovem parou e disse, em voz alta e clara:

— Não quero que vocês arrisquem a vida. Vocês são leais e valentes, e sei que meu falecido irmão e madama

ela paradas atrás dele, os três felizes na
companhia uns dos outros. Por um
instante, ficou tentada a levar a
fotografia. Mas, atenta à instrução de
levar apenas o que fosse essencial,
conteve-se.

quando vocês voltarem.

— *Et a vous aussi* — respondeu o
menininho, com sua voz meiga.

Fazia frio do lado de fora. A geada lhes

— Por que ele está esperando lá?

— Porque não queremos que ninguém nos veja nem nos escute — ela se apressou a dizer. — E depois, ainda muito quietinhos, preste atenção, vamos

quietinhos.

— E ser muito corajosos.

Os dedos de Léonie apalpam o
baralho em seu bolso.

fogos de artifício nas muralhas da Cité.
As labaredas subiram, oscilaram e se
firmaram.

Depois, a voz fria ressurgiu: — À
l'attaque!

ainda mandara levar para casa outra criança tru-cidada, para atormentar os pais. Seu criado carregara o cadáver retalhado numa carroça de boi até a Place du Pérou, onde ele aguardava sentado. Era necessária pouca

bruxaria, isso só fizera inflamar a multidão.

Foi o próprio Constant quem havia sugerido que eles invadissem a casa para verem por si. Em poucos minutos, a

pegar fogo, ateado por um garoto que
trepou na hera e enfiou a tocha
flamejante nas dobras de tecido do
canto. Mesmo úmida com o ar de
outubro, a fazenda se inflamou e
queimou em segundos. e a tocha

elegantes foram invadidos pela violência da multidão, que brandia suas tochas para pôr fogo nas cortinas.

Outros três homens pegaram uma urna de pedra e a usaram como um aríete na

quer pelo calor crescente e pelo metal
retorcido, quer por pernas de cadeiras.
Com os rostos crispados de ódio e
inveja, os homens viraram a mesa que
Léonie se sentara e lera Les Tarots pela
primeira vez e arrancaram a escada da

Os criados eram largamente superados em número, mas lutaram com bravura. Também eles haviam sofrido com as calúnias, os boatos, a disseminação de rumores, e tanto estavam defendendo sua honra quanto a reputação da

A gritaria aumentou.

Os jardineiros e encarregados da
manutenção do terreno, munidos de
espingardas de caça, atiraram na turba,

na base da escada.

Aterrissou com os braços e pernas
esparramados em ângulos anormais.
Apenas um filete de sangue escorreu do
canto de sua boca, mas os olhos

caído de costas. Levantou as mãos, mas demorou demais.

O cinto o atingiu no rosto e o pino de metal da fivela cravou-se em seu olho aberto. Seu mundo tornou-se vermelho

— Achei isto, monsieur. Na sala de
estar.

Victor Constant segurou o objeto com a
mão trêmula. Era uma carta de tarô, a

Coustaussa inteira sabe que a moça esteve lá.

O criado assentiu com a cabeça.

— E o senhor, monsieur?

Mesmo que o menino escapasse nessa noite, não haveria nada para o qual voltar. Ele ficaria na miséria.

— Deixe que se divirtam.

ela evitara por tanto tempo. Enquanto andava, subindo a encosta, sua longa capa preta agitou as folhas de outono caídas e úmidas sob seus pés.

Ela pensou em todas as suas andanças

— Já estamos chegando, *tante* Léonie?
— perguntou Louis-Anatole com a
vozinha miúda, depois de caminharem
por cerca de 15 minutos. — Minhas
botas estão me espetando.

Pascal os aguardava. Duas lamparinas fracas nas laterais da carruagem estalavam ao ar frio, e os cavalos batiam as ferraduras dos cascos no chão duro.

— Que lugar é esse, tante Léonie? —

— Pra escutar os passarinhos? Léonie sorriu.

— Isso mesmo.

— E por isso que você nunca me trouxe

Ele balançou a cabeça, mas tinha ficado muito pálido.

— A gente volta outro dia. Quando estiver claro.

Louis-Anatole fez que sim.

— É muito longe.

— Mais longe que o lago de Barrenc?

força.

— Mantenha-o em segurança.

— Você não tem que fazer isso —
apressou-se a dizer Baillard. — O

olhando para a rua, do antigo
apartamento na rue de Berlin. E uma
outra, do rosto atormentado de Isolde,
sempre fitando o horizonte, vendo
perigos nas menores coisas.

— Tante Léonie? — tornou a chamar
Louis-Anatole, um pouco mais aflito.

— Petit, há uma coisa que eu preciso
fazer — disse ela, mantendo a voz
estável — o que significa que não posso

ços no pescoço de Léonie. Ela o beijou e lhe afagou o cabelo, depois se soltou dele com firmeza. — Não! — gritou o garotinho, debatendo-se.

— Seja bonzinho com a Marieta — disse

chocalhar das rodas no chão duro e gelado, virou-se e andou até a porta da antiga capela de pedra. Cega pelas lágrimas, segurou a ma-

caneta de metal. Hesitou, virando-se um

encontro. Aos poucos, Léonie deixou os olhos se acostumarem à penumbra. Tirou do bolso a caixa de fósforos, abriu a portinha de vidro do lampião e segurou a chama junto ao pavio, até ele se acender.

quais não quisera se separar.

Ela finalmente admitira para monsieur Baillard que, depois de ver o baralho com os próprios olhos, tinha retornado em várias ocasiões ao livro do tio

apenas o lugar, mas a combinação dos três dentro dos limites do sepulcro.

E, se os mitos correspondiam à verdade literal, ela sabia, mesmo em meio as suas dúvidas, que não haveria retorno

segundo fósforo, depois vários outros, e
foi acendendo as antigas velas de sebo
postas em candelabros de metal nas
paredes. Gotas de gordura começaram a
deslizar pelos pavios mortos,
solidificando no metal frio, mas, aos

falecido tio lhe reverberavam na cabeça.
Pôs a carteira de couro ao lado do
baralho e desatou os laços, mas não
tirou os desenhos.

A s cartas através de cujo poder eu

Houve uma lufada de ar e tive a
sensação de não estar sozinho.

Léonie sorriu ao se lembrar das palavras
na página.

igualmente presentes.

A sua volta, Léonie conscientizou-se de um movimento. Espíritos, ou as cartas ganhando vida, não saberia dizer. Os Enamorados, para seu olhar

Léonie ficou totalmente imóvel, deixando a música derramar-se sobre ela. Os rostos, os trajes e as paisagens pareceram mover-se, oscilar e cintilar como estrelas, girando no ar prateado,

Sentiu-se sem peso, transparente, como que flutuando na água, embora o vestido vermelho continuasse a pendear sobre seu corpo, a capa preta nos ombros. Os espíritos aguardavam que ela se juntasse a eles. A moça virou as mãos

passo em direção à luz.

Sacolejar pelo terreno acidentado lhe causara grande desconforto, abrindo várias feridas em suas mãos e suas costas. Constant sentiu o pus vazar

se proteger das correntes de ar cada vez mais fortes. Fungou. Seu olfato praticamente havia desaparecido, mas ainda conseguiu captar um odor desagradável, uma mistura peculiar de incenso e do cheiro fétido de algas.

Recusou-se a se deixar distrair por quaisquer que fossem os truques que Léonie Vernier pudesse ou não tentar, usando a luz, a fumaça ou o som.

Aproximou-se da porta pesada e girou a

se esconder. Do menino, nem sinal.

Com o queixo projetado para a frente e os olhos correndo para a esquerda e a direita, Constant prosseguiu pela nave, a bengala batendo nas pedras do piso

verdade, parecia desconhecer a presença dele.

Constant parou e olhou para a pilha de cartas espalhadas no piso de pedra diante do altar.

ela se transformara em outra pessoa.

Enquanto ele se mantinha parado, cativo e cego, Léonie começou a mudar. Os ossos, os tendões, o crânio sob a pele começaram a aparecer

de seu eu mais gentil. Unhas transformaram-se em presas, dedos, em garras, olhos, em fogo e gelo. Constant afundou a cabeça no peito, deixando cair a bengala ao cruzar os braços sobre o rosto para se proteger. Caiu de

Sem compreender, Constant procurou Léonie. Já não conseguiu vê-la. A luz era brilhante demais, o ar em volta ondulava com a fumaça incandescente.

E então, de trás dele, ou melhor, de um

entanto, o rosto de Asmodeu o fitava.

— Não! — gritou Constant, abrindo a boca num derradeiro uivo antes de o Diabo o levar.

Constant escondeu-se, para fugir do vento, da fumaça e da luz. Ouviu o patrão gritar uma vez, depois outra. O som desuma-no deixou-o petrificado demais para se mexer.

único sopro frio, deixando o lugar
iluminado pelo lampião da parede.

O lacaio viu imediatamente o corpo do
patrão. Ele jazia no chão, de bruços, em
frente ao altar, com as cartas de um

Sua mão se deteve quando ele notou a carta retangular sobre o peito de Constant, em cima do coração. Le Diable.

Teria estado ali o tempo todo?

escárnio estampado na carta.

No vale lá embaixo, o sino começou a badalar a meia-noite.

PARTE XII

As ruínas

Outubro de 2007

CAPÍTULO 98

HERDADE DO CADE

pelas autoridades era evidente, e Hal podia facilmente imaginá-la perdendo a pouca coragem que tinha, sem a presença dele e de Meredith para lhe dar apoio.

Passou os dedos pela cabeleira farta, deu um passo atrás e olhou para as venezianas fechadas das janelas. A casa ficava no meio de um bonito casarão à margem do rio Ardo, de frente

o finalzinho de outubro, mas o tempo estava longe de ser apropriado para banhos de sol. Talvez ela estivesse lendo um livro, não dava para ver. Mas, o que quer que estivesse fazendo, pensou Hal, irritado, era claro que havia decidido ignorá-lo, fingir que ele não estava ali. Sua visão era obscurecida por um par de vasos de plantas malcuidados.

Dra. O'Donnell?

Havia um pedaço pesado de madeira caído no terraço, meio empurrado para baixo da sebe. Hal o apanhou e notou que havia marcas na ponta. Sangue, percebeu.

Correu pelo terraço até onde Shelagh O'Donnell estava caída, imóvel. Uma olhadela foi suficiente para ver que tinha sido golpeada, e mais de uma vez. Hal

Ligou o motor e pôs o pé no acelerador.
Só havia uma pessoa que poderia ser a responsável. Ele tinha que voltar à Herdade do Cade. E encontrar Meredith.

Julian Lawrence bateu a porta do carro e disparou pela escada da entrada do hotel.

Não devia ter entrado em pânico.

tarde.

Amassou o papel no punho.

— A que horas ele deixou isto? —
perguntou.

— Mais ou menos às dez e meia,
monsieur, logo depois de o senhor sair.

— Meu sobrinho está no hotel?

— Antes de ir para o jardim, ela perguntou se podia pegar emprestada uma... não sei a palavra em inglês...

une pelle.

— Uma pá? — assustou-se Julian.

Eloise recuou, alarmada, quando o homem arriou as duas mãos na escrivaninha, deixando a marca das

discerniu o contorno de fundações e algumas pedras quebradas no chão.

Houvera uma construção ali. O lugar é este.

Segurando a caixa com o baralho de cartas, ela andou lentamente para onde um dia estivera o sepulcro. A grama estava úmida sob seus pés, como se tivesse chovido recentemente. Meredith

balançados pela brisa. E Me-

redith detectou um aroma levíssimo de incenso, um cheiro inebriante de pedras úmidas e cultos antigos pairando no ar.

Pôs a caixa no chão, endireitou o corpo e olhou em volta. Um truque do vento fazia uma névoa fina elevar-se do solo úmido. Depois, começaram a surgir minúsculos pontos de luz, um a um,

Não havia possibilidade de Meredith tentar fazer uma leitura sozinha. Toda vez que relia as anotações que tinha feito, ficava mais confusa do que antes com os significados. Pretendia apenas abrir as cartas — talvez oito, respeitando a relação da música com o lugar —, até emergir algum padrão.

Até que, como prometera Léonie, as cartas contassem a história.

A carta sete foi Le Diable. A mão de Meredith pai-rou um instante sobre essa, enquanto ela via as feições maléficas de Asmodeu ganharem forma diante de seus olhos. O demônio, personificação dos terrores e assombrações das montanhas relatados por Audric S. Baillard em seu livro. Histórias de perversidade, passadas e presentes.

estivera ali até então. Uma pitada de sangue, quase pequena demais para ver, aumentando, desabrochando vermelha no branco do paletó de Anatole. Cobrindo-lhe o coração. Por um instante, os olhos pintados pareceram prendê-la em seu olhar.

Meredith prendeu a respiração, atônita, mas sem conseguir desviar-se, ao se dar conta do que estava vendo. Anatole

volta dos pés calçados em meias, a seda tremeluzente no verde opaco do mundo subaquático, os dedos cobertos de limo tirando dos pés os sapatos marfim.

Os olhos de Isolde se fecharam, mas, ao fazê-lo, Meredith viu que a expressão luzindo neles era de alívio, não de medo, não do horror do afogamento. Como era possível? Teria sua vida sido um fardo tão grande que ela havia desciado.

verdes e azuis da paisagem do Midi.

Nesse momento, um som invadiu suas reflexões.

Um graveto quebrado, um estalar de pedras tiradas do lugar na trilha, o súbito bater das asas de um pássaro levantando voo de uma árvore.

Meredith pôs-se de pé, meio que

Ao mesmo tempo, tratou de agir depressa para guardar as cartas. Notou então que várias outras estavam em branco.

A segunda carta tirada por ela, La Tour, também estava vazia, assim como Le Pagad.

Com os dedos desajeitados de nervosismo e de frio, estendeu a mão

caixa com mais for-

ça. Pôde então discernir um par de pernas dianteiras re-pulsivamente deformadas e a pele apergaminhada, cheia de bolhas. Por um segundo, a criatura fitou-a com seus penetrantes olhos azuis. Meredith sentiu uma dor aguda no peito, como se lhe cravassem a ponta de uma faca, e em seguida a criatura se afastou e a pressão no peito

daquela voz. Girou o corpo, apertando o
baralho com força, e recuou no mesmo
instante. Sempre imaculado, em todas
as ocasiões em que ela o vira antes, em
Rennes-les-Bains e no hotel, Julian
Lawrence parecia um trapo. Tinha a
camisa aberta no peito e transpirava
profusamente. E havia em seu hálito um
cheiro azedo de conhaque.

Ué alguma coisa ali... disse ele

Entregue-me as cartas.

Meredith recuou um passo, trôpega. Por um instante, sentiu-se tentada. Estava na propriedade dele, andara escavando suas terras sem permissão. Era ela a errada, não ele. Mas a expressão no rosto de Julian fez seu sangue gelar. Os olhos azuis penetrantes, as pupilas dilatadas. O

conseguiria fugir. Era muito mais jovem, estava em muito melhor forma que ele. Mas não queria abandonar a caixa de costura de Léonie no chão. E, mesmo que Julian Lawrence achasse que ela só estava tentando assustá-lo com aquela história de lobos, ela sabia que tinha visto alguma coisa, algum predador espreitando nas fimbrias da clareira, pouco antes de Lawrence aparecer.

Lawrence girou o corpo, arremeteu contra ele, recuou o braço e soltou um murro de direita que o acertou embaixo do queixo. Apanhado de surpresa, o rapaz caiu, o sangue explodindo da boca e do nariz.

— Hal!

Ele chutou o tio, atingindo-o na lateral do

estava se transformando em labaredas laranja, douradas e negras. O

sepulcro começou a incendiar. Uma fumaça negra envolveu a clareira, lambendo as pedras. Meredith imaginou ouvir o estalar da tinta nos santos de gesso, entrando em combustão. Os vitrais das janelas explodiram, lançados para fora, e os caixilhos de metal se vergaram.

E Meredith ouviu o sussurro, uma voz diferente, mais grave e mais alta que a de Léonie, reverberando em sua cabeça. Não reconheceu as palavras, mas compreendeu o sentido.

Fujhi, podes; Escapa, non.

Fugir, podes; escapar, não.

Ele viu a possibilidade de luta abandonar

ele estava... — parou, sem saber como
poderia descrever o que tinha visto.

— Ataque cardíaco?

Meredith abaixou-se ao lado de Julian,
cujo rosto estava branco feito giz, com
toques de azul em torno do nariz e da
boca.

— Ele ainda está vivo — anunciou.

mão em seu peito e compreendeu. O
homem já não respirava.

Levantou-se devagar.

— Hal.

O rapaz a olhou. Ela apenas abanou a
cabeça.

— É tarde demais.

tinham sido desencavados de uma cova
rasa sob as ruínas do sepulcro. Era
quase como se ela simplesmente
houvesse deitado no chão para
descansar.

Ninguém soube explicar por que não
fora encontrada antes, dadas as amplas
escavações feitas no local. Nem por que
seus ossos, durante todo aquele tempo,
não tinham sido espalhados por animais

que o incêndio tinha sido
intencionalmente provocado.

Na manhã seguinte, Dia de Todos os
Santos, vários corpos tinham sido
recuperados das ruínas ainda
fumegantes: criados que, segundo se
presumia, tinham ficado presos entre as
chamas. E houvera outras vítimas,
homens da própria Rennes-les-Bains
que não trabalhavam na propriedade

— *In nomine Patri, et Filii, et Spiritus Sanctus.*

A mão de Hal segurou a dela.

Amen. Assim seja.

O curé, um homem alto, com um pesado hábito de feltro preto, sorriu para Meredith. Estava com a ponta do nariz vermelha, ela notou, e seus olhos

família, transportada pelo oceano por Louis-Anatole, da França para os Estados Unidos e, ao longo das gerações, para ela.

Era difícil abrir mão dela, mas Meredith sabia que o lugar da partitura era com Léonie.

Baixou os olhos para a pequena lápide de ardósia colocada no chão, o cinza em

congregar todos os que estavam reunidos no promontório, virou-se e conduziu o pequeno grupo de volta, descendo a ladeira e contornando o lago. Quando eles iam atravessando os gramados, que brilhavam com o orvalho da manhã, o sol nascente refletiu-se como labaredas nas janelas da casa.

Meredith parou de repente.

uma silhueta tremeluzente e insubstancial de vestido verde e branco, justo na cintura, de saia ampla e mangas bufantes.

Os cabelos lhe caíam soltos, cobre fulgente sob os raios frios do sol. As árvores atrás dela, prateadas pelos cristais de gelo, cintilavam como metal.

Meredith pensou ouvir música mais uma

Tal como a partitura de piano, Sepulcro
1891, o lugar delas era na terra.

Os olhos de Meredith mantiveram-se
fixados a meia distância, mas a imagem
já esmaecia.

Ela está indo embora.

Fora o desejo de justiça que mantivera
Léonie ali. até que toda a história fosse

— Estou bem. Só com um pouco de frio.

Seus olhos ainda estavam fixos a meia distância. A luz estava mudando. Até os pássaros tinham parado de cantar.

— O que eu ainda não entendo — disse Hal, enfiando as mãos nos bolsos — é por que você. Quer dizer, é óbvio que existe a ligação familiar com os Vernier, mas, mesmo assim,

— Tem certeza de que você está bem?
— repetiu Hal, com ar preocupado. Ela balançou a cabeça devagar.

Durante mais alguns minutos, continuou a fitar o espaço vazio, sem querer romper sua ligação com aquele lugar. Depois, respirou fundo e se achegou a Hal. A sua sensação de calor, de carne sólida e sangue.

noite.

Houve uma salva de palmas
entusiásticas, ainda que pouco
numerosas, e o silêncio desceu sobre a
pequena livraria independente. Hal,
sentado na primeira fila, deu-lhe um
sorriso de incentivo. De pé ao fundo, de
braços cruzados, estava sua editora, que
lhe fez sinal de positivo com o polegar.

Debussy tinham sido vizi-

nhos na rue de Berlin, em Paris. E, ao visitar o túmulo de Debussy no Cimetière de Passy, no 16º arrondissement, onde também estavam enterrados Manet e Morisot, Fauré e André Messager, havia encontrado, escondida num canto do cemitério, sob a copa das árvores, a sepultura de Marguerite Vernier.

do terceiro estágio da sífilis em diversas clínicas, mas havia regressado à França no outono de 1897. O segundo corpo talvez fosse o do criado de Constant, que sabidamente estivera na multidão que havia atacado a casa. Seu cadáver nunca fora encontrado. O terceiro era mais difícil de explicar: espinha torcida, braços anormalmente compridos, uma pessoa de não mais de um metro e vinte de altura.

Pesquisando um pouco mais, Meredith havia descoberto dois detalhes escondidos nas reportagens dos jornais. Primeiro que, na tarde da véspera de todos os Santos, uma jovem cuja descrição correspondia à de Léonie Vernier tinha visitado o presbitério em Coustaussa. Havia recuperado um bilhete manuscrito. Segundo, que uma carta de tarô fora deixada entre os dedos

verão e o começo do outono de 2008. Filho de Anatole e Isolde, ele havia crescido sob os cuidados de Audric Baillard, num pequeno vilarejo da cordilheira de Sabarthès chamado Los Seres. Depois da morte de Léonie, Louis-Anatole nunca mais regressara à Herdade do Cade, que ficara em completo abandono. Meredith havia presumido que o guardião de Louis-Anatole devia ter sido o pai o quem

Matthews, que havia engravidado e tido uma filha.

Louisa. Pouco depois, o romance chegara ao fim, e Lillian e Louis-Anatole pareciam haver perdido o contato. Meredith não conseguira encontrar nenhum indício de contato entre o pai e a filha, mas tinha esperança de que Louis Anatole houvesse acompanhado o progresso da filha a distância.

Três anos de trabalhosas pesquisas, e ela havia conseguido chegar ao presente. Jeanette tinha herdado a beleza, o talento e o caráter do avô, Louis--Anatole, e também da mãe, Louisa, mas herdara igualmente a fragilidade e a vulnerabilidade da bisavó francesa, Isolde, e do pai, Jack.

Meredith baixou os olhos para a quarta

acusações pelo assassinato do irmão ou pela tentativa de homicídio contra Shelagh O'Donnell. As provas circunstanciais de ambos os casos eram convincentes, mas, nas circunstâncias vigentes, a polícia relutaria em reabrir o inquérito sobre a morte de Seymour. Quanto a Shelagh, ela não tinha visto seu agressor e não houvera testemunhas.

— Portanto, senhoras e senhores, uma salva de palmas, por favor, para a srta. Meredith Martin.

Houve uma explosão de aplausos estrondosos, inclusive, suspeitou Meredith, por Mark ter finalmente parado de falar. Ela respirou fundo, compôs-se e ficou de pé.

— Obrigada por essa apresentação

Foi ela quem me ensinou a sempre aguentar firme, por piores que fossem as situações. E, o mais importante —sorriu, adotando um tom um pouco mais leve —, e especialmente apropriado na noite de hoje, foi Mary quem me mostrou como fazer as melhores lanternas de abóbora que já existiram no Dia das Bruxas!

O grupo de familiares e amigos riu.

Meredith diminuiu o ritmo ao se aproximar do fim da leitura.

E que, na verdade, esta história não começa com a ausência de ossos numa sepultura parisiense, mas com um baralho. O Tarô Vernier.

Houve um momento de silêncio, e então começaram os aplausos.

Ar, água, fogo, terra.

— Obrigada — disse Meredith, quando terminaram os aplausos. — E muito obrigada a todos por terem vindo.

NOTA DA AUTORA SOBRE O

TARÔ VERNIER

O Tarô Vernier é um baralho imaginário.

editora Element (1999).

AGRADECIMENTOS

Tive a extrema sorte de contar com o apoio, a orientação e a ajuda prática de inúmeras pessoas durante a redação de Sepulcro. É desnecessário dizer que quaisquer erros, sejam de fato, sejam de interpretação, são meus.

frequentemente não cantados em verso
e prosa, dos departamentos de
produção, vendas e marketing,
publicidade e outros

— em particular a Gaby Young, Mark
Rusher, Dallas Manderson, Jo Carpenter
e todo o pessoal da LBS

Nos Estados Unidos, eu gostaria de
agradecer a George Lucas e a minha

e Claudine l'Hôte-Azema, em Mirepoix; a Régine Foucher, em Rennes-les-Bains; a Michelle e Rôland Hill, por me haverem permitido ver o diário; à sra. Breithaupt e sua equipe em Carcassonne; e a Pierre Sanchez e Chantal Billautou, por toda a ajuda prática nos últimos 18 anos.

Um imenso agradecimento vai para os amigos, em especial Robert Dye,

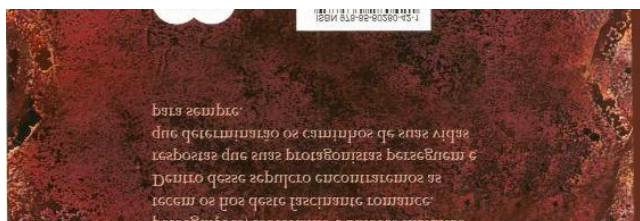
Sepulcro seria um livro muito diferente.

Por fim, como sempre, Greg. Seu amor e confian-

ça, que proporcionam tudo, desde orientação editorial e prática até a feitura de cópias de segurança de todos aqueles arquivos, além de comida, noite após noite, fazem toda a diferença do mundo. Como sempre fizeram.







para sempre

que determinam os caminhos de uma vida
e a vida é uma história de descobertas e
desafios que se repetem em ciclos de
repetição e de transformação.

